UM NOVO JESUS

KEVIN RYERSON

Tráducão: Amadeu António

A REDESCOBERTA DOS SEUS ENSINAMENOS MAIS PROFUNDOS POR MEIO DA INVESTIGAÇÃO INTUITIVA

Kevin Ryerson
Tradução de Amadeu António

A vida e os feitos do homem Jesus desencadearam a imensa religião Cristã há praticamente dois milénios atrás, mas a sua mais sublime e profunda doutrina foi quer negligenciada ou fortemente reformulada pelas necessidades práticas da Igreja Cristã primitiva. Este velho envoltório religioso, que sobreviveu até hoje, não mais satisfaz a actual onda dos Cristãos praticantes e dos outros buscadores que andam em busca de por respostas claras para todas as questões espirituais prementes:

Qual é o propósito da minha vida e de toda a vida? De onde vim? O que irá acontecer-me depois que eu morrer? Quem sou eu? Por que há tanta injustiça e sofrimento no mundo, e por que não faz "Deus" alguma coisa em relação a isso? E assim por diante. Apenas uma pequeno número dos místicos cristãos, santos e profetas desde os dias de Jesus terão encontrado respostas satisfatórias para essas perguntas através da sua devoção individuais
e esforços intuitivos.

É já tempo agora de lançar esses ensinamentos originais de Jesus a partir do seu envoltório doutrinário, lendário e religioso. Este livro tenta identificá-los, libertá-los das garras de tradição e atualizá-los para atender às necessidades espirituais dos requerentes contemporâneos. Utiliza, para o efeito, o método poderoso e comprovado da *investigação intuitiva*. Esta abordagem é distinta de meios racionais para a obtenção de conhecimentos, por serem fundamentalmente pouco plausíveis a uma tarefa como esta. Utilizamos em vez disso as habilidades de um especialista intuitivo, *Kevin Ryerson,* cujo registo para a obtenção de informação completamente nova ou informação perdida e de vários tipos, tem sido verdadeiramente notável. Muitas das suas contribuições passadas foram validados cientificamente.

Nesta primeira tentativa de aplicar o método de investigação intuitiva à vida e aos ensinamentos de Jesus encontrarão respostas perspicazes para as principais questões, incluindo a revelação das várias lacunas e a solução de distorções e

contradições presentes nos Evangelhos do Novo Testamento e escritos Cristãos afins. Também propõe respostas às questões fundamentais colocadas acima e mostra como aplicar essas respostas para melhorar a vossa vida pessoal com uma nova compreensão enriquecida, e uma espiritualidade fresca e genuína. O livro termina com uma reformulação moderna da filosofia espiritual que Jesus propôs aos seus apóstolos e a gerações posteriores — e a vocês.

INTERLÚDIO

Vamos começar este inquérito intuitivo, colocando a John uma questão fundamental acerca das implicações de longo alcance que esta nova história de Jesus possa ter para a ampla classe dos Cristãos do mundo, incluindo os que não se encontrem propensos a ler este livro.

Pergunta: *Centenas de milhões de pessoas neste planeta sentem-se inclinadas a apoiar-se na lenda de Jesus para obtenção de sustento espiritual. Ao apresentar esta história mais profunda de Jesus e do Cristo, como devemos prestar o devido respeito àqueles que se dedicam fortemente à lenda cristã, embora seja ambígua, confusa, historicamente incorreta e muitas vezes enganosa?*

João - Há muito a debater acerca da dinâmica da lenda, mesmo nos dois mil anos de história. Não é tanto uma *fragmentação* da lenda que se tem dado mas uma diversificação *dos* componentes de lenda. Lembra-te, a lenda sempre contém um elemento de verdade e baseia-se em factos. Procurar, pois, *revitalizar* a visão que oferece, para que possam reinventar e, ou, redescobrir os elementos da lenda que os sirva mais. Considera não abordá-la como uma *desconstrução do* que foi apresentado, mas como uma revitalização das diversas partes do corpo de Cristo – designadamente, a própria linguagem da chamada lenda…

Assim, a evocação consta do seguinte: reunir todas as recordações, todos os diversos elementos da chamado lenda, e incutir-lhes um novo alento e uma nova vitalidade; para reunirem toda a partes do corpo, o todo, de modo que essas pessoas possam sentir-se mais uma vez *movidas* pelo espírito e revitalizadas por ele. Por ser parte integrante, não só dos seus caracteres, mas das suas almas. Por outras palavras, não é necessário nem desejável destruir ou mesmo diminuir a lenda cristã, tal como existe, mas apenas ampliá-la, unificá-la e revitalizá-la. Esta será a postura que assumiremos nos capítulos que se seguem.

O REGISTO ESCRITO

Por o material de fonte histórica sobre Jesus ser tão incompleto, tendencioso e distorcido como uma biografia, conforme anteriormente explicado em pormenor, não pode ser invocado em termos de exatidão histórica, fiabilidade ou veracidade. Comecemos a nossa investigação perguntando resumidamente com respeito a alguns dos registos históricos sobre Jesus para ver o que poderá ser colhido de novo sobre eles.

REGISTOS ESCRITO E ORAL

Tanto quanto se pode apurar Jesus jamais preparou qualquer autobiografia ou outros escritos. Ele pode nem mesmo ter sabido ler.*

Pergunta: *Será verdade que Jesus nunca escreveu nada pelo próprio punho?*

João - Jesus era instruído. Ele muitas vezes trocou correspondência. Sobreviveram cartas que ele dirigiu ao chamado rei de Edessa, de modo que trocava correspondência. †

**É defendido que os Judeus aprendiam a ler e a escrever na sinagoga local, mas o ponto de vista dos estudiosos é que a percentagem dos judeus galileus alfabetizados não tenha ultrapassado os 5%. Não há declaração clara alguma de que Jesus tenha sido letrado, embora pareça provável que tenha sido, com base numa série de declarações circunstanciais dos Evangelhos; por exemplo, o acto de escrever na areia diante da mulher apanhada em adultério.*

†*A história Cristã dá-nos conta de que o rei Abgar V de Edessa, na Índia, terá escrito a Jesus, implorando pela sua ajuda na área da cura, e que Jesus terá respondido com uma carta, oferecendo-se para enviar um discípulo, após a sua morte. Mesmo isso que seja verdade não prova que Jesus tenha redigido, ele próprio, a carta, obviamente. Também é mencionado um retrato de Jesus. Textos supostamente escritos por Jesus sobreviveram, mas os estudiosos consideram-nos espúrios.*

Pergunta: *Por que não terá ele preparado registos escritos do que fez e ensinou?*

João - Jesus, à semelhança de muitos Essénios, conhecia os ensinamentos da Torá, onde praticamente cada palavra está baseada no Pentateuco, ou no Tetragrammaton.

Poderá ser reconhecido que o Mishná,* as chamadas tradições orais originais, representava ainda um diálogo aberto e conhecido entre os judeus e os hebreus e mesmo no seio dos essénios.† Embora alfabetizados, em particular desde os dias de Abraão, e originários das cidades das planícies e do Egipto, eles tinham uma língua escrita. As qualidades sagradas da língua hebraica emergiram de modo a conservar os mistérios da Torá.

Conhecendo-os de cor, ou de memória, e diante da existência de um denominador comum, Jesus percebeu a repercussão que a transmissão da *palavra* poderia ter. Ele sabia que eventualmente acabaria por surgir quem procurasse conservar as palavras, já que esta era a natural propensão da palavra redigida.

Os Essénios eram autores de muitos pergaminhos mas consideravam o trabalho directamente procedente do coração uma forma superior de ensino, na tradição oral. Assim, conquanto Jesus não proibisse a redação dos evangelhos, deixou instruções que diziam: "Eis que nesses dias não ponderarão no que haverão de dizer, por ser "Eu" quem falará por vós." ‡

**O Mishna é a coleção inicial da tradição e da lei judaica, a base do Talmude, originalmente oral, como salientado anteriormente. É considerado como a mais significativa recolha da tradição judaica destinada à interpretação da Tora… O Pentateuco compreende os cinco livros da Tora Hebraica, que são essencialmente os mesmos cinco livros iniciais do Antigo Testamento Cristão… O Tetragrammaton é uma designação de quatro letras, geralmente redigida sob a forma de YHWH, e destina-se a representar o nome impronunciável de Deus.*

† Os Essénios eram uma seita Judaica ascética e messiânica, complementar aos Fariseus e Saduceus. Floresceu no Oriente Médio, pelo menos na Palestina e Egipto, desde o segundo século aC até ao primeiro século DC. Alguns Essénios viviam em comunidades religiosas, uma das quais é agora conhecida como tendo existido em Qumran, no Mar Morto, perto do local onde os Manuscritos do Mar Morto foram descobertos.

‡ As fontes intuitivas e evangélicas necessitam, evidentemente, de uma validação pessoal por parte dos seus leitores. Tampouco devem ser tomadas como intrinsecamente correctas ou dotadas de autoridade sobre as demais.

(NT: O Tetragrammaton, que poderá ser interpretado grosso modo como o Poder das Quatro Palavras, é um tratado esotérico assente numa complexa combinação de letras do alfabeto Hebraico, rego e Latino, associada aos símbolos esotéricos do pentagrama, do zodíaco, de algarismos e de formas geométricas, dotada de significado muito complexo, por depender da interpretação de cada símbolo independentemente)

Muitos, entre o povo Judeu, assim como muitos por entre as tradições orais, possuíam recordações mnemónicas altamente qualificadas. Por exemplo, se quisessem medir as ondas cerebrais alfa e beta entre aqueles das tradições orais em vez dos das tradições escritas, iriam descobrir que os centros mnemónicos da arquitetura do cérebro eram altamente estimulados - por outras palavras, uma memória superior.

Jesus, ao aderir à tradição oral, sabia que isso iria forçar os indivíduos que queriam conhecê-lo a vir à sua presença. Era seu desejo que as pessoas fossem conduzidas ao companheirismo, criando assim uma afinidade de espíritos por intermédio da experiência direta mútua, em vez de por meio da palavra escrita, que tem tendência para compartimentar e isolar a sociedade e para criar formas administrativas, em vez da verdadeira condição de família.

(NT: A mnemónica constitui um conjunto de técnicas auxiliares à memorização, assente em suportes como esquemas, símbolos, gráficos, palavras ou frases relacionadas com um determinado assunto)

***Pergunta:** Existirão mais registos escritos dos apóstolos do que aqueles que temos disponíveis hoje?*

João - Correcto. Existem vários Evangelhos que são considerados apócrifos, mas que com efeito são autênticos.

O Evangelho de Marcos

Ao avançarmos desde o Evangelho de Marcos, o mais antigo, até ao de João, mais recente, a sequência revela uma progressão do biográfico para o devoto, do objetivo para o subjectivo e do secular para o doutrinário na persuasão que exerce.

O Evangelho de João discorda tanto dos três Evangelhos sinópticos que ambos não podem estar certos.

O Evangelho de Marcos, o mais curto (16 capítulos somente) e o mais substancialmente biográfico dos quatro, realça os actos de Jesus acima dos ensinamentos e apresenta um Jesus mais humano que divino. À semelhança dos outros três, a sua autoria é objecto de dúvida: quem é esse Marcos? As autoridades da Igreja atribuem-no ao evangelista Marcos dos últimos anos, embora isso provavelmente tenha sido feito para lhe dar crédito, atribuindo-o a um sócio de Jesus.

Pergunta: *Terá o autor do Evangelho de Marcos na verdade sido um rapaz que andava ao redor de Jesus durante o seu ministério, como alguns afirmam?*

João - Correcto. Ele era um discípulo jovem, um moço. O canal que fala [John] foi considerado o mais jovem dos discípulos – contudo, por uma diferença de poucos anos.

Pergunta: *Será esse Marcos o mesmo que o João Marcos mencionado no livro de - Actos, um companheiro de Paulo e de Barnabé?*

Isso estaria correto.

Pergunta: *Os últimos dez versos no final do Evangelho de Marcos parecem ser bastante diferente do resto. Será que Marcos realmente os escreveu ou foram inseridos por interposta pessoa?*

João - Com respeito a algumas mudanças verificadas nos Evangelhos, lembra-te de que algumas coisas foram escritas a partir de uma perspectiva histórica e outras em estados de êxtase.

O EVANGELHO DE TOMÉ

O Evangelho apócrifo de Tomé, parte da coleção de documentos de Nag Hammadi mencionada anteriormente, alega ter surgido das instruções privadas de Jesus dadas a Dídimo Judas Tomé (não ao apóstolo Judas mas talvez ao apóstolo Tomé, um irmão gêmeo, que também pode ser o autor de outro apócrifo, o "Evangelho de Tomé." † Esse Evangelho não contém nenhuma narrativa, assim como os quatro Evangelhos principais, e não faz qualquer menção a Cristo, Senhor, ao pecado, à

Segunda Vinda ou à ressurreição. Consiste apenas em 114 *provérbios* atribuídos a Jesus, alguns dos quais surgem em duplicado nos quatro Evangelhos principais. Muitos destes ditos parecem altamente simbólicos e revelam-se difíceis de conciliar com qualquer outros dos Evangelhos ou com a doutrina e as crenças cristãs primitivas.

† *São eles o Evangelho da Infância, de Tomé*, o *Livro de Tomé o Candidato* e os *Actos de Tomé* [ECW].

Pergunta: *O Evangelho de Tomé, uma coleção de provérbios atribuídos a Jesus, parece terrivelmente ambíguo e até contraditório em relação a outros ensinamentos de Jesus. Quão preciso e importante será esse Evangelho, e como haveremos de interpretar isso?*

João - As parábolas de Jesus e ditos presentes no livro de Tomé foram consideradas tão poderosas que foram isoladas do contexto dos ensinamentos. Essa foi muitas vezes a forma como o homem Jesus falou quando se dirigia aos discípulos em particular.* Por vezes era por esses tipos de ensinamentos que os discípulos ansiava. Eles eram comparáveis aos *Koan* do Zen. †

Quando o homem Sócrates desejava causar grande perplexidade ele costumava apresentar uma resposta a um indivíduo sem que ele tivesse formulado qualquer pergunta, o que causava um enorme espanto; por outras palavras, carecia de contexto. Quando queria esclarecer um indivíduo fazia-lhe uma pergunta e orientava-o através da pergunta, até que atingisse a sua clareza natural, ou sabedoria superior.

Pergunta: *Por exemplo, Tomé cita Jesus como autor do dito: "Toda mulher que se fizer homem entrará no reino dos céus. "Que 'diabo' terá ele querido dizer com isso?*

João - Essa expressão fala do chamado reino do céu. Jesus sabia que as pessoas viam o reino de vários modos, razão pela qual os Evangelhos traçam várias descrições daquilo a que tal reino se assemelha. É um reconhecimento das várias fases de crescimento psíquico da alma e do Indivíduo.

**Não nos devemos surpreender por alguns dos ensinamentos de Jesus não terem sido destinados a audiências de massas, mas apenas àqueles adequadamente*

preparados, incluindo alguns de seus apóstolos. É citado como tendo-o afirmado ele próprio. [Mat. 13:13, Marcos 4: 11-12,

33-34, Lucas 08:10. Em tempos passados, havia um constante comércio de segredos, especialmente na Palestina de Jesus. Tais práticas parecem antidemocráticas nos nossos dias e na nossa era, por tendermos a acreditar que virtualmente toda a informação deva ser livre e estar disponível, em bibliotecas e na Internet, mas esse não foi de todo o caso até recentemente.

† Um Koan é uma questão do ensinamento zen, cuja resposta tende a ser inacessível à compreensão racional, forçando assim o aluno a confiar nas suas capacidades intuitivas.

Comentário do tradutor: Koan consiste num confronto com o paradoxo, que se presta ao esclarecimento pelo sentido que excede os sentidos físicos.

No contexto da alma humana, segundo a psicologia contemporânea, por exemplo, sabe-se agora que ela [a psique ou alma] contém ambos os sexos masculino e feminino, tanto ao nível fisiológico como ao nível psicológico.* O conceito de *reino* constitui um termo arcaico que significa "ordem de coisas, que o "compara à chamada criação, referindo a ordem natural ou o estado das coisas como similar ao Éden; a habilidade de ver o divino em todas as coisas. Pode-se ver nisso as *linhas ley* da terra que ligam todos os seres vivos.† Outros podiam ver os anjos a ir e a voltar. E essas experiências ainda seriam caracterizadas por diferentes níveis. Mas aqui representou uma verdadeira chave.

Também reza no Evangelho de Tomé o seguinte: "Aqueles que fazem dos dois um só não perecem, ou não morrerão, mas terão vida eterna." O que isso refere é simples: constitui a unificação do masculino e do feminino no próprio - ou seja, a união da alma - entre o que é considerado tanto racional quanto não-racional, o analítico e até mesmo o intuitivo, que nas filosofias orientais é referido como o Yin e o Yang, e neste caso, o macho e a fêmea inerentes à pessoa. No Tantra Ioga‡ é referido como a unificação dos chakras da base e dos chakras superiores.§ Essa união, por sua vez, abre o chamado Kundalini,* que os deixa abertos a uma ordem superior de estados psíquicos e que lhes permite, em seguida, entrar no reino, ou ordem natural ou espiritual das coisas.

** João aparentemente refere-se à identificação dos arquétipos de Animus e Anima que têm lugar na psique humana, e que brotam de uma descoberta geralmente creditada ao psicólogo Carl Jung.*

† As linhas Ley são alinhamentos geográficos lineares de alguns edifícios antigos, monumentos e megálitos. A sua origem e significado são desconhecidos e amplamente contestados. Não é difícil encontrar linhas que passam através de três ou mais conjuntos aleatórios de pontos.

Comentário do tradutor: As linhas ley são linhas de energia magnética da Terra que englobam pontos de interceção, que por sua vez se prestam a significativas ocorrências.

‡ *Tantra* é uma tradição esotérica vagamente definida, um acúmulo de ideias místicas e de práticas que são comuns no Extremo Oriente, especialmente no Tibete, e que reivindicam a capacidade de trazer o poder cósmico do universo à vida física de um indivíduo, incluindo o corpo físico. São empregadas várias práticas de ioga, uma das quais desvia a energia sexual para essa abertura espiritual, e este é o aspecto pelo qual o Tantra é mais conhecido no Ocidente... *Ioga* é uma antiga escola de filosofia hindu que propõe um caminho e um meio para a perfeição espiritual. Os seus vários ramos incluem os "quatro iogas" - os caminhos de ação, devoção, conhecimento e karma - juntamente com as posturas corporais físicas de *Hatha* Ioga, e agora a forma mais familiar de ioga no Mundo ocidental.

§ De acordo com a filosofia oriental, os chakras são sete focos de energia sutil existentes no corpo humano que se encontram localizados ao longo da medula espinal e que se crê representarem os pontos onde as forças espirituais são traduzidas numa forma material que o corpo pode utilizar. Alguns intérpretes modernos associam-nos às sete glândulas endócrinas. Ver uma discussão mais aprofundada em capítulo posterior.

> ***Pergunta:*** *Nesse caso, seria igualmente correcto dizer que alguém que seja do sexo masculino e se "torne mulher," nesse sentido se encontre no reino de céu?*

> **João** - Correcto. Por outras palavras, se um indivíduo tiver uma concepção de si somente nos termos da identidade sexual que adopta, ainda não terá entrado no Reino. Porquanto estará a agir fora do âmbito da natureza da alma por meio da unilateralidade de sexo. Quando ele percebe que é tanto masculino quanto

feminino, penetra uma profunda compreensão da natureza da alma, o que não acontece meramente com respeito à identidade material.

**Kundalini é um termo iogue que se refere a uma energia poderosa, encerrada na base do coluna vertebral, que pode ser libertada sob certos estados de consciência incomuns e elevados. Em seguida, ela eleva-se pelo corpo ao longo da linha dos chakras. Isto é simbolizado na tradição hindu como uma serpente desenrolando-se para cima. Desconhecido e muitas vezes mal interpretado no Ocidente, o despertar da Kundalini é geralmente espontâneo e constitui experiência pessoal profunda e, muitas vezes, transformadora. Certas práticas sustentadas pelo ioga são tidas na conta de capazes de despertar a Kundalini, com a advertência de que nunca devem ser forçadas, mas permitir que desperte por si só.*

Pergunta: *Então, o que terá essa passagem do Evangelho de Tomé a oferecer-nos hoje?*

João - Se ele for encarado como um livro de Koans, conforme no mistério da Livro das Revelações, pode ser dito que representa o seguinte: Um, que realmente abrange muitos dos ensinamentos místicos que Jesus tinha transmitido de forma particular aos discípulos ao lhes dar conta dos mistérios do reino, os mistérios do céu por que muitos deles ansiavam. Porquanto lembra-te, Jesus conduziu-os através do caminho de uma forma suave.

Quando ele recebeu a sua própria iluminação no batismo ministrado por João Baptista e quando, ao ser pela primeira vez abordado, conforme foi, lhe foi pedido que fizesse milagres ou desse um sinal, ele disse: "Primeiro vem conhecer-me a minha própria casa. Toma uma refeição comigo e conhece em primeiro lugar a minha humanidade." Então ele gentilmente encorajou esses indivíduos a crescer na medida em que a sua própria fé, ou crença, pudesse sustentá-los.

Isto constitui, [indica?] pois, que muitos dos ensinamentos de Jesus eram muito poderosos. Representavam poesia destinada a unificar a mente, o corpo e o espírito. Desejava a iluminação deles, mas também poupá-los quanto às consequências, de modo que a iluminação não os conduzisse para muito longe do mundo, para poderem permanecer *no* mundo, mas sem lhe *pertencerem*. De facto, Jesus precisava que os seus apóstolos espalhassem os seus ensinamentos depois de sua morte, e não que se tornassem místicos ou reclusos.

O EVANGELHO Q

O Evangelho Q nunca foi encontrado, nem existem quaisquer referências históricas à sua descoberta. Consequentemente existe actualmente uma controvérsia sobre se tal documento alguma vez terá existido.

Pergunta: *Será que realmente existe algum original do Evangelho Q?*

João - O Evangelho Q existe, e o canal que te fala foi guardião dos quatro conjuntos de manuscritos que representavam Q. Uma fonte desse Q foi o Evangelho de Tomé - os ensinamentos, os *provérbios* de Jesus, mas nota que contêm pouca narrativa histórica - o fluxo e a continuidade da vida do Homem Jesus.

Cada Evangelho foi conhecido por uma qualidade particular. Alguns listam os eventos da vida de Jesus, outros listam os milagres de Jesus, outros listam os provérbios de Jesus, e outros ainda enfatizam a qualidade geral da vida de Jesus. Isso ficou a dever-se ao facto de que, para proteger a verdade e para validar o testemunho, havia quatro *fontes* a usar, de modo que se uma se perdesse, as outras pudessem ser recuperadas.

Estas quatro fontes de Q ainda se encontram em existência na Ilha de Patmos, em pergaminhos ainda por documentar, no mosteiro que os preserva nesse local.* Há também fontes de Q que estão ainda por ser descobertas [identificadas?] em meio à chamada biblioteca do Mar Morto, por os essénios terem começado [mais tarde] a anotar a vida de Jesus.† Eles valorizavam muito esses livros sagrados. Eles ainda existem e continuam à espera de ser descobertos. Jesus [também] tinha registos mantidos por aqueles que conviviam com ele diariamente, tal como o canal que te fala. Caso contrário, eles seriam [transmitidos] pela via tradicional oral.

**Patmos é uma ilha grega não muito longe da costa da Turquia. Ela é citada no livro da Bíblia do Apocalipse [Rev. 1: 9] por seu autor "João", que diz que redigiu esse livro lá. A sua elaboração é tida na conta de ter tido origem numa caverna num dos lados da montanha da ilha, actualmente um local reverenciado pela UNESCO. A ilha contém vários mosteiros dedicados a São João, o maior dos quais contém uma grande biblioteca.*

† A maioria dos documentos essénios são anteriores à vida de Jesus, mas alguns foram escritos após a sua morte.

Pergunta: Esses registos que se encontram em Patmos deverão ser encontrados no porão do principal mosteiro que lá existe, no mosteiro de São João, ou em que outro local?

João - Existem várias cópias do mesmo. Alguns acham-se encerrados entre os pergaminhos e foram arquivados erroneamente; eles não são procurados, por serem considerados meras cópias dos outros Evangelhos.

O documento original na verdade acha-se protegido na caverna que foi considerada um abrigo. Foi colocado em jarros, não muito diferentes dos de Qumran. Talvez o chamado radar de penetração no solo pudesse revelar várias cavidades existentes no interior dessa estrutura. A caverna é historicamente considerado o local da Revelação.

NASCIMENTO E INFÂNCIA DE JESUS

De acordo com os Evangelhos o nascimento de Jesus foi anunciado com antecedência a sua mãe Maria através de um anjo, e a concepção ocorreu por meio da acção do Espírito Santo. Alega-se que o nascimento terá ocorrido num estábulo em Belém, que terá contado com a participação de pastores e de três "sábios" provenientes do Oriente, que terão sido atraídos lá por uma estrela especial e alguma ajuda de última hora da parte do Rei Herodes. Após o nascimento de Jesus a família partiu por alguns anos para uma residência no Egipto para escapar às inclinações assassinas de Herodes.

Em face disso, há pouca evidência de apoio que nos faça crer na história do Evangelho acerca da concepção e do nascimento de Jesus. Muitos estudiosos rejeitam-na por completo como uma criação da Igreja primitiva, montada a partir das chamada profecias do Antigo Testamento e das tradições do Oriente Médio com respeito ao nascimento de toda pessoa santa - tudo quanto terá sido adaptado ao caso de Jesus para elevar a posição que assumiu como ídolo chave da Igreja. Por outro lado, a história pode ser em grande parte verdadeira apesar da ausência de bons dados históricos. A evidência é de fato escassa, mas carência de evidências não significa que a história seja falsa, evidentemente.

Se a história do nascimento dos Evangelhos for na sua maior parte válida, então as principais questões sobre os primeiros e escassos anos centram-se em torno da forma como terá sido concebido, sobre a forma como os sábios terão sido guiados por estrelas para o seu nascimento e como ele e seus pais terão vivido no Egipto (se é que eles foram lá de todo - por Lucas narrar que regressaram de imediato a Nazaré). Há também a questão secundária do que se entende pelas alegadas e aparentemente conflituosas genealogias de Jesus em Mateus e Lucas, e pela sua "pertença à Casa de Davi."

Com estas quatro questões damos início ao exame da vida de Jesus.

CONCEPÇÃO

A primeira questão é se Jesus terá sido concebido normalmente por intermédio de um homem, presumivelmente José, ou de forma "imaculada" pelo Espírito Santo ou por outros meios incomuns.* O debate vem tendo lugar há séculos. Há argumentos persuasivos mas pouco convincentes de ambos os lados, mas sem resolução. A ciência atual não encontra precedente ou base credível para uma concepção espontânea, mas isso por si só não a descarta uma vez que o conhecimento científico é ainda incompleto nessa área.

** O termo técnico para esse processo designa-se por partenogênese. Ver a nota abaixo sobre hermafroditas.*

O problema acha-se igualmente enredado na presumível divindade de Jesus. Isto é, se ele fosse divino desde o início, então, poder-se-ia dizer que quase qualquer coisa poderia ter acontecido, incluindo uma concepção imaculada. Assim como, se ele tivesse sido concebido por alguma forma tão especial, então ele certamente teria que ser divino. Estranha lógica! Jesus nunca é citado como referindo-se à sua própria concepção ou nascimento, e os próprios relatos do Evangelho não são nem detalhados nem factualmente convencedores com relação à questão. Na verdade, toda a história é fortemente suspeita de manipulação por parte da Igreja primitiva. A concepção pode ter sido normal e os Evangelhos estarem simplesmente errados.

Também podemos brigar com a expressão usada. A profecia de Isaías e a declaração de Lucas referem-se apenas a uma rapariga solteira (*donzela) que* concebeu, não necessariamente a uma virgem, embora na sociedade judaica daqueles dias as duas coisas significassem praticamente o mesmo.

Da mesma forma, a suposta visita (dos Evangelhos) que o anjo Gabriel fez a Maria poderia ser interpretada como significando apenas uma bênção especial, não necessariamente uma concepção em pleno desenvolvimento.

Talvez isso realmente não importe. No entanto, as diferentes versões têm implicações diferentes quanto à forma como se preenche a infância desconhecida de Jesus e algumas das porções posteriores da sua vida. Terá ele crescido no anseio de um verdadeira pai? Será que a comunidade conservadora de Nazaré o considerou um bastardo e à sua mãe uma adúltera? (Bastardos e mulheres adúlteras eram párias sociais naquela época.) Será que o status do nascimento de Jesus terá afectado a consideração do casamento? Como terá Maria encarado a sua própria concepção?

Pergunta: *Em que sentido, se algum, foi Jesus realmente concebido de forma imaculada?*

João - Constatamos que Jesus nasceu tanto de uma mulher jovem como de uma virgem. Estes factos por si só terão cumprido as profecias assim como a dinâmica das escrituras [Antigo Testamento], apesar dele ter sido concebido por um homem e uma mulher. A mãe de Jesus nasceu sob o *signo* de Virgem, assim, ela era realmente Virgem, ou uma virgem. Tal foi o caso histórico. O signo de Virgem era historicamente conhecido naqueles dias. Em verdade, a palavra original dizia que deveria surgir uma criança nascida de uma jovem mulher, e que seu nome seria Emanuel, que significava "Abençoado por Deus." Assim, não vemos nisso qualquer controvérsia com relação ao contexto do que tem sido referido como o suposto nascimento virgem. Mas podemos tentar resolver o mistério ainda mais.

Com efeito, sabe-se que existe o fenómeno do chamado hermafroditismo, um ser que comporta tanto o sexo masculino quanto o feminino, que é actualmente do conhecimento da ciência, não como um caso estéril, mas dotado da faculdade de conceber por si só. Além disso, os vossos próprios cientistas têm avançado com o conceito de clonagem, em que é necessário haver apenas um dos pais essenciais. Mesmo para [além] da clonagem eles agora sabem que a estrutura da célula tem a capacidade de proceder a uma mudança do sexo, mesmo entre as formas de vida mais elevadas dos mamíferos. †

O conceito de nascimento virgem, ou da concepção imaculada costumava ser tal [que], chegava a ser desafiado como cientificamente mórbido. Talvez agora, por muitas vezes ser referido como um mistério pelas chamados fontes espirituais, a ciência deva proceder a uma reavaliação do que adianta e dizer que a maculada concepção ocorreu.

Os efeitos fisiológicos expressados no corpo físico estão apenas a começar a ser delineados pela ciência contemporânea. No entanto, há evidência de fisiologia esotérica nas mais recentes descobertas da ciência.

† Um Hermafrodita é um organismo que possui ambos os órgãos sexuais masculinos e femininos, embora o termo também seja usado para designar a reprodução unissexual. Ela ocorre em muitas plantas e invertebrados e em alguns peixes, por vezes através de autofecundação. Alguns animais bissexuais podem especificar-se como macho ou fêmea muito rapidamente, caso surja necessidade disso.

É conhecido, mas é incomum entre os animais de maior porte e os seres humanos… Os transsexuais são indivíduos que se sentem compelidos a mudar o seu sexo biológico, o que representa uma mudança física exequível nos últimos anos por meio de injeções hormonais e/ou de cirurgia. Muitas vezes isso conduz a sérios problemas psicológicos (que podem ter existido antes da conversão, é claro). De forma pouco surpreendente, a modificação do sexo envolve muitos aspectos controversos.

Por exemplo, quando estimulam os pontos meridianos geram as correntes das chamadas endorfinas,* portanto, a capacidade de manipular a fisiologia no sentido de uma concepção pelo próprio.

Será melhor conceber isso como uma concepção *divina*, porque, quando a energia Kundalini se abre a um estado mais elevado na anatomia feminina, gera-se uma capacidade para a concepção que poderia ser monitorizada [percebida?] por meio do fenómeno conhecido por clonagem.

Os Essénios, ao nível de alguns dos cientistas Pitagóricos e dos mistérios que reflectiam o avanço que os cientistas alquímicos do Egipto possuíam, certamente tinham a capacidade de banhos rituais, da oração e da meditação. Assim, a concepção autoinduzida ou *espontânea* era concebível no potencial da fisiologia humana ou da anatomia humana extraordinária. Assim, o canal que te fala apoia o conceito do nascimento divino.

Pergunta: *Mencionaste quatro possibilidades para o chamado nascimento virginal, ou Concepção Imaculada. Qual destes realmente se operou no caso da Maria?*

João - Essas [quatro possibilidades] constituem potenciais metafóricos para o nascimento virginal. Quanto ao que terá ocorrido, pode ser chamado de concepção energética - por outras palavras, quando alguém se torna literalmente masculino ou feminino como um objetivo específico. Ele [Jesus] foi concebido de uma forma mais de acordo com a sua condição de identidade mais semelhante à hermafrodita, ou àquilo a que a ciência agora se refere como clonagem.‡ Tudo quanto pode vir a suceder da parte da *alma*, e pode ser considerado uma forma de engenharia psíquica, por meio do recurso às forças psicocinéticas. Há uma certa cota parte disso em certos indivíduos contemporâneos, como Olga Worrall* e outros, cuja capacidade de usar a energia de cura para manipular a estrutura celular foi objecto de medição. Com efeito, a alma consegue o mesmo. Mas há também a capacidade que *uma outra* alma poder criar o veículo ou o acesso ao mundo, por meio do livre arbítrio e da permissão, a ponto de a concepção se dar dentro do chamado ventre virgem, como no caso do indivíduo que foi Maria.†

**De acordo com a Medicina Tradicional Chinesa, os meridianos constituem uma rede de canais que se estende por todo o corpo humano como um sistema de comunicação sensível, semelhante à rede neural, mas ao mesmo tempo distinta. Um estímulo adequado dos meridianos através da acupunctura é conhecida como um alívio para a dor. Alguns praticantes da saúde ocidental postulam que tal estímulo liberta na corrente sanguínea certas endorfinas - hormonas idênticas à morfina - que podem induzir o prazer ou sedar contra a dor.*

‡ O Evangelho apócrifo de Tiago também afirma que Maria foi concebida por forma imaculada.

Assim, João diz-nos que a história de imaculada concepção de Jesus não deve surpreender-nos, por ser consistente com possibilidades científicas conhecidas hoje e ser, consequentemente, credível. Poderia até ter sido induzida por um terceiro agente.

OS MAGOS E A SUA ESTRELA

Foi dito que o nascimento de Jesus teve a assistência de homens sábios ou magos, guiados por uma estrela ou "pelas estrelas. "O breve relato que Mateus faz diz o seguinte: "A estrela, que tinham visto no oriente, seguia adiante deles, até se deterem onde o menino se encontrava." Embora essa afirmação possa não ser literal e astronomicamente correta (por as estrelas não se moverem, embora os planetas se movam lentamente), ela parece referir um pouco uma previsão astrológica que poderia ter trazido os magos de tão longe quanto a Palestina, onde os Evangelhos dizem que Herodes lhes forneceu as direcções locais para Belém.

Houve de facto uma conjunção significativa e incomum dos planetas Júpiter, Saturno e Marte cerca de 7 AC, quando se acredita (com base em dados históricos) que Jesus tenha nascido. Seria isso o que estaria a guiá-los? Durante milhares de anos, e por várias culturas em todo o mundo, a astrologia tem sido praticada como um sistema de pensamento com base nos planetas destinado à cartografia do caráter humano e à profecia. Ainda hoje os astrólogos não estão de acordo se a informação que fornecem é representada pela localização física dos corpos celestes no momento do nascimento de alguém, conforme exibido no mapa de nascimento (ou por outro evento), ou se ela brota da percepção intuitiva do astrólogo, activada através do estudo do simbolismo dos planetas e dos seus movimentos. Talvez seja um pouco de cada. Naturalmente tanto a superstição como a fraude abundam num campo tão vago, mas isso não significa que seja um completo disparate.

** Olga e Ambrose Worrall foram famosos curandeiros americanos do século XX.*
† Esta última afirmação sugere que Jesus pode ter ajudado sua própria concepção a partir de um estado não-físico.

O que sabemos hoje é que muitos astrólogos qualificados forneceram informações pessoais altamente detalhadas e precisas aos seus clientes, bem além do que um psicólogo seria capaz de discernir, e fizeram algumas previsões fenomenais de eventos naturais muito além do que poderia ser razoavelmente esperado. Eles dizem que se baseiam apenas no mapa do nascimento do cliente - o qual ocasionalmente tem errado bastante! Afigura-se-nos que um não reconhecido processo intuitivo esteja em funcionamento. Ao mesmo tempo dezenas de estudos estatísticos cuidadosamente realizados não conseguiram encontrar qualquer correlação clara entre as posições planetárias e as características da personalidade humana.* O mistério da astrologia persiste.

Portanto, há a questão séria de se saber se os cenários do nascimento retractados por Mateus e por Lucas alguma vez terão tido lugar de em absoluto. Constituem histórias deliciosas que ainda hoje apelam ao Natal e a tudo isso, mas que representam uma boa repetição de velhas lendas do médio oriente e expectativas hebraicas para serem muito credíveis como um evento original. Marcos e João nem sequer mencionam o nascimento de Jesus. Vários intuitivos dos tempos modernos, incluindo Edgar Cayce apoiam a história do nascimento dos Evangelhos. O que terá o João a dizer?

Pergunta: *Quanto ao nascimento de Jesus, lemos na encantadora história de Lucas [na verdade é de Mateus†] acerca de uma estrela que aparece no céu que guiou os sábios do oriente. O que ela significará realmente? Estariam eles a seguir as estrelas à medida que viajavam, ou terá sido simplesmente uma metáfora para uma previsão astrológica intuitiva feita por esses homens sábios?*

João - Não, foi uma conjunção de planetas passível de ser identificada.

**Na verdade, existe uma exceção notável. O trabalho de Michel Gauquelin demonstrou definitivamente que os empreendedores profissionais (campeões de desportos, actores, generais, etc.) são mais propensos a ter certos planetas (Vênus, Marte, Júpiter) perto do horizonte ou do meio do céu na hora de seu nascimento. Essa conclusão é baseada em dezenas de milhares de nascimentos que ele acumulou e analisou. A maioria do seu trabalho sobreviveu a testes rigorosos tanto de apoiantes como de céticos. Gauquelin publicou sete livros com base na sua justificativa, métodos e resultados, e 23 meticulosamente volumes documentais de dados de nascimento [Gauquelin 1991].*

† Este é um erro meu; esse evento astronómico é relatado em Mateus, não Lucas.

Pergunta: *Então, eles estavam a seguir a conjunção dos planetas ou estavam a seguir uma previsão intuitiva?*

João - Ambos. Os Essénios eram mestres na astrologia. Por exemplo, o Manuscrito do Templo* fala sobre os doze portões do novo templo. Isto refere os chamados doze pontos de karma fundamentais para a astrologia. Os sábios do Oriente foram magos, astrólogos, e sabiam como calcular uma influência planetária. Vocês chamam a isso astrocartografia. Existem maneiras de calcular onde essa estrela, ou melhor, essa conjunção de planetas os levaria.

Pergunta: *Poder-se-á então dizer que essa elaboração representava uma previsão intuitiva?*

João - Sim, por ter um propósito. Na própria experiência que empreendes de visão remota, por exemplo, apenas com base em coordenadas numéricas, ela permite um ponto específico para a visualização dos objetos contidos [situados] num local. Na astrologia, e devido à natureza previsível das transições dos planetas nas suas órbitas naturais, isso proporciona a capacidade intuitiva, ou melhor, a capacidade psíquica, de ver [no] tempo e no espaço bem como em locais específicos os eventos antes que sucedam. Assim, também a profecia.

A INFÂNCIA DE JESUS NO EGIPTO

O Evangelho de Lucas relata que Maria, José e Jesus retornaram a Nazaré imediatamente após o nascimento e a purificação do Templo. Em contraste, Mateus descreve a fuga para o Egipto, mas é vago com relação ao tempo de partida e não diz nada sobre o que aconteceu depois de eles chegarem lá.

Pergunta: *Os pais de Jesus, aparentemente fugiram para o Egipto após o seu nascimento em Belém. Quanto tempo durou o período de espera antes de partirem para o Egipto?*

João - Eles partiram para o Egipto imediatamente por causa da matança dos inocentes. Eles permaneceram no Egipto por um período de cerca de quatro a seis anos, esperando a morte de Herodes. Isso teve que ver com o que é conhecido historicamente sobre a passagem de Herodes,* desde o momento da formação [conjuntura] das estrelas, do surgimento de Jesus e da aproximação da Era de Aquário.

** O Rolo do Templo é um dos Pergaminhos do Mar Morto. [Vermes 1987, p. 190ff.]*

A infância e os anos de formação de Jesus foram passados no Egipto, em particular, na comunidade do Cairo e na comunidade de Nag Hammadan, onde havia comunidades de Judeus Helénicos e Essénios.† Nesses sete anos ele passou por vários níveis de iniciação que eram exclusivos dos Essénios do Egipto, que mais tarde se tornaram nos chamados Gnósticos de Nag Hammadan. ‡

No Egipto, [existem] lugares onde a sagrada família se refugiou, nos limites da cidade agora conhecida como Cairo, e [também] numa antiga sinagoga associada a um lugar criado por Moisés. Nessa sinagoga uma das mais antigas cópias de escritos foi encontrada e ainda se encontra preservada. É conhecida como um antigo local sagrado que remonta ao tempo anterior a Jesus, a aos dias de Moisés. Há aí uma caverna em que a sagrada família viveu e em que foi submetida a iniciação. Acredita-se que seja o sítio onde Moisés morou na chamada terra de Goshen — por outras palavras, na boca do delta [Egípcio]. Jesus e a sagrada família também passaram um tempo no local agora conhecido como Nag Hammadan, famosa pela sua biblioteca gnóstica. Jesus estudou lá. Mesmo na sua idade adulta antes do seu ministério, ele dispensou revelações que eventualmente se tornaram nos fundamentos das influências gnósticas e Egípcias.

(Esta última observação aparentemente se refere à volta de Jesus para esse sítio num período tardio da sua vida.)

Após a morte de Herodes, a família pode regressar à sua terra natal e começar a sua instrução na sua Nazaré nativa. Assim, com a idade de sete, a saída do Egipto.

** Está bem estabelecido que Herodes morreu em 4 BC.*
† Consultar a secção sobre os Essénios no Capítulo 5.
‡ Ver as notas de rodapé no Capítulo 1 sobre Nag Hammadi e os gnósticos.

> ***Pergunta:*** *O Evangelho de Aquário inclui vários capítulos que descrevem o formação porque Maria e Elizabete alegadamente passaram enquanto Jesus era um bebé no Egipto. Dás alguma validade e esse relato?*
>
> **João** - Achamos que tenha valor. Se examinarem o comportamento das escolas ritual do Egipto, há muito enterradas nas areias e certamente não [acessíveis], há certos detalhes que revelam o que apenas agora está a emergir sobre a prática dos mistérios do Egipto. Elas revelam um notável paralelo com os mistérios descritos neste trabalho inspirado, o Evangelho de Aquário.

ASCENDÊNCIA

A tradição Judaica atribui uma ênfase especial ao seu Messias esperado, proveniente da "Casa de David." Jesus certamente não era o Messias que os judeus, viram, por ele ter cumprido a expectativa generalizada de alguém que iria expulsar os suseranos romanos, estabelecer um reino Judeu na terra e exibir as

características de liderança habituais de um rei. Ainda assim, ficamos com a questão de quantas dessas qualidades de Messias atribuídas por Deus, tenham nalgum sentido sido *herdadas* em vez de desenvolvidas naturalmente ou em vez de terem sido divinamente impostas. Será que essas qualidades pertenceram a Jesus pelo seu nascimento, ou viriam a evoluir durante o seu crescimento por meio de uma especial vida devota comprometida com a vida humana? Vamos lidar primeiro com a questão genealógica.

Pergunta: *Os Evangelhos dizem que Jesus pertencia à casa de David. Se assim for, como é que haveremos de compreender as genealogias traçadas por Mateus e Lucas?*

João - Eles disseram que ele procederia da Casa de David. No tradição Hebraica, a linhagem era transmitida através do sexo feminino, de modo que as linhagens da Casa de David [aplicava-se a] Maria.* No entanto, os irmãos de Jesus, assim como o seu meio-irmão Tiago, também pertenciam à Casa de David. Esses profetas eram considerados candidatos equiparados a tornar-se governantes da [terra.] pelos actos de profecia que evidenciaram, embora não tivessem sido ungidos unção como um rei administrativo.

** Mateus e Lucas fornecem diferentes genealogias, uma para Joseph e outra para Maria, o que propicia a possibilidade de que a mãe de Jesus, Maria, também pertencesse à Casa de David.*

As famílias muitas vezes traçavam linhagens para aferir talentos naturais e habilidades transmitidas aos descendentes. A importância das linhagens de José estava em que Tiago e até mesmo Madalena pertenciam à linhagem da Casa de David. Quando um dos irmãos de Jesus, pelo lado de José, casou, esse foi o curso natural que teve a sobrevivência da Casa de David.* Maria [também] deu à luz por meio da relação que teve com José.

Pergunta: *De uma perspectiva moderna torna-se difícil respeitar o conceito de herança - acreditar que a herança genética de Jesus tenha sido um tão significativa factor para o tipo excepcional de pessoa em que ele se tornou. Não será assim?*

João - Sabe-se que determinadas características podem ser transmitidas até mesmo através de métodos simples de chamada reprodução. Por exemplo, existem certas características físicas desejáveis que a humanidade associa à

beleza, e elas são transmitidas sob certas formas de linhagem doméstica. Mesmo certos animais foram desenvolvidos para temperamentos da personalidade. Portanto, poder-se-á dizer que determinados temperamentos da consciência podiam ser transmitidos por meio de linhagens. Essas linhagens, o que realmente influencia os genes, é a energia, a concentração, a meditação ou a linhagem meditativa, a linhagem contemplativa.

Em última análise, o temperamento ainda [reside] ao nível da energia da alma. Uma pessoa pode ser dotada de uma linhagem particular por a energia ainda poder repercutir nos genes. Se eles também recebem herdarem factores de outro parente, então diminuirão ou atrasarão o desenvolvimento desses dons particulares que ainda residem na genealogia.†

** João explica (no capítulo 9) que um dos irmãos de Jesus eventualmente se casou com Maria Madalena e que eles se mudaram para a França e deram continuidade à linhagem sanguínea.*

† João pode estar aqui a aludir a explicações que ele deu em outros discursos para o efeito de que, os genes de um indivíduo não são inerentemente fixos, mas que podem mudar no decurso da sua vida, dependendo da forma como essa vida for vivida. Esta ideia contradiz a tradicional a teoria da genética, que já é sabido que se acha incompleta e que está a ser desafiada nos dias de hoje. [Murakami 2006, 2006a] John também explica que uma essência, ou alma, ao encarnar "escolhe" o seu padrão genético preferido antes do nascimento a fim de ajustar a suas necessidades especiais ao crescimento na vida por vir.

Lembra-te que é dito: "O pecado é passado até à sétima geração." Pode-se igualmente dizer que as bênçãos sejam passadas até à sétima geração. Talvez por isso as crianças nascidas em determinadas condições na sétima geração sejam consideráveis profetas. Isso pode realmente ser cumulativo. Mas é o que a pessoa *faz* com as dádivas que, se vai tornar na própria contribuição final que delega à humanidade.

Pergunta: *Para esclarecer, estás a dizer que algumas dessas qualidades subtis de consciência que distinguem uma alma evoluída, como Jesus, a partir de alguém não tão evoluído, sejam, na verdade, transmitidas geneticamente?*

João - Por forma cumulativa. Por exemplo, se uma pessoa tiver trabalhado é dito que Deus abençoará as gerações futuras. Jesus falou disso quando disse: "Eis

que o reino das coisas" (ou ordem das coisas) "Não é diferente de um campo." O campo pode ser herdado e uma geração anterior pode ter armazenado um tesouro nele, mas, se vós não trabalharem o campo, não irão não só dispor de um património natural, como vocês também não irão descobrir o tesouro que lhes será aditado pelas gerações anteriores.

O que ele referiu é que constitui uma expectativa razoável que, se vocês puserem em prática um grau de saúde, através da ioga, da meditação, da oração, da Acupuntura ou de sistemas de energia, então a vitalidade será restaurada. De facto, pode dar-se uma remoção da idade de um metabolismo, dentro de um quadro de resultados fisiologicamente mensuráveis. Quanto mais não será, pois, quando os chakras* se abrem, e, em seguida, as chamadas energias Sefiráticas † — que são os outros centros psíquicos do corpo — e a Kundalini ‡ se abrem. É somente natural, pois, que isto possa influenciar a substância genética do indivíduo, e que algo da sua herança possa ser passado adiante. Foi quando ele falou do campo e de uma dádiva ou tesouro que se encontrava nesse campo. Mas se a geração seguinte não exercerem essas propriedades conscientes, elas irão voltar atrás e não ser transmitidas.

** Ver mais debates sobre os chakras no Capítulo 13.*
† Ver o debate no Capítulo 13 sobre a Sefirote, os dez atributos de Deus conforme visto na Árvore da Vida, e parte da mística Cabala judaica.
‡ Ver o debate da Kundalini no Capítulo 3 e posteriores.

FAMÍLIA E INFÂNCIA

Os Evangelhos não fornecem nenhuma informação em absoluto acerca da vida de Jesus durante a sua juventude e anos de formação até cerca dos trinta anos de idade, com exceção de uma breve visita a Jerusalém com a sua família aos doze anos. É tradicionalmente presumido que ele tenha crescido em Nazaré com a sua família. O Evangelho de Marcos diz (apenas uma vez, e vagamente) que ele foi aprendiz de carpinteiro com o seu pai. Contudo, torna-se difícil acreditar, que ele tenha adquirido as suas excepcionais qualidades de cura, habilidades psíquicas e sabedoria espiritual com a sua família, vizinhos e na loja de carpinteiro.

Há também a questão do quão normal, ele seria na sua infância e no início da idade adulta. Nesta matéria os Evangelhos também permanecem silenciosos.* A tradição cristã presume que ele tenha sido uma criança perfeita e que não podia errar,

consistente com a posição tradicional que assume como um aspecto, ou Filho, de Deus. Mais uma vez, tal presunção não tem qualquer base textual e é em todo o caso duvidosa. Não temos qualquer boa razão para acreditar que ele tenha sido diferente de um menino judeu normal. Antes de aprofundarmos esse período da vida de Jesus, porém, vamos nos familiarizar melhor com a comunidade em que ele cresceu e com os seus pais.

**O Evangelho da Infância de Tomás, apócrifo, descreve vários milagres realizados por Jesus em criança, como animar objetos de argila e reviver um companheiro morto, ambos mencionados no Capítulo 5. O Evangelho da Infância de Tiago descreve a concepção e o nascimento de Maria pela sua mãe Ana, que também afirma ter envolvido uma ocorrência imaculada.*

Os Esséнios

A seita Judaica separatista e redentora chamada E*ssénios* prosperou no Oriente Médio, mesmo antes do tempo de Jesus. Os Essénios são mencionados mais tarde, por Plínio, Filo de Alexandria e Josefo, todos historiadores do primeiro século, que afirmaram que orçavam pela "casa dos milhares" por toda a Judeia e tiveram a sua principal comunidade mesmo no interior do banco ocidental do Mar Morto, perto da aldeia de Qumram. Eles emergiram recentemente praticamente da obscuridade com a descoberta dos *Pergaminhos do Mar Morto* em cavernas nas proximidades.

Os Essénios eram estéticos e rigorosos nas suas práticas, abstendo-se do sacrifício, do dinheiro, do comércio e dos escravos. Eles interpretavam as Escrituras de uma forma única e dedicaram-se à disciplina, à pureza, à filantropia e à não-violência. Como os outros Judeus que estavam aguardando um Messias, eles dedicaram-se de todo o coração à preparação do seu advento.

Eles não são mencionados nos Evangelhos em absoluto, e a relação que tiveram com Jesus mantiveram-se historicamente obscuros, mesmo após a descoberta dos Manuscritos. Antes da descoberta dos Manuscritos o intuitivo chamado Edgar Cayce citou os Essénios como desempenhando um papel importante na educação de Jesus. Os Gnósticos do primeiro e segundo século misturam alguns dos princípios dos Essénios e dos ensinamentos de Jesus nas suas próprias doutrinas.

Pergunta: *Qual o papel que os Essénios desempenharam na vida de Jesus?*

João - Jesus, José e Maria eram Essénios, e, na verdade, Jesus foi criado, os seus primeiros treinos foram tidos com os Essénios, um facto que pode ser encontrado na antiga sinagoga de Carmelo.* Por isso achamos que ele tenha estado intimamente ligado aos Essénios, e que chegou mesmo a ser dito que ele pertencera à sua forma de vida. Ele viveu com os Essénios por um tempo e praticou as suas extraordinárias práticas estéticas.

Os Essénios puseram completamente de lado todas as indulgências, não ao contrário de Sidarta [o Buda], que conhecia tanto reis quanto a prática da estética e tentou desenvolver um Caminho do Meio. A relação de Jesus com os Essénios foi semelhante à medida que se foi tornando no Messias. Ele conhecia as práticas estéticas deles para alcançar o conhecimento dos estados angélicos, [que] não eram contrários às práticas de Enon [?] Mas essas práticas constituíam uma intenção de trazer elegância e requinte para poderem tornar-se universais e chegar mesmo aos Gentios, ou, como os considerava na altura, os Gentios *justos* [com] quem ele viveu e habitou entre e que muitos dos Essénios nunca chegaram a conhecer.

**"De acordo com Epifânio [Panarion], e Josefo [A Guerra Judaica], o Monte Carmelo tinha sido o reduto dos Essénios provenientes de... Nazaré."*

Jesus falou continuamente com os pobres; Com efeito, o Essénios eram conhecidos quase como sinónimo do apelido de "pobres." É por isso que ele diria: "Bem-aventurados são os pobres de espírito," pois na verdade, eventualmente herdarão o reino de Deus. Ele disse isso por ter uma grande confiança nos Essénios. Ele tinha esperança que, quando chegasse a diáspora, a ruptura ou a dispersão da cultura Judaica pelas nações, que [os Essénios] poderiam tornar-se divinos no seu devido tempo por meio das grandiosas revelações que ele havia operado. Porque, com a volta de cada era, [tal como] vocês têm sobre vós a assim chamada Era de Aquário, têm consciência de que há uma grande esperança para a transformação da *totalidade* da sociedade. [Ele tinha] uma grande esperança em que os Essénios pudessem tornar-se nesse veículo.

Se estudarem as sagradas escrituras dos Essénios [verão que] eles não só estudavam a Torá, mas estudavam outros livros atribuídos a Moisés. Estudem as antigas cifras (códigos secretos) [textos] dos Manuscritos do Mar Morto que vocês verão aí contínuas referências aos Essénios, [que] percebiam ser Filhos de Deus.

Eventualmente, eles tornaram-se mais em conservadores do conhecimento. Muitas das raízes dos grandes mestres da Cabala* e místicos do Judaísmo poderiam conduzir de volta aos Essénios. Mesmo entre as pessoas Judias que eram perdoados pelo Estado Romano e eram autorizados a permanecer e a residir na sua terra histórica [depois da diáspora], muitos deles eram Essénios.

Esse esforço particular encontra, pois, uma réplica histórica [validação] no local de Qumran. Portanto, se estudarem os [escritos] da autoria de um Essénio encontrarão diversos manuais; Em particular, os assim chamados Manuais de Disciplina e outros, sobre a maneira pela qual o Essénio era ensinado desde *o nascimento* de forma a discernir a natureza dos anjos, ensinado desde *o nascimento* de discernir os nomes de Deus, ensinado a partir do *berço a* discernir o fenómeno que vós conheceis como a Cabala contemporânea. *

**A Cabala é um sistema místico Hebraico secreto e filosófico, um "caminho para o conhecimento," que se acredita ter sido transmitido de Moisés e incorporado na doutrina Hassídica no século 18. Secretamente guardado durante a maior parte da sua história, descreve os dez Sefirote, ou atributos de Deus, cujas inter-relações são representadas na árvore de Vida . O principal conjunto de comentários sobre a Cabala é o Zoar . Ver um debate mais aprofundado no capítulo 13.*

Pergunta: *Ser um Essénio equivaleria a ser um membro de uma igreja? Envolveria ritual e preparo?*

João - Ser um Essénio, de forma mais precisa, equivalia a situar-se entre uma (das suas) comunidade. Os próprios Essénios, embora disciplinados nas suas práticas ascetas, não esperavam que todos as praticassem. Qualquer estranho poderia visitar e solicitar aprendizagem, e, eventualmente, obter graduação no círculo interno.

Além disso, sabe-se que os Essénios mantinham muitos calendários astrológicos. Por exemplo, muitas vezes organizavam casamentos cerimoniais entre pessoas de acordo com a astrologia, o que era exclusivo em relação ao calendário Hebraico, mas que apresentava paralelos no que ficou conhecido como astrologia Grega. † Não precisam ir mais longe do que o chamado templo de Dendera, no Egipto para verem calendários semelhantes que o próprio Jesus, o homem que se tornou o Messias, tinha buscado. ‡

Verificaram-se rituais de reanimação e de ressurreição muitas vezes praticados entre os Essénios. É por isso que eles muitas vezes atingiriam a longevidade, como Moisés, alguns até os 120 anos, por vezes mais ainda. Isso não deveria representar uma maravilha, por alguns de vossos indivíduos mais de mais longa duração, que vocês atribuem ao fenómeno da genética, mesmo nos dias de hoje viver bem para além de um século. Os Essénios realizavam essas coisas conscientemente e - o que é referido um pouco de bom humor - a maioria destes casais até ao presente vivem longos períodos sem praticarem o acto sexual entre si, apesar de lhes ser permitido pelo casamento.

** Para uma descrição mais completa da Cabala consulte o capítulo 13.*
† Veja os comentários e nota de rodapé acerca da astrologia no Capítulo 4.
‡ Dendera é uma cidade antiga na margem do Nilo, no Egipto, e o local de um dos os maiores e mais bem preservados templos em todo o Egipto. Partes dela datam de 2500 aC.
Certa vez incluiu um zodíaco famoso, agora no Museu do Louvre, Paris.

Maria, a Mãe de Jesus

Maria foi canonizada, adorada, tornada ícone e por outro lado honrada no cristianismo embora saibamos muito pouco sobre ela historicamente. O filho que ela concebeu e criou era realmente excepcional, mas que nos dirá isso sobre *ela*? Fora a lenda cristã sobre ela ficamos a saber quase nada.

Podemos razoavelmente supor que Maria seria uma boa mãe, dado o seu especial chamado, e que sofreu tanto quanto pelo menos todas as mães que têm filhos excepcionais num ambiente amplamente não civilizado - especialmente quando os seus filhos são mais tarde mortos. Por um lado, ela pode ter sido tão inconsciente daquilo com que estava a lidar no caso daquele filho invulgar que ela terá ficado repetidamente surpreendida, chocada e frustrada. Por outro lado, talvez ela soubesse o tempo todo o destino do filho que ela havia dado à luz, e esperasse plenamente as consequências incomuns que se seguiram.

Pergunta: *As histórias que li sobre Maria diferem muito no quanto ela terá entendido sobre a missão de Jesus e a maneira como ele estava a desempenhá-la, incluindo a sua morte... Poderás esclarecer-nos sobre isso, John?*

João - Aqui deparámo-nos com um verdadeiro mistério. Até o próprio Jesus se sentia por vezes confuso quanto aos seus ministérios. Lembra-te de que Maria se encontrava entre muitas outras jovens mulheres Essénias que tinham sido agraciadas com um nascimento abençoado. A mãe de João Batista também recebeu visitas semelhantes. Assim, enquanto uma entre muitas, tal nascimento, tais expectativas elevadas entre os Essénios, eram consideradas uma certa norma. Por os Essénios se considerarem como os escolhidos entre os escolhidos, e ainda assim o seu número não se encontrava em falta.

A milagroso, a energia, a Kundalini,* era conhecida e um princípio bem estabelecido entre os essénios. Isso deve ser tomado no contexto de crescimento e da evolução. Também deve ser entendido que eles estavam inteirados da natureza perigosa da jornada política, bem como a jornada espiritual. Assim, a sua mãe, Maria cresceu como ele, ao longo de diversos estados psíquicos. Eles são melhor descritos como períodos de normalidade... Para colocar isso de uma forma um tanto divertida, e talvez até num contexto mais adequado, que mãe não acredita que seu filho seja sempre o mais especial, e às vezes os dote demais, e [noutras] vezes duvida disso quando eles exibem comportamento infantil?

A ancoragem da alma nos assuntos quotidianos era por vezes considerado uma realização psíquica mais significativa do que a realização de milagres. Por isso, foi em momentos desses, em estados de graça desses, em actividades familiares e celebrações de todos os dias.

Por vezes, quando os estados energéticos, os estados divinos ou os estados Kundalini, quase parecem explodir nessas cenas, dava o aspecto de que de algum modo a natureza do crescimento, ou da jornada, podia ter sido esquecida ou posta de lado.

Pergunta: *Por exemplo, quando Jesus deixou a oficina de carpinteiro, visitou João e foi batizado, terá isso sido um grande choque para Maria, ou ela terá esperado*
isso?

João - Tais baptismos eram comuns. A ideia, no entanto, de ter a Kundalini desperta e o Ruach ha-Qadesh † em visita — nota a resposta imediata de Jesus. Depois de

ter passado por experiências anteriores com essas forças destrutivas, e as exageradas expectativas num ambiente político altamente carregado, Jesus imediatamente integrou tal episódio, trazendo [as pessoas] de visita à sua família e restaurando o equilíbrio na ordem das coisas. A partir da experiência anterior que Maria teve com episódios surpreendentes como esse ser exclusivo, ela apreciou a estratégia dele de levar seus convidados para casa, onde ela os entreteria e se reconheceu o que ele estava a fazer.

** Consultar a descrição da kundalini na nota de rodapé no início do Capítulo 3.*
† Ruach ha-Qadesh é um termo Hebraico que se refere ao espírito ou alma no homem. No Cristianismo é geralmente referido tanto ao nível do coração, sede do amor ou do Espírito Santo. O último parece ser o sentido em que João faz uso do termo.

Pergunta: *E a morte de Jesus, Maria esperaria que isso acontecesse?*

João - Quando se deu a morte na cruz, todos eles tiveram um choque de sensibilidade [à semelhança de] qualquer mortal.

O que os deixou a todos surpreendidos foi a capacidade da *ressurreição,* por eles estarem a começar a interrogar-se os *limites* deste ser extraordinário. Gerou-se uma grande confusão quanto ao que constituía a ressurreição. Muitas escrituras falavam sobre o Messias que seria erguido pelos anjos, o que de facto ocorreu. Mas lembra-te, isso foram testes, ou actos de fé.

Uma nota final sobre Maria. Lembra-te que o homem Jesus disse, sobre a cruz, a este canal que te fala [João de Zebedeu] "Eis, mãe, o teu filho. Eis filho, a tua mãe." Por outras palavras, Jesus, mesmo neste momento de teste da sua fé, desejava a continuidade da vida da sua mãe, transferindo, assim, o encargo que ela representava para o canal que te fala. Mesmo naquele instante ele queria ter certeza de que a necessidade humana seria satisfeita, pela ordem natural. Pois ele sabia que mesmo com a ressurreição, ele deveria acabar por passar deste reino, de modo que, o Grande Consolador [Espírito Santo], a natureza mais universal da humanidade, [pudesse sobrevir]. Eles não deviam concentrar-se nele como um ser divino e uma fonte exclusiva do milagroso. Até mesmo ele sabia que a sua mãe não iria ter o conforto imediato do seu filho vivo.

JOSÉ

José também recebe pouca atenção nos Evangelhos. Ele é quase ninguém, pois sabemos ainda menos sobre ele do que de Maria. Não nos é dito nada sobre as dificuldades que teve por ter uma esposa tão jovem, criar um filho excepcional do destino e sobre viver entre os vizinhos provinciais que podem tê-lo encarado como um corno. Nós gostamos de acreditar que ele tenha sido um bom marido e pai, mas nem sequer sabemos disso. A Igreja Cristã santificou José e criou uma lenda viva e uma arte ao redor dele, mas estes adornos também não têm qualquer base na realidade histórica registada.

Pergunta: *Quem foi José, e que parte desempenhou no nascimento de Jesus?*

João - José foi o pai adoptivo. Ele era um homem extremamente invulgar para o seu tempo por ter uma esposa tão jovem. Maria estava com dezasseis anos, a idade considerada idade do consentimento para casar. José, um homem de trinta anos, era considerado um homem mais velho nesses dias. Quando ele descobriu que ela concebera achou, porventura, que ela tivesse conhecido outro homem. Mas, como ela jurou tal não ser o caso, e ele acreditar profundamente nos potenciais de tais questões do foro do divino, ele não a apartou. Ele tornou-se no pai adoptivo e um pai bastante terreno na criação da criança e do homem Jesus.

Maria e José viveram juntos como marido e mulher. Ela permaneceu virgem. O que não significa que ela não tenha concebido e amado como homem e mulher, e não tenha dado à luz filhos. Significava que, tendo escolhido José como seu amante, eles se tornaram *uma só carne*. Isto é o que se entende pela palavra *virgem*: aquela que escolhe o seu próprio amante. Isso era altamente invulgar entre as mulheres daqueles dias, por a maioria dos casamentos serem arranjados. Mesmo assim, o conceito de ela ser virgem não significa que ela não tenha dado à luz os irmãos e irmãs históricos de Jesus. Isso aprofundou a sua humanidade, por ela, ter passado a viver plenamente a vida de esposa, mãe e amante, uma vida que preenche e traz graça à vida adulta, e daí, a Jesus.

Quando José eventualmente passou por causas naturais, durante o tempo de vida do homem Jesus, Jesus chorou-o como se ele fosse o seu próprio pai, o pai de sua carne, embora Ele tenha sido concebido pelo Espírito.

Pergunta: *Foi José casado antes de seu casamento com Maria?*

João - Na verdade, ele tinha sido casado antes. Como muitos, particularmente por entre os Essénios, ele tinha sido prometido e tinha perdido a sua primeira esposa.

Pergunta: *Será que ele teve filhos dessa união anterior?*

João - Exacto. Achamos que eles tenham estado altamente activos nos assuntos da família. Alguns deles ajudaram [Jesus] como irmãos mais velhos e ajudaram-no a desenvolver a sua identidade. Eles residiam em Qumran e em Nazaré. Alguns viviam em Jerusalém, alguns em Nag Hammadan no Egipto.

Lembra-te, isso foi quando foram realizados empreendimentos pelas famílias. Vários membros seriam proficientes em várias competências. Enquanto carpinteiro, por exemplo, não era invulgar que o José tivesse conhecimentos de muitas outras matérias, o que possibilitou aos membros da família diversas competências, não só em carpintaria, mas em relações comerciais com: óleos, madeiras e outros empreendimentos. José não era só carpinteiro. Ele era um artesão dotado de capacidade e visão para projectar obras de arte de grande complexidade. Estuda os artefactos das famílias desse tempo, as complexas talhas de madeira e os seus símbolos. Isso te daria uma ideia mais verdadeira ou mais clara das competências que o homem José tinha nesses dias.

Pergunta: *Quando foi que, na vida de Jesus, José morreu?*

João - José viveu nos primeiros dias do ministério, tendo perecido antes da crucificação. Quando Jesus falou ao discípulo dizendo: "Filho, eis aí tua mãe," e ele falou a Maria, sua Mãe, isso foi sinal de que José tinha passado. Foi nos serviços rituais funerários de seu pai que Jesus incrementou a ambição que tinha de curar a morte, ao cumprir o luto pela perda de seu pai adoptivo.

PRIMEIRA INFÂNCIA DE JESUS

Pergunta: *Em consequência do nascimento virgem, Jesus foi tecnicamente um bastardo e presume-se que Maria fosse uma adúltera. Como José e Maria - e já agora Jesus - lidaram com esse estigma e o preconceito que tenha existido contra eles da parte dos seus vizinhos de Nazaré?*

João - Em primeiro lugar, precisas compreender que aqueles que tinham uma associação íntima com aquele segmento da sociedade com que eles viajavam, e toda de Nazaré, pertenciam à ordem dos Essénios.* Assemelha-se muito às regiões que vocês têm no vosso próprio país, em que se viajarem de norte para sul ou de leste para oeste, se deparam com preconceitos regionais que uma pessoa de uma cultura diferente sofrerá da parte dos seus vizinhos, por causa das suas crenças. Por elas poderem ser diferentes das dos vossos vizinhos. Alguns espalhavam-se por toda a Judeia. Existiam várias Seitas judaicas. †

Os Essénios eram considerados Mestres nas leis místicas. Na verdade, José e Maria, conforme foi revelado através outros profetas e através da validação histórica, foram membros da comunidade dos Essénios. Portanto, Maria era encarada na comunidade dos Essénios como uma profetisa, como alguém que procurava empenhar-se em se tornar um veículo para a Cristo. Além disso, pela própria exposição à mitologia Grega e Egípcia, por exemplo, [esse] não seria considerado um fenômeno além da sua capacidade, se fosse a vontade de Deus nascer assim, mesmo entre os Judeus Helenistas. Na dinâmica histórica do período, José e a companhia de Maria, os vizinhos, teriam sido Essénios ou inspirados pelos Essénios, e os Judeus Helenistas ou aqueles que eram comparados aos judeus, porque viverem como Judeus — [até mesmo] os gentios que estudaram com os Essénios.

**Josefo alegou que um reduto dos Essénios de Nazaré se situava no Monte Carmelo, não muito longe de casa de Jesus, e algumas das histórias apócrifas de Jesus dizem que ele estudou lá.*

† Os registos históricos mostram que a região da Galileia, onde Nazaré se acha localizada era muito diferente da Judeia no sul: mais agrícola, possuía uma população menos instruída, uma maior presença Grega, menos sujeita à influência do sacerdócio e relativamente livre das observâncias estritas da lei Judaica tradicional. Os Galileus eram considerados provincianos e retrógrados pelos seus homólogos da Judeia.

Isso deu origem a uma ampla infraestrutura social, o que promovia um companheirismo justo [para] abrigar o casal das críticas mais duras que poderiam ter sido levadas em conta pela Torá. Assim, Maria e José viveram sob a *proteção* dos Essénios.

Pergunta: *Isso é evidente, mas certamente havia quem em Nazaré não fizesse parte da comunidade dos Essénios e não tivesse grande respeito por ela. Não será assim? Como se terão eles sentido em relação a tudo isso?*

João - Estuda o Evangelho da infância. Muitos dos indivíduos - alguns, pelo menos - respeitavam Jesus como um profeta por ele ser capaz de realizar actos proféticos, até mesmo na infância. Não é que o casal, ao fugir para o Egipto, tenha necessariamente feito pronunciamentos constantes sobre a natureza do nascimento. Tinham [estado ausentes] durante os primeiros anos, quando fugiram para o Egipto. A natureza do nascimento era desconhecido, exceto da parte daqueles que eram Essénios.

Portanto, eles foram aceitos como casal um tanto invulgar, José sendo tendo tido um casamento anterior, filhos e uma idade mais avançada do que Maria. Tudo isto era tudo menos invulgar, pois muitas vezes um homem tomava a mulher de seu irmão, caso esse o irmão tivesse morrido. Dadas as concepções dos rituais da união e as convenções familiares, os conceitos não eram completamente desconhecido. Na infraestrutura da sociedade eles poderiam de facto constituir uma família, e até mesmo uma família honrada. Mas depois, as sinagogas, conforme a lei era praticada naqueles dias, e as comunidades que se baseavam no Torá [eram muito diferentes].

Pergunta: *Então, enquanto José e Maria viveram em Nazaré, mantiveram a imaculada concepção em segredo relativamente à população em geral. Será isso verdade?*

João - Não tanto em segredo, mas mais como um mistério. Muitas famílias, por exemplo, falariam sobre a visita de um anjo antes do nascimento de uma criança. Cada pessoa tinha um anjo da guarda, e eles falavam desse anjo antes do nascimento. Assim acreditavam os Essénios. Isso não seria tão incomum assim. Eles apenas contiveram-se quanto ao anúncio de que Maria se encontrava grávida, e às circunstâncias.

Pondera na tua própria sociedade. Quantas vezes terão muitas pessoas conhecimento das circunstâncias reais de um nascimento? Muitas vezes, não se fala do nascimento. Podem fazer rituais, baptizados e outras diligências, mas as circunstâncias reais do nascimento, e a privacidade dos fenómenos de concepção, não são questionados posteriormente.

JESUS EM JERUSALÉM

Os Evangelhos dizem que Jesus visitou o Templo de Jerusalém com sua família aos doze anos. A arte Cristã mostra-o a dar palestras aos sacerdotes do Templo de um elevado pedestal. É mais fácil acreditar que ele estava apenas fazendo perguntas a alguns dos membros menores, que se rebaixavam a ponto de falarem com um campónio da Galileia, de doze anos. A verdade não andará aí pelo meio?

Mesmo conforme é dito nas Escrituras, ele estava... a debater [com] os vários membros do Templo, mostrando que ele tinha crescido em sabedoria. Ele também estava lá para *aprender* através do processo do debate, sob a forma de perguntas.

Assim, o Jesus que vocês conhecem que é conservado tanto na chamada lenda - eu chamaria isso de autobiográfico - por ele ter ido lá para aprender, e para ser revigorado, para ser inspirado.

Os mais velhos, é claro, eram conhecedores da transmigração das almas e de muitas das suas vidas passadas, mas ficaram maravilhados com as coisas que Jesus conhecia. Ele soube essas coisas nos primeiros instantes de maior lucidez, quase desde a infância.

Pergunta: *Lemos que Jesus também se separou dos seus pais nessa ida ao templo.*

João - Quando Jesus causou preocupação a ambos os pais, conforme eles articularam, ele virou-se para eles e disse: "Onde mais vocês me encontrarão a expressar-me senão na casa de meu pai?" Dizia-o com tanta diversão de sua parte por causa da questão da agitação, quanto as crianças, que muitas vezes se deliciam com a sua capacidade de atormentar, beliscar, ou de "tirarem partido" dessas questões. Então, esses elementos da infância, conforme são conhecidos nos dias da inocência, não são apenas uma noção romântica, por na verdade serem uma noção natural e perceptível.

TERÁ JESUS SIDO UMA CRIANÇA "NORMAL"?

Pergunta: *Ao contrário de muitos Cristãos, prefiro supor que Jesus não fosse humanamente perfeito na sua infância e durante os primeiros anos, quando ele estava a aprender a tornar-se um ser humano adulto, mas foi realmente muito*

normal. Não seria ele um menino que cometia erros, pregava partidas, dizia pequenas mentiras e se apaixonava pelas raparigas?

João - Tal foi, de facto, o caso. Os chamados Evangelhos da Infância retratam exactamente tal carácter. O jovem Jesus realizava as actividades normais de uma criança e no entanto tinha capacidades reforçadas, habilidades extraordinárias. Por outras palavras, ele era dotado em estados de energia. Ele [muitas vezes] causava consternação entre os observadores, não muito diferente de qualquer criança particularmente dotada ou dotada de diversos poderes intelectuais ou físicos.

Às vezes, por exemplo, ele causava receio entre os seus companheiros por ter a capacidade para controlar a queda das energias. Um criança, por exemplo, certa vez magoou-o e fez troça dele. Enquanto criança não totalmente adestrada na disciplina da idade adulta emergente, ele feriu o garoto de morte. Mas então, ao sentir *remorso,* ressuscitou-o de novo. Tal, na verdade, era a natureza da infância dele [enquanto] detinha as faculdades do Divino.

Por exemplo, Jesus costumava deliciar os outros com a capacidade que tinha de fazer figuras de barro simples e, em seguida, não muito diferentemente dos processos mentais da chamada psicocinética, produzia leve formas de animação para os divertir. Assim como a capacidade que tinha de produzir cura nos companheiros. Lembra-te que outros Essénios tinham faculdades similares, não ao ponto que Jesus possuía, mas também elas experimentavam os esses chamados poderes e faculdades, por vezes, para em função do discernimento [preocupação?] ou agitação dos adultos.

Não é diferente da tentação por que as crianças passam, por exemplo, de azedar o leite do qual estejam a fazer pão a fim de ver a expressão que provocam nos rostos dos adultos ou das crianças que o consomem. Brincadeiras como essas são normais em *qualquer* infância, e a de Jesus não apresentava qualquer diferença.

Pergunta: *Mesmo em adulto, ele deve ter dito algo de que se tenha arrependido de vez em quando, contado piadas de carácter duvidoso e cometido juízos de valor. Quão normal terá sido o Jesus adulto?*

João - Tomemos por exemplo a história de Jesus e da mulher Gentia, onde ele afirma que ficou maravilhado com a capacidade de aprendizagem que ela

demonstrou. Foi aí que ele disse: "Não está certo tirar o pão dos filhos para dar aos cães." Este terá sido um momento que singularmente chamaste de "arrependimento"; por outras palavras, um embaraço por ele [ainda] não saber que a sua missão divina se estendida a todos os povos.

Além disso, quando uma mulher foi trazida a ele e disse supostamente apanhada em flagrante delito de adultério, ele começou a revelar alguns dos segredos mais íntimos dos acusadores, para seu desconforto, e para deleite daqueles que os rodeavam que conheciam os comportamentos desses acusadores.
Por exemplo, nos seus ensinamentos, ele muitas vezes usava tanto o humor, conforme se reflete até mesmo nos Evangelhos conhecidos, como o riso na partilha do vinho e das refeições, Além disso, o facto de ele ensinar nos jardins mostra que ele participava em certos prazeres dos aromas desses jardins. O fato de ele manter a companhia de mulheres significa que ele apreciou a beleza das mulheres. * Todas essas coisas são naturais à humanidade, natural à juventude, ao seu desenvolvimento na idade adulta e na sua humanidade. Isso eram tudo natural nele. O mais extraordinário foi a capacidade que tinha de amar aqueles que os rodeavam.

**Em relação à experiência de Jesus com as mulheres jovens consultar igualmente o Capítulo 9.*

OS ANOS PERDIDOS

Também estamos na mais completa ignorância quanto aos chamados "anos perdidos" de Jesus, que vão dos doze anos de idade até que ele é baptizado por João Batista por volta da idade dos trinta, quando se diz que ele terá iniciado o seu chamado ministério. O que poderá ele ter vindo a fazer durante essas quase duas décadas?

Romances e contos, alguns deles gerados intuitivamente, preencheram-lhe a adolescência e a faixa dos vinte de Jesus por diversas formas. Alguns descrevem-no a trabalhar na marcenaria com o pai, calmamente à espera "até que o meu tempo chegue." Outros descrevem muito sofrimento e teste em preparação para a papel posterior, incluindo viagens pedagógicas ao Extremo Oriente, andanças pelo deserto e formação de iniciação em templos Egípcios. Um deles diz que terá passado parte desse período a viajar ao redor do Mediterrâneo, e a interagir com uma grande diversidade de pessoas como uma espécie de aprendizado para o seu trabalho posterior."

Há muita especulação por onde escolher, e combinações delas não são descartadas, mas, infelizmente, todas carecem de dados factuais por trás.
A principal pergunta sem resposta para a questão desses anos perdidos é, como é que ele adquiriu a sabedoria esotérica e faculdade de cura que possuía. Tê-las-á recebido dos Essénios ou dos Instrutores de Sabedoria do seu tempo na Palestina ou de algum outro lugar? Se sim, quais, e por onde paravam, e de que tradições descenderam? Ou será que ele já possuía de alguma forma esse conhecimento desde o início, talvez como um dom especial ou por causa da sua suposta natureza divina?

Educação e experiência na juventude

Pergunta: *Algumas fontes afirmam que Jesus procurou sujeitar-se no seu preparo a toda a sorte de diversidade significativa da experiência humana de carácter difícil para melhor compreender a condição humana. Achas que este tenha sido o caso?*

João - [Ele procurou] a experiência do viver humano. Note-se que ele assumiu o papel simples de diversas ocupações. Ele foi treinado como carpinteiro. Seria melhor dizer que ele foi treinado como artesão, e por toda a forma de diferente formas de destreza, como um carpinteiro, como um artesão. Ele tinha a capacidade de projectar e trabalhar com a metalurgia, tais como ouro e muitos outros itens de madeira; por exemplo, dourar. Ele trabalhou com pedras preciosas e tinha o conhecimento das suas propriedades vibratórias.

Muito embora ele ganhasse a vida como carpinteiro a sua família não se encontrava desprovida dos seus próprios meios. Por exemplo, eles fabricaram mobiliário para os herdeiros de Herodes, criando até mesmo maravilhosa caixas de quebra-cabeça e empreendimentos similares que tinha aprendido entre os Egípcios. Uma vez que Jesus viveu no Egipto, ele terá conhecido tais mobiliário e possuía a capacidade para tanto. Ele conheceu os mistérios da medição do Egipto; por outras palavras, ele tinha conhecimento de matemática sagrada. Enquanto Essénio ele possui idêntica destreza de médico.

Talvez que, se comparares o conhecimento de um individuo como Leonardo Da Vinci e a diversidade do conhecimento que ele possuía, possas obter um certo alcance do intelecto, que era natural ao homem Jesus. Isto não era necessariamente alheio a outros intelectuais da época. Por exemplo, vê a extensão dos conhecimento que Lucas detinha como médico, e o conhecimento

de que ele dava prova. Ou até mesmo Paulo, enquanto contemporânea. Mas a maneira pela qual Jesus aplicava essas coisas seria mais no sentido do sagrado, é claro.

Pergunta: *Terá Jesus experimentado depressão grave, digamos, como parte desse desenvolvimento?*

João - O que se considera como depressão seria mais precisamente referido como tristeza. A tristeza, ou o pesar, é a capacidade natural de se esvaziar para receber o nível de alegria seguinte. Jesus conheceu a grande tristeza do mundo, mas isso não seria fisiologicamente comparável à depressão.

Pergunta: *E sobre a experiência de ser rejeitado no campo do amor, por exemplo, ou de ser abandonado? Terá ele experimentado isso?*

João - Isso está mais relacionado com Jesus. Não tendo um pai terreno, mas um pai carinhoso adoptado, deixou a alma dele com uma certa tristeza. Por mais que ele amasse a José, ele [estava ciente] a questão da separação e da diferença com os outros filhos com quem convivia.

Ele conheceu a separação e até mesmo a dor do preconceito, porque, na verdade, ele teve certos preconceitos para com os Gentios. A sua existência foi, de facto, considerada em muitas aspectos um tanto protegida. Mesmo já na sua vida adulta, ele conheceu essa ampla gama de emoções diversificadas — e aqui está a
questão significativa: ele procurou *aprender* com elas.

Pergunta: *Terá ele sabido o que era embebedar-se a sério, ou mesmo tornar-se alcoólatra e, em seguida, recuperar disso? Será que ele entendeu esse tipo de coisa?*

João - Em certa medida na juventude, ele tomou em determinados momentos substâncias intoxicantes. Ele sabia o impacto que podiam ter no indivíduo, levando-o a loucura, como muitos jovens de hoje fazem. Muito raramente [ocorreram] dessas na idade adulta consciente, embora, como muitos Essénios e homens Judeus, ele ingerisse vinho com as refeições, vinho que muitas vezes eram tomado por parte de muitos jovens como uma fonte de alegria, de celebração e outras iniciativas.

Pergunta: *Alguma vez ele se tornou viciado nas substâncias homólogas das drogas do primeiro século, para posteriormente ter que se desintoxicar?*

João - Nós não encontramos a partilha de drogas, já que teria sido considerado como um acto de feitiçaria. O asceta, o caminho do profeta, constituía [exigia?] o uso de purificação ritual. Se ele partilhou de vinho ou mesmo de certos alimentos, por exemplo, então pelo Manual de Disciplina [dos Essénios] ele não poderia participar da refeição sagrada a que se haveria de seguir a comunhão com os anjos. Assim, rituais de purificação tinham, de facto, lugar. Estes eram geralmente formas de repetição de certas porções das Escrituras, mas num tom ou canto ao contrário daqueles usados na yoga [mantras]. Ou pelo jejum, não como uma punição, mas destinado à purificação do corpo de forma consciente e fisiológica, até que certos estados psíquicos — uma vez mais, não contrários àqueles associados com yoga — fossem restaurados. Estes respondiam por uma dimensão consciente, integrada do indivíduo.

Pergunta: *Ter-se-á Jesus envolvido com outras mulheres, na condição de jovem adulto, entre as idades de 16 aos 30, digamos? Caso tenha estado, descreve de fazes favor essas associações, e se isso terá resultado em filhos, e o que aconteceu às mulheres envolvidas.*

João - Nós achamos que Jesus era típico de qualquer outro Essénio. Ele tinha sido
prometida na infância em casamento a Maria Madalena e, a partir dos 14 anos ele deveria ser treinado nas acções da chamada idade adulta jovem. Mas ele também era membro dos Essénios, que eram ascetas. Conquanto ele tenha praticado meditação consciente, e desenvolvido a consciência sexual normal de um jovem, e reacções naturais para com as mulheres, estas foram canalizados para práticas da kundalini, não repressão da sexualidade, mas mais uma canalização das energias para uma forma mais elevada. Ele sentava-se com a sua companheira para a vida, Maria Madalena, em períodos de contemplação e, por vezes, tinha reacções Tântricas. Jesus escolheu o caminho do asceta nesse aspecto. Conquanto não tenha tido filhos, não houve falta de consciência do Tantra e da consciência sexual numa forma de matrimónio espiritual entre ele e a conhecida como Magdalena.*

**Para mais detalhes sobre a relação de Jesus com Maria Madalena ver Capítulo 9.*

Pergunta: *Que terá ele conhecido através da sua experiência acerca de relações homossexuais?*

João - Ele sabia que havia aqueles do mesmo sexo que eram atraídos um para o outro. Por causa do seu próprio caminho ascético, [Ele conheceu] muitos do âmbito dessa atracção pelo mesmo sexo. Ele muitas vezes se interrogou se ele próprio sentia essas mesmas emoções. Como muitos, ele conseguia apreciar a beleza da forma física masculina, e por vezes podia [ter] a compreensão da beleza desse ser não muito diferente da forma feminina. Assim, ele sabia por que aqueles do mesmo sexo podiam sentir afinidade um pelo outro, tântrica e sexualmente.

Por causa do seu misticismo ele sabia que, enquanto almas eles podiam ter sido outrora mulheres e ainda manter que a atracção pela beleza da forma física. Uma vez que ele sabia que era a alma e o Divino que respondia por aquilo que eram, ele sabia que essas coisas eram naturais.

Aos discípulos ele explicou o mistério mais profundo da Torá. Na Torá é proibido um homem a tomar para si os usos de um outro homem como se ele fosse uma mulher. Isso respondia pelo *estupro* praticado por pessoas atraídas pelo mesmo sexo, [como] por indivíduos tribais que procurassem aliviar a sua luxúria noutro indivíduo. Não era muitas vezes considerado nos termos da lei como adultério. Ela [a lei] era uma *proteção* dessas pessoas, contudo muitas vezes considerada um julgamento.

VIAGENS PELO EXTREMO ORIENTE

Existem diversas lendas, mas não existem escritos históricos fiáveis que digam que o Jesus adulto nunca tenha deixado a sua terra natal. O famoso médium Edgar Cayce afirmou que Jesus passou muitos anos no Extremo Oriente, a aprender com os professores de sabedoria lá. A sua narrativa é acompanhada pela de outros intuitivos do século XX, bem como por um misterioso Evangelho supostamente descoberto em Ladakh em 1894. Embora esses relatos independentes não sejam aceitáveis para os estudiosos da Bíblia como dados históricos fiáveis (como se os Evangelhos *fossem* aceitáveis!), eles corroboram uns aos outros na perfeição e incentivam uma maior investigação, conforme tentado aqui, para ver que verdade podemos encontrar neles.

Pergunta: *Será que Jesus realmente viajou para o Oriente — Índia, Tibete, Pérsia e assim por diante — antes de ser baptizado por João, como alguns escritores têm especulado?*

João - O homem Jesus, [vivendo com] a sua família em Nazaré, foi conhecido [como o] Messias. Mas também era do conhecimento geral que esses indivíduos viajaram para estudar e outros empenhos.

Nas suas viagens ele retornou para obter mais estudos no Egipto e viajou até a Índia. A lenda de um Yeshua, e os pergaminhos que dão contas das suas viagens [lá], são verdadeiros. Essas [histórias] misturaram-se um pouco com outras lendas. Quando o irmão de Jesus, Tiago viajou para diversas partes do mundo conhecido, juntamente com o apóstolo Tomé, eles por vezes serviam de *canais* (médiuns) e incorporavam o Cristo vivo. Mesmo o Cristo ressuscitado pode fazer-lhes aparições. Para muitos dos residentes as suas obras e acções foram sinónimo do Jesus histórico, e deram origem à lenda das viagens de um Jesus em estado pós-morte entre as nações.

Pergunta: *Será que Jesus chegou tão longe quanto ao Tibete, e em caso afirmativo, qual foi a sua principal actividade lá? Terá sido de estudante, ou a praticar a cura, ou a ensinar por conta própria, ou o quê?*

João - Correcto. Em meio aos registos históricos era sabido que Jesus, ao ter estudado na Índia e Tibete, e ter obtido um extraordinário conhecimento dos chamados siddhis * e meditações por lá, foi levado a considerar que a natureza de um Messias era universal. Tendo estudado os Xamãs, os Brâmanes, os Iogues, os Chacras, os Budistas e o conceito em evolução do Cânone maior — o assim chamado Cânone Páli, † e outros, ele começou a convencer-se de que a centelha de Deus residia mesmo entre os Gentios. Ele alegrou o coração por a Palavra que é Deus ser o Deus de *todas as* nações, [e] poder ser conhecida em todos os quadrantes. Se ele podia ser um veículo para tal revelação, quanto mais alegre não seria a sua vida?

**Siddhi* é um termo do Sânscrito que denota poderes sobrenaturais. No Ocidente, normalmente designa faculdades psíquicas, com a advertência frequente de que se deve utilizá-los com grande cautela para não se tornarem desvios no caminho do desenvolvimento espiritual.

† *O Cânone Pali* é uma importante colecção Budista pré-Cristã de discursos

atribuídos ao Buda, juntamente com rituais metafísicas e regras para monges da tradição Teravada. Ele permaneceu em grande medida via oral durante dois milénios e agora compreende 38 volumes impressos.

Assim, conquanto João não responda à questão, ele confirma as viagens que Jesus empreendeu por terras estrangeiras e a importância que tiveram na sua vida, especialmente a universalidade dos Seus ensinamentos.

INICIAÇÃO NO EGIPTO

Nos tempos antigos, o conhecimento esotérico era preservado e ensinado num número reduzido de escolas de mistérios localizadas nos principais centros. No primeiro século a escola do Egipto tinha a fama de ser a maior. Seria mais que natural que Jesus fosse atraído para lá. A mística das pirâmides Egípcias, já antiga no seu tempo, poderia ter sido parte da sua iniciação num corpo único de conhecimento. Edgar Cayce também afirma que Jesus passou por um treino no Egipto.

Pergunta: *Será que Jesus realmente passou por algum tipo de iniciação no Egipto?*

João - Antes de mais, Jesus foi submetido a iniciações nos mistérios em Egipto, na [Grande] Pirâmide e noutros locais. Muito à semelhança de Moisés, ele conhecia todas as coisas que os Egípcios conheciam. Foi dito que Jesus também foi um novo Moisés, um novo libertador, um novo legislador. Assim, Jesus sofreu a iniciação, uma que incorporava o todo da era e do seu mistério, apenas pelo seu senso de admiração e reverência.

O acesso à pirâmide [Grande] era conhecido. Alguém poderia entrar nele pela [abertura na] face norte, e descer até o que é conhecido como o fosso. Aquele eixo, que aponta para a Estrela do Norte, é simbólico. Ele cria o estado emocional e literal psíquico da alma ao viajar para uma condição desconhecida, como uma semente na terra, para absorver as energias da terra e, em seguida, lutar por ascender para reaproximar-se do mistério dos três blocos selados [na passagem ascendente].

Esses eventualmente chegaram a ser do conhecimento de Jesus nos seus estudos posteriores para representar [simbolicamente] os assim chamados *bindus*, os três átomos permanentes que constituem o mistério da trindade Celta, ou nó Celta.* São os três nós [centros psíquicos] mencionados

na Ioga: na base da coluna, na coração e no chamado terceiro olho, a glândula pineal-hipófise, que liga a alma ao plano terreno.

**O nó Celta, parte da base de crenças espirituais Celtas, é uma tecelagem sem fim que simboliza a eternidade ou a criação, sem começo nem fim. A Trindade Celta nos Vedas consiste em três nós e é uma metáfora que representa a ligação da alma à terra, mesmo sob iluminação. Daí o simbolismo "confia na tua alma," "crença no teu coração" e "fé na sua mente." [Ryerson 1989, pp. 121-2]*

Os três blocos que agora podem ser vistos na pirâmide, na passagem bloqueada para a chamada Grande Galeria, constituem [significa?] que a alma se encontra agora *selada* no corpo da Terra. Deslocando-vos através da passagem estreita dessa chamada gruta, e, de seguida pelo espaço estreito que se atravessa de rastos, para entrar na Grande Galeria, constitui [significa?] a visão na Grande Galeria. Os sete nichos constituem [significa?] a espinha dorsal de Osíris; representam o olhar pela Grande Galeria para a entrada da Câmara do Rei, como uma alma que olha sobre o infinito, como se os seus próprios chakras* se espalhassem pelo horizonte, para o único ponto do olho de Hórus, o terceiro olho.

Pode-se então abrir caminho até a Grande Galeria e entrar no mistério da Câmara do Rei, com a sua acústica perfeita e brilhante ressonância da sua cantaria de granito. Uma pessoa renasce, o que simbolizava a vitalidade da vida, tanto no Oriente como no Ocidente, deitando-se no sarcófago e *morrendo* para o velho eu, sob as extraordinárias forças piezoelétricos e cristalinas das tremendas pressões da Câmara do Rei. Deitando-nos naquela tumba por três dias, para morrermos e depois ressuscitarmos, confere-nos a extraordinária visão do resto da viagem pelo todo dos nossos dias. Retornar, de seguida, ao mundo exterior equivalia a renascer, e em muitos aspectos, metafórica e alegoricamente, deixar de nascer de homens e mulheres, mas nascer pelo mistério das eras.

O mistério do túmulo vazio não devia constituir um mistério em absoluto, pois na verdade, porventura num intrigante teste duplamente-às-cegas, a pirâmide há muito tinha sido selada com qualquer acesso conhecido. De fato a pedreira [o poço] no corpo da pirâmide pode ter sido testemunha dos últimos dias do mistério de um outro túmulo vazio. Mas quando eles entraram na pirâmide, qual foi o mistério com que se depararam? Foi o facto de se encontrar vazio! [Eles

pensaram] que deve ter contido algo de maior valor, um líder espiritual à muito falecido ou o tesouro de algum Faraó.

Há três câmaras: a câmara na terra, o Câmara da Rainha e a do Rei Câmara, ou, por outras palavras, corpo, mente e espírito. As três câmaras são uma idealização metafórica articulada na mitologia Egípcia, [que abrangesse] o reino do submundo, ou Seth; o reino das atividades de Hórus e Ator; e o reino de Osíris e Isis. Corpo, mente e espírito, ou a chamada mente consciente, mente subconsciente e supraconsciente.

**Ver uma discussão mais aprofundada no Capítulo 13.*

Pergunta: *Terá a iniciação de Jesus sido apenas um teste, ou terá envolvido igualmente formação e educação?*

João - Poder-se-ia dizer que elas se encontravam perfeitamente integradas. Comportavam instrução, testes e iniciação. Na tradição oral, por exemplo, o teste e o sofrimento podem estar meramente no conto de histórias, tal como o professor que ensina com respeito ao koan. Teria envolvido, por exemplo, provas de fé, como quando Daniel entrou na cova do leão. Mas gostaríamos de dizer que ele [Jesus] foi criado entre os *terapeutae*, ou os Essénios, historicamente naquele [local] conhecido em Nag Hammadan; e depois, é claro, havia a mais antiga sinagoga sobrevivente que remontava aos dias de Moisés, e até os dias de Akhenaton, † quando o povo Hebreu era um povo honrado no Egipto. Assim, ele experimentou a continuidade das revelações.

Pergunta: *Será que ele também andou pelo Mediterrâneo?*

João - Mesmo antes, nos primeiros dias de idade adulta. Por volta da idade do consentimento, a idade dos 21 anos, ele já tinha iniciado algumas viagens rumo ao Extremo Oriente, a seguir ao que ele viajou para outros centros de aprendizagem. Correcto.

† Akhenaton, também chamado de Amenhotep IV, foi um estranho e controverso Faraó que reinou no Egipto entre 1379-1362 aC., a quem é creditada a promoção da noção de um Deus Único à sua cultura. Ele conseguiu actualizar a religião Egípcia para uma fora mais humanitária baseada no culto solar. A sua autoridade durou dezassete anos antes que ele fosse deposto pelo antigo sacerdócio, embora algumas das suas ideias tenham durado até às gerações posteriores.

UMA CONSCIÊNCIA QUE DESPERTA

Os Evangelhos descrevem o despertar de Jesus por altura do seu baptismo por João Batista como o ponto de viragem na sua vida. Quando ocorreu "os céus abriram-se," surgiu uma pomba e uma voz celestial abençoou a ocasião. Não é difícil acreditar que algum tipo de despertar fosse apropriado a um homem como Jesus, quer os céus se tenham aberto e uma pomba e uma voz aparecido ou não como aspectos factuais do evento. Somos levados a supor para nós próprios que tipo de um despertar esse terá sido para Jesus e o que ele terá significado para ele.

Enquanto todos nós estamos muito gradualmente a "despertar" para o conhecimento do nosso eu mais profundo e para o rumo da nossa vida à medida que amadurecemos, o despertar de Jesus pode muito bem ter sido mais profundo, por causa da amplitude da sua missão. Como terá ele experimentado essa abertura da mente e chegou a reconhecer o seu chamado?

Como terá ele lidado com as suas resistências humanas, dúvidas e tentações à medida que o desafio da sua missão se tornou claro para ele? Como terá ele lidado com a questão de como usar as suas faculdades incomuns com sabedoria? Os Evangelhos apresentam as suas capacidades únicas como fenómenos surpreendentes. Os seus biógrafos ficaram obviamente impressionados, mas não dizem nada sobre como o próprio Jesus experimentou o seu despertar e essa maior compreensão de si próprio.

Algumas pistas sobre o seu estado de expansão da consciência podem ser encontrada nos seus aos posteriores: o seu retiro de quarenta dias para as colinas da Palestina, onde se diz que ele foi tentado pelo diabo; as suas orações frequentes orações em que acredita que falava directamente com Deus; a sua "transfiguração" conforme visto por Pedro, Tiago e João; e, claro, a série de curas excepcionais e outros milagres que lhe são creditados. Precisamos aprofundar mais o seu baptismo e as experiências subsequentes para uma compreensão mais completa do estado de espírito para que ele despertou e levou para o seu ministério.

O BATISMO DE JESUS

Imediatamente após a unção, o baptismo — rito poderoso, veio sobre ele o Espírito Santo, conforme visto sob a forma de uma pomba. Isso significou que a energia foi

percebida como vindo de uma fonte dimensional mais elevada e penetrou no corpo. Isso é comparável a uma abertura da kundalini, * em que a consciência, o subconsciente e a supraconsciência, ou a mente, corpo e espírito — são inteiramente unificadas num momento.

O rito constituía um meio de redimir a ego subjectivo de modo a poder realmente brotar um conhecimento do laço que tem com o eu superior. É por isso que no baptismo de Jesus o espírito a descer sobre o indivíduo traduziu-se pela existência de uma *união* no Eu de Jesus para ele se torna, com efeito, para ele ter a *capacidade de se* tornar no Cristo.

JOÃO BATISTA

Os relatos dos Evangelhos descrevem o nascimento e juventude de João Batista, o agente do despertar de Jesus, mas pouco dizem sobre ele enquanto pessoa e como ele pode ter-se preparado para o seu curto ministério. É-nos dito apenas que ele era primo de Jesus e que levou uma vida austera no deserto até que ele começou a sua pregação dinâmica e baptizando. Os Evangelhos dizem que ele negou ser um profeta ou messias, diferindo em vez disso para o superior que o haveria de seguir, obviamente Jesus. Pouco tempo depois, ele foi preso pelas acusações sem reservas que proferira contra Herodes e depois morto.

Podemos comparar este homem apaixonado, solitário das montanhas, "uma voz que clama no deserto" (alegadamente uma profecia de Isaías), com um pregador revivalista e carismático moderno. Ele pede aos seus ouvintes que se arrependam dos seus pecados e adverte-os de terríveis castigos apocalípticos para aqueles que recusarem a oportunidade, e depois afasta-se. Como se terá João Batista preparado para essa breve carreira como "precursor"?

Pergunta: *Terá João Batista sido treinado e iniciado no Egipto, junto com Jesus,*
como alguns dizem?

João - Correcto. Eles eram primos. Ele participou das actividades da comunidade Nag Hammadan, bem como da comunidade de Qumran. Lembra-te que Maria foi uma entre muitas jovens mulheres Essénios que tinham sido alvo de uma concepção abençoada. A mãe de João Batista também recebeu visitas semelhantes.

Pergunta: *E João na prisão?*

João - Aqui está uma maneira de se aferir [a razão] porque Jesus deixou os Essénios. Os Essénios não permitiriam que uma pessoa que fosse aleijada, incapaz, ou cega participasse das suas refeições sagradas, pois achavam que [tal] a pessoa estava a levar uma vida de penitência. Fora dito que uma pessoa [que] fosse coxa assustaria os anjos, por os anjos, que tinham a capacidade de visão e de espírito ilimitado, [quando] viam uma pessoa manca, podiam encarnar e perder o conhecimento angélico que tinham com o choque e a compaixão. Uma pessoa cega podia tocar alguma coisa impura, ou adulterar a pronúncia da leitura das Escrituras Sagradas, independentemente de quão boa memória tivesse.

Quando João Batista enviou um discípulo a Jesus, dizendo: "João está prestes a perecer," e a dar conta da sua prisão e condenação à morte, razão porque João Batista queria saber, "Será que terei agido correctamente? És tu o Messias?" Jesus disse: "Diz a meu primo, João, que o manco caminha e o cego vê." Enquanto muitos dizem que isso se prende com os mistérios do seu ministério de cura, tratar-se-ia ao invés de um *código* conhecido apenas de João Batista do Manual de Disciplina dos Essénios do seu tempo. O código," os coxos andam e os cegos vêem," dizia: "Todos podem agora tomar parte da refeição sagrada. "Jesus [posteriormente] arranjou que isso fosse lembrado como a Última Ceia, a festa da Páscoa.

Por outras palavras, *todos* podem entrar no reino, e tu procedeste bem. Mesmo que tu possas perecer nesta noite, tu poderás fazê-lo com plena confiança de teres cumprido as longas linhas de profecia, e que o Cristo há de visitar toda a humanidade e chegar a todos os cantos da terra, para que todos possam celebrar a união sagrada.

Nisto, pois, vemos um mistério descodificado! Estas palavras e disciplinas dos Essénios eram desconhecidas até que os escritos [se tornarem] conhecidos hoje [nos Manuscritos do Mar Morto], [incluindo] o mistério da proibição dos cegos e dos coxos, especificamente no Manual de Disciplina, de participar da ceia. Mas [ao] anunciar o reino Jesus *anulou* essa disciplina particular como obsoleta, dizendo que *todos* podem tomar parte.

O Batismo Ritual

O ritual do baptismo evoluiu de uma prática Hebraica antiga destinada à remissão dos pecados para, em seguida, o ritual de arrependimento de João Batista, e finalmente, no que Jesus fez: um acto de aceitação do Espírito Santo. Para muitas gente actualmente o baptismo é pouco mais do que uma dedicação formal de adesão a uma igreja, ou uma bênção e uma garantia para os pais no nascimento de um filho.

Os nossos antepassados, aparentemente, consideravam-no de forma diferente. Como terá Jesus encarado a prática do baptismo?

Pergunta: *Qual é o significado do baptismo, para além de ser apenas um ritual?*

João - Certas palavras [como o baptismo] eram bem conhecidas no mundo do Médio Oriente daqueles tempos, é claro. O conceito de práticas ou curas Védicas (que significa milagrosas), é similar]. O baptismo era uma maneira de desenvolvimento [envolvimento?] dos indivíduos nas qualidades transitórias da sua natureza humana, concedendo-lhes uma abertura para o Divino.

Isto é comparável, por exemplo, às chamados práticas homeopáticas, na crença de que a água detenha o propriedades medicinais de uma substância muito tempo depois da própria física substância ter sido removida. Quando um indivíduo podia fazer uma marca na água ao *abençoá-la*, [então] a sua própria força potente da natureza, ou a compreensão que tinha da Divindade, era transferida para os outros.

Isso foi feito muitas vezes em rios ou em cavernas, ou nos chamados Mitzvahs de acordo com as suas diferentes formas de prática. Fazia muita vez parte da tradição dos Essénios realizar rituais nas profundezas da terra. O rio normalmente significava a lavagem dos pecados acumulados feitos [cometidos] ao longo do tempo, mesmo pecados de gerações. Essa era considerada uma dos mais potentes formas de baptismo. Aqueles feito em cavernas, muitas vezes constituíam a reparação do indivíduo. Mas era sempre [por] acção da água.

ORIENTAÇÃO

Todos nós "ouvimos" sinais nas nossas cabeças ao longo do tempo, quer nós lhes chamamos orientação pessoal, consciência, a voz de Deus, um acerto intuitivo, uma alucinação ou apenas velhos medos nos conduzem ao erro. Esses sinais podem ser muito perspicazes e úteis, assim como eles podem ser enganosos ou sem sentido. Eles requerem, pois, uma interpretação antes que possamos confiar neles para orientar as nossas vidas. Somos, pois, desafiados a perguntar de onde vêm e qual deverá ser a base válida para discriminar entre elas.

Também Jesus — especialmente Jesus — deve ter sido confrontado com esse mesmo desafio de resolver esses diversos sinais que lhe surgiam na mente.

Pergunta: *Quando Jesus era jovem, ele deve ter-se interrogado se as vozes que ele escutava vinham realmente de Deus, ou se eram uma fantasia sua ou mesmo vozes do mal? Como terá ele aprendido a discriminar?*

João - Conquanto o discernimento do bem e do mal fosse preciso, o questionamento sobre se as vozes teriam uma origem divina é mais um conceito moderno. Como os Gregos Helenísticos questionavam por vezes, e defenderam certa vez uma perspectiva agnóstica, precisas compreender que, no mundo antigo o modelo dominante do pensamento era que essas vozes seriam [quer] de natureza divina ou do mal. Jesus discernia e teve um sentido fortemente desenvolvido de identidade, como muitos da tradição Judaica, de que essas vozes tinham origem numa fonte divina. Era mais uma questão de *como.*

Pergunta: *Em que idade é que Jesus tomou consciência pela primeira vez da presença pessoal na sua vida de um Deus com quem ele poderia diálogo e de quem poderia receber orientação?*

João - Mais uma vez, praticamente desde a infância. São conhecidos Evangelhos como o Evangelho da Infância e o Evangelho de Maria e José, que falam de alguns desses assuntos. Há também outros pergaminhos comparáveis de indivíduos de temperamento sagrado que tinham consciência do Divino desde o início.

Ao longo de toda a ligação que teve com o Egipto podemos comparar o tempo gasto entre os templos, as contínuas referências metafóricas para a ordenação dos nomes de Deus em idealizações familiares: Osíris e Ísis enquanto mãe e pai

de Hórus e Hator. Só essa revelação, tanto na infância como na meninice, e as idealizações que os nomes de Deus como *Elohim* por vezes eram traduzidos para o Hebraico como significando "Deus Pai," poderia documentar [isso] de novo.

Conquanto eles fossem frequentemente apresentados como metáforas, era na verdade, uma propriedade de Jesus adoptá-los como aspectos da identidade original, de modo que cada elemento de humanidade era referido como filhos e filhas de Deus em vez de apenas segundo o seu conteúdo metafórico. Isso ocorreu nos primeiros anos do seu desenvolvimento consciente.

MESSIADO E MISSÃO

A noção de um messias teve origem no Judaísmo antigo como alguém ungido com óleo, como um sumo-sacerdote, rei ou profeta. Mais tarde evoluiu para um antecipado rei do herança Davídica, profetizado pelos profetas Isaías, Miqueias e Daniel. Esse seria aquele que um dia haveria de aparecer na Terra, iniciar um apocalipse e estabelecer um reino Judaico numa nova Messiânica. Por altura dos tempos de Jesus o conceito tinha-se cristalizado num líder que havia de expulsar os Romanos e salvar o povo Judeu da opressão.

Os Primeiros Cristãos interpretavam o Messias como um designado Salvador Divino na pessoa de Jesus. Enquanto a maioria dos Judeus modernos fazem uma interpretação menos literal de um messias, alguns ainda aguardam o seu advento. O estado de espírito apocalíptica não feneceu no primeiro século, mas ainda existe em muitas pessoas hoje, daí o fascínio pelas profecias populares, tais como a mudança de milénio, alinhamentos planetários incomuns e o ano de 2012.

Jesus deve ter percebido desde cedo que ele não se encaixava na expectativa Judaica mas sabia que seria visto como um messias de qualquer maneira. Parece que ele tentou mudar a expectativa para o seu conceito do mais profundo para o que era mais necessário. Podemos perguntar, qual terá sido o conceito que terá tido de um messias e como ele lidou com a expectativa Judaica à época?

Pergunta: *Quando e como Jesus entendeu por completo a missão mais ampla da sua vida durante o seu crescimento?*

João - Esse é um aspecto intrigante e único. O conceito que tinha dele próprio como o Messias, ou de *um* messias, desenvolveu-se gradualmente no seu íntimo.

Ele fez extensas viagens pelo Egipto, Atenas, e atá à própria Índia, onde foi submetido a aspectos de debate e práticas como a meditação, ioga e oração. Mas não foi senão até o seu batismo efectivo às mãos do indivíduo João Batista que as suas ministrações [o seu ministério] começou. Ele aceitou, pois, a identidade de se tornar um messias, o completamente ungido que pode ser lembrado pela humanidade pela *consciência* que ele estava disposto a trazer a si, e o conhecimento das consequências que ele poderia sofrer.

Lembra-te que ele não estava desinformado quanto à sua vida passada e do sofrimento que tinha acometido a Jó. * Nesta vida há confrontar-se-ia com as consequências conscientes de que ele devia sofrer essas coisas pelo mundo — o mundo naqueles dias representada pelas autoridades de Roma; assim como as consequências singulares de falar do Divino — em particular quando essa versão corrompida do conceito do Divino na terra era representado pelo imperador. As consequências empíricas, políticas e sociais de qualquer que tentasse esclarecer o conceito do Divino à humanidade podem ser contrastadas com o que poderia ser considerado como sendo o princípio do Anticristo nestes dias.

DÚVIDAS, TENTAÇÕES E ESCOLHAS

Jesus deve ter tido os seus momentos de dúvida e de indecisão como qualquer outro ser humano.

Pergunta: *Que tipo de dúvidas Jesus sofreu em torno desse despertar para o facto de ser o "Filho de Deus," e o preço que teria que pagar na seu missão?*

**Essa vida passada de Jesus é discutida no Capítulo 11.*

João - Jesus teve vários momentos de paixão, epifania e dúvida. Também houve momentos em que ele duvidou daqueles que o rodeavam. Houve o teste no deserto, em que ele teve que desviar diversas tentações quanto à possibilidade de governar a humanidade com os anjos. Esta foi a força mais antiga mencionada em outro lugar: presenças angélicas desejando que ele assumisse o manto da realeza na mais tradicional ou material forma, e declarasse um reino e evocasse os poderes da chamada guerra "Justificada." * Ele apartou-se disso para o caminho da individualização do Divino dentro, e do autossacrifício. Isto tornou-se chave.

Em cada desses exemplos, vemos uma consciência crescente, o [percepção?] que nós também podemos ter sucesso em alcançar e tornar-nos Cristo.
No Getsémani, mesmo antes da crucificação, encontramos a dúvida, ao dizer: "Existirá algum outro caminho?" Mas Jesus, assumiu, ele conheceu a sua missão final. Tendo ressuscitado Lázaro de entre os mortos, ele devia ser capaz de sanar a própria morte. Pois este era o medo final da humanidade, aquele em que a humanidade pode, por vezes, ser manipulado a tomar atitudes não apropriadas. Assim, ao escolher o caminho, ele sabia que cabia na sua capacidade sanar a própria morte. Então, ele tomou sobre si o julgamento do mundo.

Pergunta: *Como mártir?*

João - O mundo rejeitou as coisas que ele proferiu, por amar o mundo mais do que amou o Divino. Isso pode ser expresso no contexto do materialismo encontrado no direito Romano, a melhor justiça que podia ser vista no mundo antigo naqueles tempos. Em muitos aspectos, [essas são] as leis sob as quais vocês ainda vivem, mesmo até nestes dias particulares materialmente.

Mas ao abrir mão dele próprio, de seguida, tornou-se num grande modelo de consciência, que provou ser uma força libertadora naqueles dias. Daí, os exemplos de Gandi e Martin Luther King. E ainda constitui teste da humanidade, até os dias de hoje, que não haja amor maior de homem ou mulher do que o que daria a sua vida pelos seus irmãos e irmãs.

**João discute essas presenças angélicas de forma mais aprofundada no Capítulo 11.*

Pois talvez não haja consciência avançada sem a oferenda da própria vida. Mas a escolha em que que essa vida é oferecida é uma força organizadora de acordo com as nações. [Respeita] o princípio divino para resistir a tirar a vida de outra pessoa, e o sacrifício de si próprio e a medida do tempo e identidade dedicada ao Divino: para que se manifeste a maior de todas as coisas — isso é o cumprimento da lei. Pois nisso reside realmente toda a natureza da lei: "Ama o Senhor Deus, de todo o teu coração, força, mente e alma, e ao teu próximo como a ti próprio." Porque, na verdade, Deus *é* amor.

Quando Jesus venceu a tentação final no jardim do Getsémani, ele foi submetido a esse julgamento. Porquanto lembra-te, a humanidade poderia tê-lo julgado inocente — poderia ter conspirado para o fazer. Mas os agentes

políticos e materiais daquele tempo, representados por Roma e as instituições políticas, procederam ao seu julgamento.

PROFECIA

Várias das histórias dos Evangelhos sugerem que Jesus tenha gozado de uma forte presciência com relação ao futuro. Ele certamente é classificado como um grande profeta, não tanto pelas suas previsões, mas pelo profundo conhecimento que tinha sobre a condição humana, que é uma marca mais verdadeira de um profeta do que a capacidade de ver eventos específicos no futuro. Ainda assim, a previsão era a característica clássica de um profeta, um que se acreditava estar em comunicação directa com a sabedoria superior. A capacidade que Jesus tinha de profetizar pode ter sido natural para ele, ou talvez tenha sido uma consequência do treino esotérico que tenha tido com os Essénios e no Extremo Oriente e Egipto.

Alguns dos alegados milagres de Jesus parecem ser previsões válidas: a sua própria morte, a destruição do Templo e a dispersão subsequente dos Judeus, por exemplo. Temos que nos lembrar, porém, que o registo do Evangelho foi redigido *após* esses eventos, e não antes, de modo a evidência tanto da existência como da exactidão dessa predição de Jesus é pobre. Na verdade, todas as pessoas conscientes da situação política e religiosa do primeiro século poderão facilmente ter previsto estes acontecimentos. Mais especificamente, podemos perguntar quando Jesus teve conhecimento do consequências mundanos da sua missão escolhida.

Pergunta: *Até que ponto Jesus, o homem, antecipou as consequências, tanto positivas como negativas, dos seus actos e ensinamentos que transpiram ao longo dos séculos seguintes? Por 'consequências' quero dizer, por exemplo, o disseminação persistente dos seus ensinamentos sobre grande parte do mundo, assim como as grandes distorções que encerram e as muitas guerras e outros horrores cometidos em seu nome?*

João - Isso certamente pode ser revelado na Escritura que diz: "Olhai! Diz-se que eu vim trazer a paz ao mundo, mas fiquem sabendo do seguinte, àqueles que deverão seguir-me, eu também vim trazer uma espada." Aquilo a que se referia, é claro, era à espada da verdade. Ele advertiu que para aqueles que ocupassem em segui-lo, a mãe pôr-se-ia contra a filha, pai contra o filho, e eventualmente até mesmo nação contra nação, tão potente era o poder da mensagem.

Mas ele percebeu, ao manifestar o princípio da Cristo numa era de trevas, a grande tristeza que envolvia quando disse: "Olhai! Por vocês me terem rejeitado, o que não é diferente da pedra que os construtores rejeitaram," o que significa que era uma sólida pedra angular.

Assim, ele *sabia* disso, a partir da observação dos sinais do seu próprio tempo e conhecimento da sua própria humanidade. Tendo vivido no Egipto e andado em meio a milhares de anos das realizações dos faraós, como se poderia *não* contemplar [isso]? Ele sabia das vozes que tinham clamado em anos transatos, como o grande libertador Moisés, que as suas palavras iriam ter consequências e eco ao longo de muitos milhares de anos. Tendo vivido nas ruínas de civilizações passadas, tendo visto o próprio Egipto destruído, não saberia ele que as províncias, as próprias nações, poderiam levar a cismas semelhantes? Isso [foi] pelas palavras que ele enunciou, não contrárias às palavras de Moisés, mas talvez mesmo mais universais pois eram [de] toda a gente.

Que mais poderiam ser as consequências, senão a agitação da rebelião, que historicamente tinha sido vista antes, não só com a destruição do Templo [mas] a diáspora, o dispersão do povo Judeu e da mensagem por todos os quatro cantos da terra? *

Jesus *viveu* como um ser sábio, ao ter superado a morte, mas mais, ele tornou-se num ser universal, ao que a humanidade é capaz de ascender. Não haveria, pois, o brilho da sua vida lançar a mais escura das sombras?

Assim, constata-se uma profecia natural aqui, observada ou retirada da história, mas também autêntica chamada percepção extra-sensorial, dado que ele era uma pessoa de completa visão a respeito das consequências das suas acções. Ele *entristou-se* pela humanidade, na medida em que não deu ouvidos às suas palavras
adequadamente.

O povo Hebreu encontrava-se mergulhado na sabedoria que tinha vindo do o que era chamado a Torá. Ele sabia que se conseguisse chegar a termos de consciência com eles sobre a condição humana, em que ele aceitava que a humanidade era una e deita da mesma substância da consciência universal, chamem-lhe divindade ou Deus — se o seu próprio povo não conseguia dar ouvidos a essas palavras, então, por sua vez, como se poderia esperar que os outros lhes dessem ouvidos?

A sua mensagem era sobre a paz, para uma *ordem* de coisas em que a humanidade pode ser capaz de se reordenar de acordo com as leis dos profetas. Ele veio não destruir as leis dos profetas, mas para *cumprir* o condição humana natural, o conhecimento de que *Deus é Amor.* É uma afirmação tão simples, só que caiu em ouvidos moucos. Ele sabia disso.

CUMPRINDO VELHAS PROFECIAS

Mateus cita uma dúzia de "profecias" do Antigo Testamento que ele alega que Jesus cumpriu, aparentemente para deixar claro que Jesus era verdadeiramente o esperado Messias. A maioria deles é imprecisa e podem ser interpretados de modo a enquadrar-se numa ampla gama de eventos; por exemplo, "Raquel a prantear os filhos" a profetizar o massacre das crianças levado a cabo por Herodes, e " do Egipto chamei o meu filho" a indicar o retorno de Jesus muito jovem ainda a Nazaré. De facto, muitas das alegadas profecias, mesmo hoje, o Antigo Testamento é tão vasto e ambíguo que se pode encontrar em algum lugar quase qualquer declaração que caiba em eventos posteriores. Ou estaria Jesus deliberadamente a ajustar o seu comportamento para se ajustar às "profecias" existentes?

** Em 68-70, após muitos anos de rebelião Judaica na Palestina, o general Romano Vespasiano e o seu filho Tito destruíram por completo Jerusalém e o Segundo Templo e dispersou a maioria dos Judeus, iniciando a famosa diáspora.*

Pergunta: *Parece que, com base nos Evangelhos — especialmente o de Mateus — que Jesus tenha saído do seu caminho para cumprir várias — 'profecias' do Antigo Testamento, a maioria das quais são poéticas, vago, muitas vezes irrelevantes e não realmente profecias de todo. Eles parecem dizer que Jesus estava a cumprir esses enunciados como profecias. Será que ele realmente fez isso, e em caso afirmativo, porquê?*

João - Não se poderia dizer que Shakespeare é poético? E o Shakespeare não será constantemente encenado? Não terá o comportamento humano, mesmo nos vossos tempos, grandes figuras trágicas? Mesmo centenas de anos mais tarde tem-se dito que um indivíduo leva a cabo as acções de algumas das grandes figuras dessa poesia. Não serão os amantes que tomam a própria vida por causa do amor referidos como Romeu e Julia [Juliet]?

Então, talvez a capacidade humana da imaginação seja que essas possam ter sido profecias que se realizaram *por si só*. Jesus, um homem dotado de uma grande alma poética, não seria negado na sua capacidade de citar quase universalmente toda a Torá, nas tradições orais e escritas, ao perceber a extraordinária poesia que encerra, e em seguida, encená-las, trazendo intenção poética e romântica às suas acções.

Mas acima de tudo, a grande poesia não levará as pessoas a uma acção extraordinária, tanto para o bem como para o mal? Assim, essas palavras permanecem adormecidas, e é exacto dizer, que se pode *perceber* essas coisas *como* profecia e cumpri-las pelo seu valor mítico e poético, *torná-las* históricas, mesmo que fosse desconhecido do seu autor que se tornariam históricas. Isso é uma forma de *profecia que se cumpre.*

Além disso, gostaríamos de afirmar o seguinte. Os profetas certamente sabiam que só quando um homem encarnava certas predisposições ele se tornaria num ungido, por os elementos da realeza certamente encarnarem a qualidade de humildade.

Lembra-te, o próprio termo *poético* é obscuro e um oximoro (contraditório). Por *poético* ser em si algo que se cumpre. Talvez clientes [?] o entendessem como uma chamada *imitação,* uma palavra que cria a compulsão para repetir até que se cumpra numa acção.

Esta explicação sugere que a profecia pode ser não só ser a encenação dos enunciados míticos ou poéticos do passado como se eles fossem dados como previsões, mas também transformando-os a partir de enunciados em previsões através dos nosso actos efectivos.

Pergunta: *Vê a profecia de entrar Jerusalém montado num jumento, por exemplo. Mas, oh, houve muitas outras.*

João - A vontade de Jesus de entrar em Jerusalém sobre um asno é um acto de humildade em vez de um acto de grande pompa, como a carruagem real imperial vista num moral no Egipto, que com certeza ele visitou. Assim, o seu acto tornou-se numa antítese do aparato material da realeza. Ele tomou sobre si o cumprimento da profecia. Aquele que deve *realmente* tornar-se mestre do reino interior deve mostrar a qualidade da humildade mencionada nessas profecias.

APÓSTOLOS, CURAS E MILAGRES

O ministério de Jesus, que começou com o seu batismo, foi logo seguido pela seleção que fez dos primeiros apóstolos e a interação inicial que teve com eles.

REUNIÃO DOS APÓSTOLOS

Os Evangelhos de Mateus e Marcos fazem com que pareça que Jesus tenha escolhido os primeiros poucos dos seus doze apóstolos mais ou menos ao acaso por entre estranhos que ele encontrava no caminho. "Segue-me," dizia ele. Talvez ele tivesse um sentido intuitivo para saber com antecedência como iria resultar, mas parece mais provável que ele já os tivesse conhecido há longo tempo. Nós nunca somos informados sobre a base sobre a qual ele os elegeu. Por exemplo:

Pergunta: *Na época da seleção de Jesus, Simão [Pedro] parece ter sido um companheiro pacóvio desajeitado, uma escolha improvável para o papel de um apóstolo e um futuro e activo líder evangelista. Como é que Jesus sabia que Simão era apropriado à seleção?*

João - Porque ele ser desprovido de artifício. Não havia engano nele. Não era incomum, por exemplo, para uma Divindade escolher o mais improvável dos indivíduos. Estuda os profetas e irás ver que a Divindade muitas vezes procura elevar aqueles que se encontram nos momentos mais difíceis. Se Pedro podia ser elevado, então também por sua vez, poderiam todos.

Pergunta: *Por acaso Pedro estava também Essénio?*

João - Correcto.

DURAÇÃO DO MINISTÉRIO

Os Evangelhos sinópticos sugerem que o ministério de Jesus durou apenas um ano, sem realmente o chegarem a dizer, mas o Evangelho de João apresenta-o a comemorar três Páscoas. Qual será o que está certo?

Pergunta: *Quanto tempo durou o ministério de Jesus, medido desde o seu batismo até a sua morte?*

João - A medida tradicional é de 3 a 3 anos e meio.

IDENTIDADE COLETIVA E OS DIVERSOS INDIVÍDUOS CHAMADOS JOÃO

Podemos, com razão, suspeitar do Evangelho de João por causa do seu conteúdo doutrinal. Parece provável que tenha sido fortemente editado pelos padres da Igreja Primitiva para satisfazer as suas próprias prioridades. Ainda assim, é claro pelo seu aspecto subjectivo, que o seu autor "João" compreendia uma série de coisas que os outros evangelistas não entendiam. Ele também tem uma qualidade mística que sugere o Livro das Revelações, cujo autor não identificado também é chamado João.* Há também epístolas (cartas) escritas por um "João" desconhecido. Serão esses diversos João diferentes ou o mesmo, e estarão eles relacionados com o apóstolo João, filho de Zebedeu?

Pergunta: *Será, com efeito, o João com quem estou a falar o mesmo que João, filho de Zebedeu?*

João - O canal que te fala nunca negou isso, e todas as palavras e substância que são enunciadas suportam isso. Certamente que o canal que te fala não é divino, mas, na verdade, se o nome João Zebedeu for chamado, este canal irá responder.

**A autoria correta desses escritos de "João" tem sido há muito tempo defendida por religiosos estudiosos sem chegarem a uma resolução.*

Pergunta: *Quais dos diversos João dos Evangelhos são a mesma pessoa e quais não são?*

João - O Evangelho dito de João é atribuído ao João que fala. As cartas ou epístolas são atribuídos ao canal que fala, e o Livro das Revelações ao canal que fala. Além disso,
a entidade é conhecida como João o Divino, João da Revelação, e o mais jovem dos apóstolos.

Pergunta: *E João, o Bem-Amado?*

João - Correcto.

No reino não-físico do qual o João de Ryerson fala, não é óbvio qual "o que é atribuído a" e "é o mesmo" significa. Será que as pessoas após a morte de alguma

forma se misturam num grupo maior de consciência, como alguns intuitivos afirmam, ou eles mantêm o seu sentido de identidade separado?

Pergunta: *Eu queria saber se tu, enquanto o canal que fala, és parte de um grupo da alma ou de um conjunto colectivo de seres, uma personalidade multidimensional, digamos, de que João, filho de Zebedeu será apenas um membro.*

João - Pode-se dizer que todas as almas são multidimensionais, mas há é uma identidade central em torno da qual se encontra o grupo da alma histórico e de que as actividades podem girar. As almas possuem individualidade. Pode-se considerar que o canal que te fala pode ser aquela identidade que foi João da Revelação, João, filho de Zebedeu, e o autor do quarto Evangelho. A identidade histórica do canal que fala pode ser estabelecida por padrões de fala, pelo conhecimento que apresenta e pela forma em que a energia de Cristo é encarada, como sendo consistente com a continuidade dos Evangelhos sinópticos e o Evangelho atribuído ao ser que fala. Portanto, a identidade histórica e a perspectiva oferecida é a de uma testemunha dos eventos descritos.

As almas encarnam no tempo e no espaço; Por conseguinte, poder-se-á dizer que o canal que fala teve outras encarnações, como muitas outras almas, e pode ter encarnações em outros sectores do tempo ou até mesmo num outro universo. Assim, todas as almas são multidimensionais. A ideia de que é uma forma de colectividade, para além de existirem grupos da alma de outras expressões individualizadas de almas, não seria uma descrição inteiramente imprecisa.

Pergunta: *(OK. Hmm. Isso esclarece a coisa... Um pouco.)*

João - Na medida em que o infinito pode ser aplicado ao finito para clareza.

INSTRUÇÕES AOS APÓSTOLOS

Jesus deu muitas instruções aos seus apóstolos para levar uma justa vida, e em particular para como eles deviam comportar-se ao viajarem em pares de evangelistas por toda a Palestina e mais tarde pelo mundo conhecido. Nos séculos seguintes, os Cristãos muitas vezes tentaram ater-se a esse elevado padrão de comportamento como se fossem os próprios apóstolos. Ainda hoje missionários e trabalhadores da caridade frequentemente procuram imitar esse padrão ao se moverem por entre os pagãos, os pobres e os desfavorecidos.

No entanto, nem todas estas directivas se enquadram bem na vida moderna. É tentador simplesmente descartá-las como muito fora da data. Será que estamos perdendo o que Jesus queria dizer sobre a maneira de viver uma vida de "Cristão"?

***Pergunta**: Olhando amplamente para as directivas de Jesus, ele indicou que os seus seguidores do primeiro século deviam partilhar as suas posses livremente com aqueles que não têm nenhum dinheiro, viajam sem dinheiro e apenas as com os mais básicos dos itens essenciais, e dar a outra face a um atacante — presumivelmente até mesmo para quem é louco ou um terrorista, digamos. Como devemos traduzir correctamente esse conselho na actual cultura Ocidental?*

João - Notando a sua sabedoria básica ou fundamental. Qualquer viajante que tenha percorrido qualquer distância terá chegado a conhecer a sabedoria em termos contemporâneos de andar com pouca coisa. Isso resulta a diversos níveis. Um, pela simplicidade nas escolhas dos objectos materiais está-se sempre aberto a adaptar a sua identidade em meio das actividades dos diferentes níveis de humanidade entre a qual se pode viajar. Isso pode significar viajar com humildade, mas também pode significar viajar com riquezas. Por exemplo, uma tela vazia pode sempre ser pintada, e o tema material pode ser alterado de uma zona geográfica para outra.

Portanto, há certas formas inatas de sabedoria que podem ser entendidas mesmo em tempos contemporâneos. Pode dizer-se, viajar de modo elegante e simples para que vocês possam desfrutar da abundância e da plenitude da vida que está presente no AGORA.

O alegado "dar a outra face" é simplesmente a conhecimento de que em momentos de paixão as pessoas podem não estar nos níveis mais elevados funcionais ou na sua maior sabedoria. Um acto de não-violência, em que um indivíduo possa mostrar moderação, pode *chocar* o dito inimigo no confronto tanto com a razão, como, eventualmente, acima de tudo, a sua intenção, no espírito da continuidade mais passiva do indivíduo com a sua própria consciência."

Parece que as instruções Jesus deu aos seus evangelistas errantes estão a ser tomadas actualmente apenas como princípios orientadores gerais e não prescrições literais para um comportamento virtuoso.

REJEIÇÃO EM NAZARÉ

Pergunta: *De acordo com Lucas, quando Jesus retornou à sua sinagoga da infância em Nazaré e tentou pregar lá ele foi ridicularizado e a sua vida foi ameaçada. Qual terá sido a razão disso?*

João - Nazaré era a sua comunidade de origem. Quando ele [re]visitou Nazaré, foi dito que ele poderia fazer poucos milagres lá, de modo que talvez o ditado, "a familiaridade gera o desprezo" tenha [começado] lá. Diz-se que ninguém é profeta na sua própria terra.

Quando vos conhecer uma pessoa por todos os seus anos, mesmo que se trate de uma pessoa de valor considerável e actos virtuosos, torna-se difícil concebê-los de qualquer outra forma [que não] naqueles em que a conhecemos. Jesus sabia disso.

CURAS E MILAGRES

As curas e outros milagres que se diz que Jesus realizou ficam pouco aquém do conselho moral e ensinamentos espirituais (a ser examinados nos capítulos 10 e 14). As suas curas são ao mesmo tempo surpreendentes e quase inacreditáveis. Muito poucas pessoas hoje conseguem encontrar alguma coisa na sua própria experiência que confirme que seja mesmo possível curar instantaneamente o aleijado, o leproso, o cego e o insano, e até mesmo erguer os mortos para a vida — tudo sem drogas ou implementos e só por um acto de intenção. Os escritores dos Evangelhos também afirmam que Jesus transformou a água em vinho, acalmou uma tempestade no mar e levou uma figueira a murchar. Como deveremos considerar tais relatórios incríveis?
É natural que sintamos dúvida.

Jesus provavelmente era respeitado por muitos dos seus seguidores mais pelas suas curas e outros milagres do que pela sua mensagem. Além disso, ele pode ter curado de modo extensivo, porque isso era esperado no seu tempo da parte de quem fosse um profeta, e, em especial, de um Messias.

De acordo com o Jesus dos Evangelhos muitas curas e milagres começaram primeiro com as mais simples e depois progrediram para os mais complexas, até a alimentação dos 5000 ("pães e dos peixes") e o ressuscitar do Lázaro dos mortos. Assim, parece ter ocorrido um processo de aprendizagem.

Muitas pessoas hoje em dia, até mesmo muitos Cristãos devotos, livrar-se-á dos relatos de curas de Jesus como simplesmente uma parte fictícia do lenda Cristã. Na ausência de uma melhor evidência podemos supor que o registo de curas de Jesus dos Evangelhos poderiam ter surgido das percepções distorcidas das multidões supersticiosas, de exageros por parte dos autores dos Evangelhos e, ou posteriores interpolações feitas por parte dos editores da Igreja. Por exemplo, os observadores das alegadas curas não estavam geralmente em posição de julgar o quão mal os sujeitos estavam antes de aparecerem para ser curados. E como haveriam eles de saber se o menino a quem ele ressuscitara de entre os mortos estava realmente morto? Seriam os "possuídos" homens realmente loucos, ou apenas bêbados?

Em duas curas — a do cego de nascença e a do Lazaro morto — a evidência estabelecida é mais forte, mas ainda precisamos confiar que toda a história não foi fabricada. Sabemos que os evangelistas e os escritores dos Evangelhos estavam a tentar arduamente colocar Jesus num alto pedestal durante o período tumultuoso que se seguiu à sua morte. Temos boas razões para duvidar da exactidão histórica das suas palavras sobre os feitos excepcionais dele.

Por outro lado, os relatos dos Evangelhos sobre as curas podem estar amplamente corretos. Mais uma vez, a prova pode simplesmente estar distorcida e incompleta.

Na verdade, relatos de curas fenomenais são bastante comuns na história humana. No mundo de hoje só é necessário que abramos um pouco os olhos para reconhecermos a ocorrência de curas similares e não nos estamos aqui a referir aos "milagres" da tecnologia médica moderna. As curas excepcionais de hoje são geralmente medicamente reportadas como "remissão espontânea," caso sejam relatadas de tudo, ou atribuídas à Virgem Maria num contexto religioso.

No terceiro mundo dezenas de agentes de cura executam regularmente *alguns* dos mesmos tipos de cura que se diz que Jesus tenha feito, bem como mais surpreendentes ainda, como cirurgia psíquica que não é relatado que Jesus tenha feito.* Suficiente dessas curas foram relatadas de forma fiável e com precisão e filmadas por médicos visitantes para negarem o clamor frequente que que *todas* são fraudulentas. † Não deveria, pois, ser difícil aceitar que Jesus poderia ter realizado obras excepcionais de cura semelhantes no seu próprio tempo.

Sim, é provável que algumas das reportadas curas e milagres de Jesus não sejam estritamente verdadeiras, embora ainda tenhamos que nos interrogar sobre o restante: *Como* é que ele os fez? *Por que* razão ele as realizou quando a sua principal missão, como a entendemos agora, não parece exigir tais fenómenos chamativos? Será que as suas habilidades surgem da sua suposta formação no Leste e no Egipto, ou terão sido uma expressão do seu suposto estado elevado de consciência?

Há também o facto, agora bem estabelecido, de que a cura não seja um acto unilateral de curador sobre paciente, mas uma ação conjunta que envolva ambas as partes, incluindo as expectativas do paciente, "fé" e crença na cura. Poderia o ambiente supersticioso dos tempos terem permitido que Jesus executasse curas que teriam sido impossíveis em outros tempos e lugares?

Algumas pessoas encaram naturalmente Jesus como tão divinamente dotado que podia fazer quase tudo. Nesse caso, devemos aceitá-lo como divino (em algum sentido) por ele poder fazer milagres, ou ele conseguia operar milagres por ele ser divinamente dotado? Assim, embora tenhamos razões para *não* acreditarmos nos Evangelhos com respeito às alegadas curas de Jesus, também temos fortes razões para as aceitar como verdade.

** Se esses profissionais médicos hoje praticassem abertamente nos EUA hoje provavelmente seriam detidos e presos por operarem sem licença médica.*

† Muitas curas excepcionais estão a ocorrer tranquilamente nos EUA e na Grã-Bretanha hoje sob o título "remissão espontânea," ou seja, por recuperação inexplicável, até mesmo de doenças fatais. Contudo, as curas mais excepcionais são realizadas por " cirurgiões psíquicos" nas Filipinas e no Brasil. Elas incluem curas completas e imediatas de graves doenças físicas e rápidas recuperações de transtornos mentais. Menos documentadas e divulgadas são as práticas xamânicas em tribos isoladas em diversas culturas do terceiro mundo.

Conquanto se saiba que o engano ocorre por vezes, há muitos exemplos de exames médicos cuidadosamente documentados dessas curas incomuns que substanciem a alegação aqui afirmada. Relatos credíveis sobre essas curas são difíceis de encontrar, uma vez que eles não aparecem em revistas médicas, mas são distribuídos entre dezenas de publicações menores, muitas vezes misturadas com narrativas menos credíveis. Algumas delas são acessíveis através da Internete. [Fuller 1975 Ormond 1959, Martin 1999]

Na esteira desses argumentos, pró e contra, precisamos recordar que há mais que se lhe diga com respeito aos milagres de Jesus do que apenas uma série de fenómenos incomuns que exigem explicação. Conquanto sejamos naturalmente curiosos, e talvez mesmo críticos, não poderemos igualmente aceitá-los como um dos mistérios gloriosos da vida humana, sem a necessidade de análise detalhada, avaliação e prova?

Não poderemos anular a nossa necessidade de os *explicar*, em face da mensagem mais importante de Jesus, cuja importância vai muito além das suas supostas curas? Consideremos os milagres de Jesus primeiro.

AS BODAS DE CANAÃ

Os primeiros dos milagres registados de Jesus ocorreram num casamento em que o vinho acabou prematuramente. O Evangelho de João diz que ele veio em seu auxílio ao converter a água em algumas grandes jarras num invulgarmente bom vinho. Ele realmente fez isso?

Pergunta: *Terá a produção de vinho no casamento em Caná sido um verdadeiro milagre de Jesus?*

João - Foi, mas fala mais da ordem da sua prática natural. Na festa de casamento no qual ele foi um convidado de honra — ele foi o rabino que ia executar o serviço — e desejando poupar os anfitriões ao embaraço [por] todo o vinho ter sido consumido durante as celebrações, ele ordenou que lhe fosse trazida água. E, de fato, na oração que fez destinada a operar o milagre, ele transmutou do inorgánico para o orgánico.

Isso pode ser surpreendente [embora] transformar o inorgânico em orgânico estivesse certamente dentro da sua capacidade. Mas o demonstração única, na verdade, um acto de compaixão no casamento, [revelou-se] ininterrupto com a continuidade da alegria.
O verdadeiro milagre para Jesus não foi transformar a água em vinho, mas mais ainda o prazer num caso do dia-a-dia. Isso, para ele era verdadeiramente milagrosa — trazendo o Divino para o estado natural de coisas da humanidade.

A transformação da água em vinho foi considerada um acto de sacralização [Santificar?] do conceito do casamento. Porque o conceito da festa do

casamento era simbólico, por Jesus estar prestes a *casar* o princípio feminino do Divino, o Espírito Santo, com o princípio masculino do Divino. . . assim, a capacidade de Deus *agir* abertamente no plano da terra, não separado da humanidade, pela fusão do masculino e do feminino num só ser humano.

Observe a elegância e a simplicidade do miraculoso aqui. Alguns disseram que ele apenas escolheu de água doce, como os Essénios praticavam [na] toma simbólica de vinho (porque eles não acreditavam no álcool). Isto tornou-se o milagre natural. No entanto, podemos dizer agora que a água [na verdade] *continha* vinho.

Há quem diga que havia uma tradição, que para preservar o vinho fresco em grandes jarras, o que faria com que a água evaporasse, e uma pequena quantidade de óleo [seria] colocada à superfície do vinho que se deixaria que envelhecesse. [Eles] poderiam em seguida ter misturado a água com o vinho, criando a aparência do milagre. Mais uma vez, nós eliminamos estas explicações naturais, embora elas certamente constituam [uma explicação sobre] o evento, bem dentro dos limites da qualidade histórica.*

Então, nós desafiamos o [crítico] a entender que a manipulação do *prana*, † a capacidade de transformar elementos em formas mais complexas, tinham cabimento no âmbito dos processos mentais [recursos] do homem Jesus, por causa de as iniciações a que ele tinha sido sujeito.

** Era prática doméstica comum naqueles dias para usar o vinho como um aromatizante para beber água, em vez de vinho somente.*

† O termo Sânscrito prana, chamado de Qi ou Chi no Oriente, refere-se a um essencialmente energia não-física que reside em cada forma de vida e é essencial à sua existência. Aqueles que praticam ioga e exercícios respiratórios relacionados procuram controlar o nível e fluxo de prana dentro dos seus corpos, a fim de induzir um estado altamente energizado de consciência.

João - Será melhor compreender o carácter da conversão da água em vinho como o simples anúncio das suas habilidades numa *festa de casamento*, uma celebração. Isso foi igualmente uma experimentação competente das capacidades impressionantes dele, porque só depois ele progrediu para milagres mais complexos tais como a cura, e mesmo assim apenas curas simples.

A sua verdadeira cura era curar o caminho da sua sociedade na relação com a alma da natureza. Porque os milagres realmente tornaram-se um fardo [mais tarde], ao separá-lo porventura ainda mais da ordem natural.

ALIMENTANDO OS 5000 (PÃES e Peixes)

Mais tarde, uma grande multidão de seguidores de Jesus ouvia a sua pregação no campo havia dois ou três dias, e somos informados de que eles não conseguiram levar comida suficiente para a ocasião. Para preencher esta necessidade logística é relatado que Jesus transmutou alguns pães e alguns peixes numa quantidade suficiente para alimentar o grupo todo.

Aqui, mais uma vez nos deparamos com um outro evento incrível para o qual muito poucos pessoas hoje podem encontrar apoio na sua própria experiência. Na verdade, não existem relatos credíveis de tal milagre nos meios de informação públicos ou arquivos históricos credíveis. Somos deixados com os nossos próprios recursos — sejam eles a crença, a fé verdadeira ou intuição — para revelar o que pode realmente ter acontecido.

Pergunta: *Com respeito à alegada alimentação dos cinco mil por Jesus, ele de facto transmutou os materiais, ou foi mais uma réplica, ou aconteceu de todo?*

João - Nós descreveríamos o processo como uma forma de replicação, por exemplo, a capacidade de restaurar a vida da matéria orgânica que está num estado de suspensão. Uma explicação parcial do milagre natural seria o de que quando as pessoas percorrem grandes distâncias transportam alimentos nas suas vestimentas, por vezes por medo de que não tenham suficiente que as sustente e elas possam desfalecer. Assim, essas eram substâncias de sustentação da vida e muito preciosas. Parte do milagre natural está em que os alimentos de algumas pessoas teriam sido acumulados para as sustentar através de uma longa viagem.

Mas parte do milagre natural é verídica. Jesus tomou o que tinha sido abertamente dado por uma criança, e pelo acto da fé dessa criança começou a criar um milagre em que ele multiplicou os tecidos, ao restaurar a vida dos mesmos. Isto pode ser considerado um processo da clonagem radical, certamente, o que mais uma vez, não está além do capacidade do que os cientistas especulam e talvez um dia entendam.

CURAS MENTAIS

Lemos nos Evangelhos que Jesus curou ambos a mente e o corpo. Os transtornos mentais incluíram o homem perturbado de Gerasenes (Gergessa, Gerasa), cujos espíritos que o possuíam ele alegadamente transferiu para um rebanho de suínos; a homem com um espírito mudo; a filha possuía da mulher de perto de Tiro e Sídon; o homem "com um espírito imundo"; certos alegados epilépticos e alguns outros.

Pergunta: *Parte do ministério de cura de Jesus passava pela suposta "expulsão de demónios" e o exorcismo em casos de possessão espiritual. Será que ele realmente praticou isso? Se praticou, como foi que o fez?*

João - [Ele fê-lo] psiquicamente. Quando um indivíduo não se encontrava centrado na sua própria personalidade, o que pode acontecer, por exemplo, quando o abuso surge durante a infância, aí a personalidade adulta acaba superficialmente enfraquecida, de modo que as emoções não são socialmente integradas. Essa é praticamente uma forma de possessão por parte dos estados psíquicos do indivíduo que é o agressor.

As pessoas têm igualmente tendências psíquicas para o aprisionamento; por exemplo, aqueles que partilham de álcool ao ponto de comprometerem as faculdades racionais. Em seguida, eles procuram levar outros a participar das chamadas formas Dionisíacas de [uso] do álcool ou de substâncias que causam dependência. Podem ocorrer consequências negativas, em vez da sabedoria através do vício. O campo de energia do indivíduo, a forma arcaica conhecida como *aura*, a luz que circunda o corpo, também pode atrair outras entidades espirituais, almas que buscam a compreensão dos seus próprios estados psíquicos passados. Elas podem envolver o indivíduo, e tornar-se nos chamados demónios que são muitas vezes vistos. Por outras palavras, outros espíritos humanos, pobres de raciocínio e pobres de espírito, não tendo disso bem-sucedidos nas suas próprias encarnações, procuram uma forma de salvação ou a conclusão antes da sua encarnação seguinte.

O homem Jesus podia ver, e podia discernir propriamente, pode-se dizer, como Lucas teria dito — *diagnosticar* — esses diversos estados psíquicos. A capacidade dele [era tal] que, por meio leis dietéticas [e] a cura nutricional dos tecidos danificados, órgãos neurológicos e internos, [ele] podia fortalecer o

indivíduo e levá-lo a retornar à sobriedade, clareza e racionalidade. Assim, algumas observâncias da lei poderiam ser [vistas] aqui.

[Havia] igualmente a exigência de que os pobres fossem alimentados, e poder ser tratados a acordo com as antigas leis Talmanicas [Talmúdicas?] * e a Torá e esforços similares; também a educação, como nas escrituras, levavam os indivíduos a uma maior integração social por direitos e conhecimento de privilégios que se desgastaram sob as leis mais seculares, tanto de Roma como das influências iniciais Greco-romanas. Naqueles dias, elas negavam a um indivíduo o conceito de identidade Judaica, em especial.

Trabalhar com energia, curar os centros psíquicos, causando uma regeneração completa no indivíduo, constituiria um verdadeiro exorcismo. O exorcismo por parte do homem Jesus era encarado como a cura, mesmo no famoso caso da chamada varas de porcos.

Isso deu voz ao reconhecimento da *união* na condição humana do homem Jesus. Num outro ser humano a união pode constituir um certo grau de vergonha por ele ter baixado a um estado não muito diferente do da parábola do filho prodigo. Quando as almas deixam o estado de energia ou aura a um outro ser, eles podem buscar o nível seguinte [mais baixo] da expressão física, neste caso, do dito rebanho de porcos.

Isso também foi enfatizado na história em termos de carne impura, ou das (mãos) impuras, [referindo-se] aquelas almas numa condição idêntica à xamânica *(NT: Marco: 7?)* Eles, porventura não seriam mais capazes de [entrar?] em estados de negação, como o indivíduo cuja consciência é comprometida por substâncias Dionisíacas ou alcoólicas. Uma vez interrompido o seu ciclo de dependência, eles podem praticamente ser preparado de forma xamânica para ir para o nível seguinte da encarnação. Assim, nesses episódios específicos de exorcismo vemos [em Jesus] as actividades de um profeta, um médico, um curador e talvez até de um xamã.

**O Talmude é uma coleção de tradições orais Judaicas soba forma de comentários sobre a Torá e constituem base no direito Rabínico. Na forma escrita consiste principalmente na Mishná (~200 dC) e no Gemara (1500 CE). Ver notas de rodapé no Capítulo 1.*

Pergunta: *Qual seria a contrapartida actual de tratamento desses casos de exorcismo?*

João - Sabe-se que alguns indivíduos podem alcançar [cair] em estados de desequilíbrio nutricional que agora são tratáveis e reconhecíveis. Algumas terapias por fala podem ajudar a integrar determinadas ruturas ou cismas na personalidade. Além disso, certos substâncias derivadas de plantas, de acordo com as leis dietéticas, contêm substâncias nutritivas e medicinais. Assim, talvez o melhor modelo deva ser aquela da chamada medicina integral, a inclua nutrição, reconhecimento do sistema meridiano neural e até mesmo a utilização de substâncias psicoactivas isoladas de certos estados [plantas] na natureza por parte dos médicos.

Lembra-te, Lucas registou muitos desses exorcismos, tais como os estados Hipocráticos observados hoje *(NT: A percepção do estado corporal em Hipócrates)*. Eles seriam conhecidos por um médico treinado.
Jesus alcançava a maioria das suas curas sem o uso de ervas. Mas não sem a utilização da lei [acerca] da qual ele dizia, "Eu vim para cumprir a lei, não para destruí-la." Portanto, isso incluída a noção do elemento adequado na dieta, conversas sobre a questão da identidade e o lugar apropriado que o indivíduo tinha na ordem natural do ser humano.

Pergunta: *Seriam essas doenças que chamamos de possessão, ou de personalidade múltipla hoje?*

João - Com efeito. Indivíduos com transtornos de personalidade múltipla por vezes parecem exibir personalidades como provenientes de outras épocas, culturas e características que vão acima e além da características da sua vida actual. A cura da alma encarnada podia pois levar à cura da chamada síndrome de personalidade múltipla. Assim como da esquizofrenia. Tem-se observado que certos substâncias psicoactivas pode conduzir a um tratamento, senão mesmo à cura completa dessas condições. No entanto, a aplicação de energia e uma terapia contínua no sentido de integrar conscientemente o indivíduo numa identidade singular constituiria a cura completa.

Alguns desses estados fisiológicos podem ser precursores e *levar* à possessão por espíritos. No mundo antigo, eles eram por vezes considerados síndromes de possessão, senão possessão completa, mesmo. Assim, havia graus de discernimento.

CURAS FÍSICAS

As alegadas curas físicas feitas por Jesus são inúmeras. Eles incluem a restauração da saúde de pessoas "com doenças diversas": cegos, paralíticos, coxos, leprosos, febres, sangramento crônico, desfiguração (em alguns casos, à distância) e até mesmo ressuscitação dos mortos. Além disso, ele fazia o seu trabalho de forma franca o suficiente para que pudesse ser visto e divulgado. Um curador desses hoje certamente haveria de ser cercado do mesmo modo se ele executasse publicamente, e nos EUA seria preso, como tem sucedido a alguns cirurgiões psíquicos Asiáticos por violarem códigos médicos e praticarem medicina sem licença.

> **João** - Os Essénios eram conhecidos como curandeiros dotados da capacidade de curar sem ervas, por exemplo. Os fenómenos que tanto mistifica a mente moderna, como a acupuntura para alívio da dor, realiza essas coisas sem recurso a fontes externas de drogas ou outros medicamentos, e de facto ainda produz a cura. [Essa era] a capacidade de seres como Jesus, que através da meditação e outros empreendimentos poderia trazer mais dessa energia e até mesmo curar com essa energia à distância. Muitos dos Essénios, que atingiam a idade adulta através da sua formação, gozavam dessas capacidades particulares.
>
> Assim, esses milagres, como os observados pela mente Helenística e até mesmo dos médicos do tempo de Jesus, eram consideradas sinais de uma personalidade sagrada.

Aqui está a explicação que João deu (de uma publicação anterior) de como Jesus realizava essas curas:

> **João** - A forma de cura do homem Jesus, era através do seu próprio corpo físico, que era um modelo perfeito. Ao estender a cura aos outros, em face da receptividade da parte deles, eles recebiam a informação dele telepaticamente por estarem presentes na sua aura. As suas aflições, ou corpos enfermos, encontravam, pois, um padrão correcto aos níveis vibracional, moleculares e genéticos, de modo a começarem a reconstruir-se a si próprios. Porque as suas mentes conscientes, que moldavam a maior parte das actividades do corpo físico, tinham esquecido, por meio de falta de fé, a sua própria capacidade de restabelecer a cura. Por isso, os seus corpos físicos não detinham o padrão do correcto estado de saúde.

Mas quando os seus corpos físicos, ou as suas mentes, tinha fé num que andava perto da perfeição chamada Deus, então eles podiam reactivar essa memória do subconsciente ou inconsciente colectivo. . . O corpo físico assimilaria então esse padrão em si próprio, e começava a reconstruir-se, em primeiro lugar, nos níveis vibracional e etérico, e em seguida, no molecular, em seguida no genético, e então a cura do organismo como um todo.

Tudo é conseguido pelo nível de amor, que é a alma.

*Mais uma vez, a maioria das curas de Jesus não nos deveriam surpreender, porque fenómenos similares ocorrem no mundo de hoje, e podem ser conhecidos se apenas prestarmos atenção. João também nos diz que tais conhecimentos não se limitava a Jesus, mas era igualmente praticado pelos Essénios.**

**Esta última afirmação é confirmada na História dos Judeus de Josefo. [Williamson 1981]*

LÁZARO

A ressurreição que Jesus fez de Lázaro, muitas vezes considerado como o feito mais surpreendente que ele fez, só é descrito no Evangelho de João. A ser assim, por que motivo os escritores de Evangelhos não mencionam esse evento altamente incomum? Será que realmente ocorreu? Por que Jesus esperou quatro dias antes de responder às primeiras notícias da doença e morte de Lázaro? Temos também de perguntar, com um certo cepticismo, se Lazaro se encontrava inteiramente morto quando Jesus o "ergueu dos mortos."

***Pergunta:** Será que as versões traduzidas e editadas da morte e da ressurreição de Lázaro reflectem correctamente o que realmente aconteceu?)*

João - Correcto. Em alguns dos seus milagres passados [observadores] tinham-no visto a despertar indivíduos de comas. Tinham-no visto a curar doentes, mas quando sucedeu ele erguer pessoas dos mortos eles pensaram que talvez ele pudesse ter atingido o limite das suas capacidades.

Jesus pode ter esperado tanto tempo para responder à notícia da morte de Lázaro, para que não houvesse dúvida de que o corpo de Lázaro estava realmente morto e em estado de decomposição.

João - Eles [os que se encontravam perto do túmulo de Lázaro] queriam ter certeza de que Jesus tinha tido conhecimento. Os ritos de sepultamento Judaicos passavam por pegar no corpo, coloca-lo no túmulo, permitir a sua passagem natural ao pó, e em seguida, exumá-lo e recolher os ossos para serem colocados num ossuário. Assim, eles quiseram deixar claro a ele, dizendo: "Não conseguirás sentir a corrupção da forma?" referindo-se aos odores que os túmulos emitem. Desejavam deixar claro para ele que a fisiologia em estado necrófago — isto é, a deterioração da forma física — estava em estado avançado, ao inquirirem da sua parte se ele não conseguia sentir os odores.

Pergunta: *Então, Lázaro estava realmente morto, e ele já estava morto há alguns dias. Será correcto?*

João - Correcto. Jesus então entoou os diversos nomes de Deus, precisamente na maneira que Moisés separou o chamado Mar Vermelho, invocando as energias similares. Este é o lugar onde se diz que ele, em seguida, clamou em alta voz: "Lázaro, vem daí!" E ele assim fez, mesmo ainda usando as vestes da sepultura. Esta foi uma forma não de reanimação mas autêntica ressurreição e rejuvenescimento do corpo físico. *Não* foi o corpo glorificado de que se fala em que o corpo pode alcançar a imortalidade fisiológica.

Pergunta: *De que terá Lázaro morrido?*

João - Do que teria sido interpretado inicialmente como uma forma de inflamação que mais tarde evoluiu para pneumonia brônquica.

Pergunta*: Haveria algo especial com respeito a essa situação do Lázaro, que o tornasse possível? Ou, poderia ter acontecido com outra pessoa que não Lázaro, ou talvez em algum outro momento, assim como na altura que o fez?*

João - Apenas de acordo com graus crescentes de fé. Na sua juventude, Jesus realizava vários actos no forma de criança, com a vontade de uma criança. Ele foi normal na criação que teve, mas ele tinha capacidades que foram associados àqueles de um profeta. Na longa história dos profetas houve proezas consideradas actos naturais do ser divino, ou de um ser divinamente inspirado. Conquanto isso possa ter suscitado receios e respeito numa comunidade, não eram inteiramente considerados fora do comum ou inesperados.

Pergunta: *O que aconteceu a Lázaro depois da morte de Jesus?*

João - Ele viveu o curso da sua vida, e eventualmente deixou a forma física na sua idade avançada. [Ele passou] um período de tempo em Betânia, mas depois ele viajou com outros discípulos. Durante um longo período de tempo ele foi membro da Igreja, ou sinagoga, de Jerusalém, o chamado Sínodo de Jerusalém.

A FINALIDADE DAS CURAS DE JESUS

As razões que Jesus tinha para curar não são claras a partir das Escrituras, mas independentemente do seu motivo tiveram, obviamente, um papel importante no seu trabalho. Gostaríamos de acreditar que ele curou pessoas como ele o fez, principalmente por compaixão pelo seu sofrimento. Ao mesmo tempo, as suas curas atraíram grandes multidões a escutar a sua mensagem. A história do Judaísmo revela que qualquer pessoa que fosse profeta, e, certamente, Messias, seria de esperar que fosse um curador. Assim, Jesus poderia simplesmente ter querido que as curas fossem uma demonstração do que é humanamente possível, e do que a fé em Deus pode fazer. Talvez todas essas quatro possíveis motivações funcionassem em concerto.

João - À medida que Jesus amadureceu e recebeu o seu baptismo, se tornou um adulto espiritual e se comprometeu com a Torá, às suas determinações e leis, os seus primeiros discípulos aproximaram-se dele e disseram: " Dizem-nos que sois o Cristo. Mostra-nos sinais disso, para que possamos conhecer-te."

O seu primeiro sinal ou primeiro milagre [no casamento Canaã] foi um acto de afinidade, um acto maduro de contenção naquelas capacidades em que ele já estava bem treinado. Daí ele partiu para curas que progrediram na sua complexidade e o impacto que tiveram sobre a sociedade — a reintegração de leprosos na comunidade, por exemplo. Depois de terem sido curados eles foram ao templo para serem inspeccionados, e nenhum defeito lhes ser apontado. Ele entendia os padrões das energias, como eles podem intensificar ou diminuir.

Ele curou aqueles que não podiam ter filhos, para remover essa estigma da sociedade e da ordem do dia. O clímax dessas capacidades seria a restauração da vida, ou, pode-se dizer, a cura da morte. Não foi apenas com Lázaro, mas uma cura final da morte que foi feita [mais tarde] no sacrifício da sua crucificação e ressurreição. Ele recebeu a própria morte, em primeiro lugar [com Lázaro], a fim de saber que podia ser curado, e depois novamente na ressurreição.

Essa seria a ordem natural em que qualquer pessoa pode progredir em graus crescentes de demonstração, experimentação e comprovação, não muito diferente dos fenómenos [científicos] naturais; observação, correções pela observação, culminando na expectativa de um resultado. É muito semelhante aos médicos [que] poderiam inocular-se antes de [inocular] os outros.

Cura de Dívidas Cármicas

Há somente pistas parcas nos Evangelhos de que as curas de Jesus podem ter incluído a resolução de um sofrimento cármico. Aqueles que escreveram os Evangelhos não deixaram qualquer sugestão de que eles entenderam esse aspecto do seu trabalho, e se presentes os editores posteriores podem ter eliminado toda menção a ele.* Em vista do poder que Jesus tinha de curar, poderá ter-lhe sido possível encurtar ou mesmo eliminar a liquidação de "dívidas" de tais dívidas passadas?

(Foi-nos ensinado que a lei do carma envolve a contração de "dívidas" de transgressão da Lei Natural e requerer a sua subsequente resolução, ou paga, sem excepção. Até que ponto é que Jesus tinha o poder de adiar, perdoar ou apagar débitos cármicos através das suas curas?)

João - Em vidas passadas, a pessoa pode ter tido ações que tenham levado a um carma que ela não confrontaria senão numa outra vida. Jesus, no entanto, sabendo que essa seria uma dívida cármica, e que todo o carma se destina à criação de experiência e contexto e é não punitiva, concedia o perdão. Isto é muito parecido com um juiz sábio que pode perceber mudanças no carácter de uma pessoa que aprendeu com as consequências das suas ações. Ele pode então conceder suspensão nos termos da lei, conforme cabe no seu poder de acordo com o senso comum da sua sociedade.

(Mas se uma pessoa tiver feito um erro desses e ainda não tiver aprendido a lição, ainda precisaria passar ainda por um processo de aprendizagem que o resolvesse, quer Jesus estivesse envolvido ou não? Ou poderia Jesus de alguma forma eliminar essa necessidade?)

João - Tal como a um homem poderia ser dada suspensão sob a lei do homem, o conceito de suspensão destinava-se a abster-se dos chamados comportamentos que levavam às consequências do seu mau julgamento. Se o indivíduo *não* se

reformar e aprender com o dom da sua suspensão, e não adoptar a abstinência desse comportamento, então ele acabará por deixar mal a sociedade.

Ele pode voltar novamente a ser submetido a julgamento, e cumprir o resto da sentença que foi suspensa.

Sob a lei de Deus — isto é, a lei divina — ele irá desenvolver carma.

**Para uma explicação mais cabal da reencarnação e do carma ver o começo do capítulo 11.*

João - Você pode ver elementos nas curas de Jesus: as pessoas vinham a ele para as curar e ele dizia: "Pela tua fé foste *curado* " referindo com isso o seu alívio, a sua inspiração, à medida que eram curadas. Se uma vida de fé fosse demasiado dura, então as suas doenças retornavam.

Na verdade, a absolvição ou a suspensão do carma é um acto de Darma, um acto de serviço por parte de alguém que é amável e perdoa. Se alguém é capaz de receber o dom do perdão e de se perdoar, então o carma não mais fará parte da sua identidade, e não haverá nenhum outro ponto consciente para actuar sobre o físico. Não é diferente de doenças psicossomáticas e do impacto que têm sobre a fisiologia do corpo físico.

Então, conquanto Jesus não neutralizasse o carma, a sua cura podia suspendê-lo temporariamente de modo que o indivíduo pudesse achar a dívida mais fácil de resolver. A cura não é necessariamente quer um acto permanente nem imposto. A plena aceitação fica ao critério do beneficiário.

João - As leis do Carma e do Darma* não são diferentes dos princípios no domínio da mente sagrada. Neste caso, pode-se dizer que a fé seja a porta de entrada para uma inspiração para levar uma mais vida de acordo como Darma e orientada para o serviço. Dessa maneira, é-se curado.

Mas existem formas de volição velhas. Se a pessoa sentir culpa ou vergonha ou sentir não ser digna, como que precise fazer penitência ou ser punida, o padrão cármico retorna.

A chave para essas curas está no que Jesus disse: "Porque vos maravilhais quando se diz que eu sou o Filho de Deus, quando as vossas próprias Escrituras

dizem que *vós* sois Deus?" E então o que é Deus? Na realidade Deus é Amor. Nessa qualidade particular, Deus é o capacidade de dar e receber amor, de despertar a memória de que *todos* são divinos.

Esse era o principal serviço que Jesus procurou inspirar. Ele procurou não ensinar sobre a divindade *nele* mas ensinar sobre a divindade em nós, e a fim de que fossemos curados. Ou seja, ser *como* a lei, em vez de estar *sujeito* à lei.

** Darma é, essencialmente, o ensinamento do Buda, por vezes aceite nos termos de lei universal e, geralmente interpretado como a maneira de viver uma vida justa e harmoniosa.*

CURA PREMATURA

Os Evangelhos fazem soar como se Jesus curasse todos aqueles que a ele acorriam, mesmo multidões às centenas, o que poderá ser. Nós não evitar suspeitar, porém, se ele não seria mais seletivo na escolha daqueles a quem ele curava. Reconhecemos hoje que várias condições são necessárias antes de uma genuína cura possa ter lugar: quem esteja verdadeiramente *pronto* para ser curado, que tenha fé suficiente, que tenha estado verdadeiramente doente de antemão e (em demonstração) que em consequência determine que a cura foi verdadeiramente efectiva? Mais em torno de determinar quando seria que uma cura era realmente adequada? Será a cura de alguém sempre uma boa ideia? Como Jesus lidava com essas questões?

(Hoje apuramos que actos equivocados de cura física nem sempre são apropriados e benéficos. Podem interromper ou encurtar uma lição a ser aprendido através da doença de uma pessoa e deixá-la com a mesma doença, ou outra talvez mais grave. De que modo lidaria Jesus com esse problema da cura prematura?)

João - Nos termos mais simples: era melhor dar o acto de amor e instituir o processo de cura. Talvez fosse mais correto dizer que, se o indivíduo não receber o dom do perdão, então não haveria cura em absoluto, por isso, nenhuma cura prematura. Isso representaria uma *remissão* da doença, como vocês haveriam de o designar, só para retornar de uma maneira mais agressiva — porventura tornando-se imune à questão original da intervenção, não diferente de qualquer outro processo fisiológico. Remissão temporária seria um termo mais preciso, ao invés de cura prematura.

> Se a pessoa não receber fundo o suficiente, ou beber profundamente o suficiente do elixir vivificante do amor de Deus e da intervenção de Deus; se ela sentir que a sua própria vontade deve ditar o destino do seu padrão — em particular uma vontade que tenha sido marcada e não possa abandonar a necessidade de punição dos outros, então ela sente que a sua penitência deve brotar de uma qualidade punitiva.
>
> Talvez seja melhor dizer, não que a cura tenha sido prematura, e uma lição adiada, mas melhor dizer que houve uma remissão, através da qual uma pessoa possa aprender a natureza do estado de bem-estar, mas não receber totalmente a cura. O padrão pode retornar num modo ainda mais agressivo, por essa ser a intenção que a sua vontade lhe imprimiu, por causa dos velhos paradigmas da penitência e da qualidade [objecto de crença] punitiva do carma. Por outras palavras, é uma lição recusada.

Dessa perspetiva, parece que Jesus foi bastante seletivo em suas curas, curando apenas aqueles que poderiam se beneficiar de uma remissão temporária ou que estivessem dispostos a aceitar a cura completa.

Revisão da História

Jesus escolheu Simão Pedro como apóstolo porque ele era um homem sem falsidade e como um exemplo de indivíduo difícil que poderia ser elevado através de sua interação com Jesus.

O apóstolo João, filho de Zebedeu, é o mesmo que todos os outros Joões mencionados no Novo Testamento, exceto João Batista.

As instruções rigorosas de Jesus para seus evangelistas na Palestina eram literalmente apropriadas para sua época, mas, para as gerações posteriores, são principalmente simbólicas de princípios válidos.

Jesus de fato transformou água em vinho no casamento de Caná, principalmente como uma forma de santificar a ocasião e, secundariamente, como uma demonstração inaugural de suas habilidades.

Ao "alimentar os cinco mil", Jesus multiplicou os tecidos de um pouco de pão e peixe por meio de um processo de replicação semelhante à clonagem. Ainda assim, algumas pessoas na multidão haviam escondido comida em suas vestes.

Jesus utilizou sua habilidade psíquica para realizar uma série de "expulsões de demônios" e exorcismos genuínos em indivíduos perturbados, libertando-os de distúrbios emocionais ou de interferências de espíritos obsessores (transtorno de personalidade múltipla, possessão, esquizofrenia, etc.). Esse trabalho envolvia a remoção da negação (por exemplo, para alcoólatras) e/ou a cura física dos tecidos neurológicos.

Jesus realizava curas físicas através de seu controle de energias não físicas (prana, chi, etc.), uma prática já utilizada em sua época pelos essénios. Ele realizava essas curas transmitindo aos outros o padrão perfeito de seu próprio corpo físico, enviando-o telepaticamente por meio de sua presença. Suas curas cada vez mais complexas culminaram em sua própria ressurreição como uma perfeição dessas habilidades.

Jesus não removia dívidas cármicas, mas utilizava sua habilidade de cura para "perdoar" temporariamente os recetores, permitindo-lhes uma melhor oportunidade de corrigir seu comportamento e saldar essas dívidas por si mesmos.

A "ressurreição" de Lázaro foi uma verdadeira reconstrução e restauração de seu corpo físico, não uma simples reanimação. Lázaro viveu o restante de sua vida em Betânia, em Jerusalém e viajando com os discípulos de Jesus.

Jesus não queria que seus seguidores se concentrassem nele como uma figura divina e uma fonte de milagres. Seu objetivo era ensiná-los não sobre sua própria divindade, mas sobre a deles.

O ato de Jesus de entrar em Jerusalém montado em um jumento foi um gesto de humildade, contrário às expectativas da época para um rei típico.

CAPÍTULO 9

SOBRE CASAMENTO E DIVÓRCIO

Sabe-se pela história que, na sociedade judaica do primeiro século (assim como em grande parte do mundo antigo), as leis sobre casamento, divórcio e novo casamento eram rígidas e conservadoras segundo os padrões ocidentais modernos. O casamento precoce era esperado e geralmente arranjado. O amor não era um requisito para um bom casamento, mas esperava-se que surgisse depois. O

adultério era oficialmente punido com ostracismo ou apedrejamento, embora provavelmente houvesse muitas transgressões toleradas, especialmente entre os jovens errantes, prostitutas, seus clientes e muitos outros. Sabe-se também que a sociedade judaica era, em grande medida, um mundo dominado pelos homens. A lei mosaica, o sacerdócio e as convenções culturais mantinham as mulheres judias em estrita submissão aos homens. As mulheres eram explicitamente excluídas da política, de posições de autoridade e das principais cerimônias religiosas. Dentro de casa, elas certamente tinham poder, mas suas opiniões tinham pouco peso fora desse ambiente. Com poucas exceções, eram consideradas seres humanos inferiores, adequadas apenas para a procriação, os afazeres domésticos e o prazer dos homens. Os apóstolos também compartilhavam muitos desses preconceitos, apesar dos ensinamentos e do exemplo de Jesus. Não podemos deixar de nos perguntar como Jesus, sendo um professor compassivo e igualitário, lidava com essas desigualdades entre homens e mulheres em sua própria família e nas de seus seguidores.

CASAMENTOS E DIVÓRCIOS JUDAICOS

Conquanto a vida familiar decorresse na Palestina como em toda a parte, o casamento no mundo de Jesus deve ter sido um vínculo especialmente forte e de força de apoio em face das restrições religiosas e das lutas árduas pela sobrevivência e segurança na sociedade judaica dominada pelos Romanos e pelos sacerdotes. * Seria isso igualmente verdade no caso dos os Essénios?

João - Entre os Essénios as mulheres estavam autorizadas a escolher os seus próprios maridos. Embora contratos de casamento muitas vezes fossem arranjados, a execução real do Ketubah, † que constituía o contrato de casamento, era apenas a *consagração* do casamento.

Sob a lei Judaica um casal podia viver junto num período de compromisso (noivado) e gozar das alegrias do leito conjugal até sete anos antes da formalização do seu casamento. . . para ver se resultava na consagração de um nascimento. . . Então podia ser [dissolvido], mas, no caso de infidelidade apenas por meio de um mandado de divórcio. Isso não é diferente do amadurecimento das emoções a que vocês estão sujeitos desde o início da adolescência até à idade adulta, e, em seguida, até um espectro adulto de vida na escolha de um parceiro para a vida.

No entanto, se nascessem filhos, tornava-se um compromisso para a vida entre os parceiros, mesmo que houvesse um divórcio ou distanciamento, o que seria altamente desencorajado até que as crianças atingem a maioridade.

Repara que Jesus disse que nenhum homem ou mulher pode pôr de lado um ou o outro, excepto no caso de adultério — [isto é,] caso em que um tenha perdido tanto o amor espiritual como o amor romântico pelo outro. Aquilo de que ele falava era o seguinte. Entre os antigos Essénios, tanto os homens como as mulheres tinham a capacidade do mandado de divórcio, o que significa que se os indivíduos estivessem verdadeiramente ligados um ao outro num processo de amor, divina e/ou romântico, então cabia na sua capacidade ser capaz de se vincular a uma vida de parceria, em particular na educação dos filhos. Só se houvesse adultério é que havia uma quebra na ligação psíquica entre os indivíduos.

**Durante os tempos antigos costumes do casamento Judaicos variavam muito dentro e entre diferentes ramos do Judaísmo. Portanto, a descrição incomum a seguir não contradize o que é conhecido e não devia ser encarada como representante de todos os Judeus.*

†O Ketubah era o contrato de casamento Judaico original, especificado precisamente no Talmude.

João - Assim, mesmo nos Manuais de Disciplina dos Essénios, aqueles considerados os mais conhecedores da lei, tratava-se menos de [uma questão] de flexibilidade nos padrões de casamento, mas mais ainda do reconhecimento da condição humana. Ou seja, nós crescemos em espírito e emoção e consciência e conhecimento de Deus, e existem vários estados psíquicos que constituem graus de maturidade da união de facto.

MARIA MADALENA

O única candidata conhecida a associada de Jesus do sexo feminino é Maria de Magdala. Lucas identifica-a como alguém "de quem sete demónios tinham saído" e que acompanhava Jesus e outras mulheres durante a suas viagens de pregação. Ela mostra-se mais uma vez em torno da crucificação, sepultamento e ressurreição como muito dedicada a Jesus. A tradição inicial da Igreja identifica-a com outros também: a irmã Lázaro, Maria, a mulher de "pecado" que ungiu Jesus com óleo pouco antes da sua morte e a mulher apanhada em adultério (Talvez uma

prostituta). No entanto, não há nenhuma evidência no Novo Testamento de que essas três mulheres tenham sido o mesmo que Maria Madalena, e o moderno Cristianismo geralmente distingue-as.

Os Evangelhos apócrifos, a história e a arte da Igreja primitiva e uma certa erudição moderna propõem diversas versões contraditórias da identidade e atividades de Maria Madalena e, especialmente, da relação que tinha com Jesus. Contudo, opções mais vivas têm sido exploradas na ficção e no teatro.

Apuramos além disso que:

> **João** - Jesus era típico de qualquer outro Essénio. Ele havia sido prometido na infância para se casar com Maria Madalena e, a partir da idade dos 4 estava destinado a ser treinado nas ações da chamada jovem idade adulta.

Mas esse casamento nunca ocorreu:

> Por altura em que ele [Jesus] começou a aproximar-se da idade do consentimento, em torno da idade dos 19, ele passou-lhe [Maria Madalena] um mandado de divórcio. Isso não significava que ele se sentisse insatisfeito com ela enquanto possível esposa, mas enquanto escolha consciente para prosseguir o caminho do asceta. Poderá até dizer-se que eles se mantiveram como parceiros de casamento, já que foi ela quem mais tarde o ungiu com óleos de cura, como geralmente apenas a esposa de um indivíduo [faria]. Porque os óleos de cura eram colocados sobre os diversos *sefirot** sobre o corpo para despertar os chakras,* e isso podia incluir até mesmo a unção das áreas da genitália sexual. Era muitas vezes considerado que somente a esposa espiritual poderia animar um ritual tão íntimo.
>
> **(NT: Sefirot são pontos cardiais na manifestação dos aspectos divinos no homem referentes à Árvore da Vida (ou arvore da excelência) que constam da Cabala, uma vertente esotérica do Judaísmo.)*

(Será Maria Madalena a mesma pessoa que Maria, a irmã ou Lazaro e Marta?)

> **João** - Nós achamos que isso seja exacto.

(O que é isso acerca dos sete demónios sendo expulsos dela? Terá sido algo que Jesus fez? O que simboliza isso?)

João - Simboliza o que Maria Madalena [experimentou] quando passou por uma separação de Jesus, quando Jesus escolheu o caminho de vida do asceta. Enquanto alma consorte † ela não podia ver-se vinculada a nenhum outro [homem]. Abateu-se uma grande tristeza sobre ela com a separação do homem Jesus, e ao longo dos anos, ela incorreu num certo carma.

Maria Madalena foi treinada como praticante tântrica, e uma vez que lhe era muitas vezes dada permissão por parte dos Essénios para ministrar junto dos leprosos e outros -- por outras palavras, para *tocar* outros pelos actos de cura. Ela adoptou, como era direito das mulheres, alguns amantes que a puseram de lado através de mandados de divórcio, como era a tradição entre os Essénios. Porque ela achava que o dela devia ser um caminho de matrimónio e filhos.

Eventualmente, no entanto, como Jesus atingiu o seu ministério ela desejou entrar para o discipulado com ele. A expulsão foi do carma incorridos ao longo desses anos de tristeza e de estudo.

Ela atingiu uma extraordinária clareza, que tinha sido sua herança anterior. Por outras palavras, cada um dos seus sete chakras foi purgado ou purificado.

** Ver mais explicações sobre os chakras no Capítulo 13.*
† Segundo certos sistemas metafísicos, como a Teosofia, as almas são criadas em pares como almas consortes, ou almas gémeas. Eles supostamente levam uma série de vidas paralelas e independentes até a sua reunificação e fusão final. Essa noção é, obviamente, uma que é candidata privilegiada a interpretações românticas.

(Então, o que lhe aconteceu depois?)

João - Havia também as discípulas do sexo feminino a quem Maria Magdalena ofereceu liderança, porque os discípulos [do sexo masculino] tinham preconceito contra as mulheres naqueles dias e geravam-se discussões entre eles. Essas eram as discussões normais de indivíduos que eram um produto da humanidade dos seus dias. Tais discussões continuam, mesmo em meio a muitos pensadores dos dias actuais.

Depois de ensinar quarenta dias, e curar muitas das relações existentes entre os discípulos, Maria Madalena, na verdade tomou sobre si própria um casamento. Não teve que ser o casamento com o homem Jesus, que permaneceu profeta e

escolheu o caminho do celibato divino. Um dos irmãos dele cortejou-a, de acordo com a tradição, por ele era uma espécie de romântico.

Desde que o seu irmão [Jesus] tinha sido posto de lado, podia até mesmo ser sua responsabilidade, de acordo com as leis mais antigas, envolver-se com ela em casamento.

Ela aceitou essa proposta e, eventualmente viveu os seus anos numa região da França. Havia uma comunidade Essénia lá que mais tarde ficou conhecido como os Cátaros. Maria Madalena estabeleceu as chamadas linhagens Merovíngias dos reis da França e depois a da Europa.* Estas são as histórias atribuída a Maria Madalena, e a linhagem de Maria atribuída àqueles que se tornaram líderes Europeus pela genealogia de Jesus e Maria.

** Os Merovíngios foram uma dinastia de reis Francos, que governou a partir do quinto e até ao século VIII sobre uma região em mudança que corresponde aproximadamente a antiga Gália. Os Cátaros, ou Albigenses, eram uma seita Cristã significativa, difundida durante*
do século 12 no que hoje é o sudoeste da França. Quando a Igreja Católica os declarou hereges foram aniquilados por lordes Franceses Cristãos durante o Inquisição.

CASAMENTO E ADULTÉRIO

Para crimes de adultério a proclamação moral de Jesus não era tão cruel quanto a antiga lei Judaica do apedrejamento, mas ele redefiniu o adultério como não só um acto sexual ilegal, mas como a *intenção*, uma alternativa que seria ainda mais difícil de seguir!

(No mundo de hoje, é-nos difícil acreditar que a luxuria seja um pecado assim tão sério. Que conselho pode oferecer aos Ocidentais contemporâneos quando eles tentam encontrar um equilíbrio entre a livre expressão física [sexual], por um lado, e a sua responsabilidade para com os outros, os recém-nascidos, a sociedade e os parceiros por outro?)

João - No conceito de desejo íntimo, de que o Mestre falou naqueles tempos, ele falou das dificuldades de alcançar um verdadeiro estado de equilíbrio

tântrico ou de amor romântico, um verdadeiro estado de equilíbrio comparável ao amor divino.

Assim, o conceito era mais de precaução, salientando que a luxúria poderia ser considerada uma quebra da ligação psíquica existente entre os amantes. Era mais um reconhecimento aberto da fragilidade dessa ligação psíquica. Podia ser restabelecido através dos mais generosos padrões de perdão, quando a mulher era acusada de adultério, mesmo quando apanhada no acto. É por isso que ele disse que qualquer deles que estivesse livre do pecado fosse o primeiro a atirar a pedra.* Esse *sempre* foi o padrão da lei, mesmo ao abrigo da Torá.

O que tinha sido dito é que qualquer tribunal que emitisse uma condenação de morte mais de uma vez em cinquenta anos era um Tribunal impiedoso. Porque, na verdade os instrutores antigos, os rabinos da Torá e da Mishná, tinham consciência das fragilidades humanas no âmbito dessas actividades. Nesse contexto geral da lei, a lei deve ser administrada de acordo com o que foi definido como o grau de misericórdia pré-existente na lei.

A própria actividade do pensamento no íntimo fala mais pela questão: o desejo da alma é de alcançar unidade com o Divino. Lembra-te de que o homem Jesus era um místico e valorizava união com o Divino acima de tudo. Assim, ele tentou estabelecer uma consciência de equilíbrio de modo que se pode [tem permissão para] transgredir contra o padrão de pura realização espiritual quer do amor romântico ou Tântrico ou do amor sexual. Porque era igualmente conhecido que *todos* ficam aquém da glória de Deus. Assim, ninguém pode julgar.

** Ver também a secção seguinte.*

(Por estes dias somos todos relativamente prolixos em toda a área do casamento. Exploramos relações, especialmente quando somos jovens. Casamos e divorciámo-nos à vontade e deixamos que as mães solteiras eduquem os filhos. Como haveremos de praticar hoje, a aparentemente forte doutrina de Jesus sobre casamento e o divórcio?)

João - O que isso dizia é que, mesmo nos dias de Adão e Eva, todos são conduzidos em Adão à morte. No novo Adão, em Cristo, todos são erguidos e alcançam a vida. Aquilo de que fala é isto: todos deviam buscar a união com o Divino, especificamente no seu íntimo. Diz, contudo, que a graça é um estado

contínuo de consciência e prática. Deve tornar-se uma vida parte, uma forma viva, porquanto a misericórdia e a justiça deverão, eventualmente, reger.

Portanto, não é diferente dos dias de Adão e até ao século vinte e um ou vinte e dois ou vinte e três. O estado de consciência da humanidade [interior] está em unidade com O divino.

É apenas a *mente* que precisa aceitar a graça da perfeição, que foi oferecida na humildade da vida que foi vivida. Portanto, pode estar acessível através da existência histórica e da continuidade da consciência, que é o fenómeno do homem Jesus, o Cristo, ou Messias, significado ungido ou unificado.

A MULHER APANHADA EM ADULTÉRIO

Segundo o Evangelho de João (e só o seu) Jesus foi instado pelo sacerdócio para julgar uma mulher adúltera, que estava pelo menos tecnicamente elegível para o apedrejamento. A ausência desse evento nos Evangelhos sinópticos torna a sua veracidade suspeita, mas a forma como Jesus lidou com o confronto no Evangelho de João parece ser exactamente o que ele faria.

João - Quando houve uma mulher que foi trazido a ele [Jesus] e disseram que tinha sido apanhada em adultério, ele imediatamente se baixou e começou a escrever no pó. Esclarecendo o seu acto, quis dizer o seguinte:

Primeiro, ele criou um círculo em que ele desenhou os nomes de Deus, exibindo o seu conhecimento, de modo que, pelo conhecimento que tinha dos nomes de Deus, os acusadores instantaneamente o respeitaram como um homem santo. Ao escrever no pó começou a escrever os nomes de alguns indivíduos que estavam entre os acusadores, que também tinham tido parte dos serviços das mulheres de aluguer. Por outras palavras, ele começou a revelar algumas dos seus segredos mais íntimos, para seu desconforto e diversão de alguns que os rodeavam que tinham conhecimento do próprio comportamento do acusador.

Havia igualmente um mal-entendido quanto à própria designação *apedrejamento*. O sentido original da Torá, então, tradição oral e, finalmente, tradição escrita, significava um sorteio, não muito diferente de um julgamento por um júri. Uma pedra era tirada, uma marca era colocado sobre ela, favorável ou desfavorável. Isso era comparável a uma consulta pelo Urim e Tumim* num processo de

adivinhação pelos sacerdotes do templo. O apedrejamento era frequentemente executado apenas pelo padrão que, qualquer um que não tivesse pisado a linha vermelha , no sentido de ser acusado por si, tinha a capacidade [certa?] de tentar um julgamento ou fazer um sorteio. Porquanto se diz, "Diz o Senhor que não hás de julgar."

(Mas eles realmente estavam a jogar pedras na mulher ou a fazer um sorteio?)

João - É por isso que disse que havia corrupção na questão. Havia duas actividades em jogo. Por um lado, ele praticava o que veio a ser conhecido mais tarde por um outro instrutor, conhecido como Honi o fazedor de círculos. † Ao criar um círculo sobre a mulher e escrever os nomes de Deus no pó ele imediatamente a colocou sob a elevada autoridade das escrituras, que ninguém poderia cruzar até que uma decisão fosse proferida.

** O Urim e Tumim eram um par de pedras simbólicas, simbolizando as gônadas do corpo e usado para obter uma visão na adivinhação e julgamento Hebraicos. [Êx. 28:30].*

† Conforme relatado na Mishná e no Talmude, Honi e os seus dois filhos foram milagreiros quase contemporâneos de Jesus. Eles foram famosos pela eficácia das suas orações por chuva em tempos de carestia.

João - Ele também escreveu no pó leis que constituem uma questão de sorteios, em vez de pedras. Ninguém poderia estar à altura do padrão que já havia sido estabelecido na lei antiga. Eles próprios sabiam que haviam ido além das suas próprias ideias e ficado aquém da capacidade de ter a presença do Divino no seu próprio íntimo, a fim de fazer um julgamento isento.

Nessas iniciativas específicas existiu pois uma maior continuidade da *misericórdia* vinculada por meio de histórias, e que tinha pertencido apenas à lei constitucional política dura pôr em cheque várias pessoas e para mantê-los a consequências políticas, em vez de espirituais.

Note-se também que houve [também] manipulações políticas, uma tentativa para armadilhar ou comprometer o homem Jesus nas suas práticas quer como qualquer profeta, rabino quer praticante da lei. Assim, mais uma vez, esses eram tanto acontecimentos políticos como testes da lei.

Revisão
História

Entre os essénios, uma vez que um noivado era estabelecido, o casal podia viver junto como marido e mulher por até sete anos antes da consagração oficial do casamento. Se, durante esse período, não houvesse filhos ou ocorresse adultério, o divórcio era permitido. Jesus ficou noivo de Maria Madalena aos 14 anos e seguiu com ela um caminho meditativo, incluindo práticas sexuais tântricas, mas a divorciou aos 19 anos para seguir uma vida ascética. Nos anos seguintes, Maria acumulou carma com outros homens, mas esse carma foi posteriormente curado. Ela se tornou uma líder entre as mulheres do grupo evangelístico de Jesus.

Eventualmente, casou-se com um dos irmãos de Jesus, mudou-se para a França e deu continuidade à linhagem davídica nos reis merovíngios. Jesus constrangeu os acusadores da mulher adúltera ao escrever seus nomes na areia, pois a lei judaica exigia que qualquer juiz do pecado alheio fosse, primeiro, livre desse mesmo pecado. A punição judaica de apedrejamento por adultério era ambígua, já que, na Torá, podia tanto referir-se à sentença de morte por pedras atiradas quanto a um método de divinação, julgamento e votação no templo, usando pedras marcadas.

Embora Jesus tenha condenado tanto o desejo lascivo ("adultério no coração") quanto o próprio adultério, ele estava falando principalmente da fragilidade do vínculo psíquico entre amantes e da necessidade de perdão e misericórdia. De fato, a ofensa está mais na desonestidade da pessoa envolvida do que no ato de adultério em si.

CAPÍTULO 10

ENSINAMENTOS SELECIONADOS

A coleção dos ensinamentos de Jesus com todos os seus detalhes e implicações poderia preencher um livro inteiro. Para este capítulo, e por razões práticas óbvias, selecionamos apenas quatro componentes específicos para complementar aqueles já abordados incidentalmente em capítulos anteriores. Estes quatro foram escolhidos principalmente porque tanto Cristãos como não-crentes normalmente acham-nos confusos ou inteiramente inaceitáveis, pelo menos conforme normalmente apresentados e compreendidos.

FÉ E CRENÇA

Jesus falou repetidamente sobre a importância e o poder da *fé*, e em particular que deve estar presente antes de cura e outros milagres poderem ter lugar: "Em verdade vos digo que, se tiverdes fé e não duvidardes. . . até se disserem a esta montanha, sê tomada e lançada ao mar, assim será feito" "Filha, tem bom ânimo; a tua fé tornou-te íntegra." E "tudo quanto pedirem em oração, crendo, receberão."

O registo Evangelho não é claro, no entanto, sobre o que Jesus realmente entende por *fé,* além de um tipo de aceitação, cega ou fundamentada, antes de certos eventos poderem ter lugar. Ele às vezes equiparava a fé à "Crença" ou "acreditar" se é que podemos aceitar as traduções como precisas.

Primeiro, lembramos do Capítulo 2 que *acreditar* é um conhecimento experimental que se detém no caminho para a aceitação ou rejeição como *conhecimento* genuíno. Uma vez que uma crença pode ser válida ou não, é importante que possa ser vista pelo que é bastante em vez do próprio conhecimento. Crenças erróneas são naturais e úteis, mas elas podem ter consequências duradouras e dolorosas, tanto para o crente e para aqueles com quem ele interage. Nos dias de Jesus, muitos Judeus acreditavam que Deus os puniria se eles não celebrassem as orações de oferenda rituais e sacrifício regularmente. Eles podiam ficar doentes e até morrer se alguém os amaldiçoasse. Ainda hoje algumas pessoas sentem-se culpadas se não frequentarem a igreja regularmente, vestir "adequadamente" ou dar a os pobres — tudo actividades suficientemente dignas, certamente, mas não muito eficazes ou satisfatórias se feitas com base numa suposta culpa. Mais extremadas, algumas pessoas estão firmemente convencidas de que elas serão recompensados no céu se ajudarem a livrar o mundo dos que não aceitam a sua ideia particular de Deus e o Seu "plano."

Em contraste, muitos Cristãos carregam crenças positivas com respeito a questões em que estão ainda um pouco inseguros, e são rápidos a sentir-se ofendidos por aqueles que os desafiam com uma opinião contrária.

Uma maneira questionável para definir a fé é a aceitação pessoal de uma ideia ou porção da informação para a qual não há nenhuma lógica razoável ou base experimental. Essa definição negativa tem de ser pelo menos parcialmente correta, uma vez que tudo o que a fé é, *não* se baseia certamente na percepção dos sentidos e razão apenas. Poderia ser *uma fé cega*, o que implica uma falta de base em tudo e pode ser aplicado para justificar praticamente qualquer ação. Mas a fé também

pode brotar de uma *certeza interior* do que é certo, o que a torna no que chamamos *conhecimento genuíno*, e *conhecimento intuitivo* recebido com precisão.

O que tem João a dizer sobre fé?

(Como você define a fé, João, e em que medida é que difere da crença?)

João - Na doutrina Paulina a fé era encarada como a "evidência de coisas invisíveis." Na verdade, isso descreve com precisão o estado conhecido como *intuição,* com o qual você está muito familiarizado: saber interior, ou saber directo.

A intuição é a faculdade ou mecanismo que colmata de um o fosso de um nível da consciência para outro, seja ele psíquica ou através da recordação de informação adquirida a partir da experiência dos cinco sentidos físicos. A intuição permite recuperar memórias da infância ou eventos de vidas passadas, e através dela vocês pode [igualmente] ver o futuro. Para entenderem a intuição, precisam simplesmente compreender a vós próprios.

As pessoas *possuem* ter uma ligação íntima — chamada, por outras palavras, um elo *holístico* — que Jesus referiu como "Tomai o vosso jugo, porquanto é leve, que havemos de conseguir isso juntos." E no Evangelho [João], atribuído ao canal que lhe fala, "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era como Deus. E nada era feito na natureza sem a Palavra." Isto fala da presença divina, o elo holístico com todas as coisas. Assim se a humanidade crescer na consciência do seu próprio estado divino, terá então a capacidade de ver o Divino em todas as coisas.

Muitos dos mundos secretos referidos no Cabala e no Cristianismo Místico [podem] ter uma maior clarificação para o indivíduo.* A fé é a capacidade de [se] iniciar no caminho, a ponto de começar *a intuir a ordem Divina e a natural com respeito a si próprio*.

E pela fé — a evidência das coisas invisíveis — o perdão poderá realmente ocorrer. A capacidade de aliviar o pecado estava na criação da compreensão da fenomenologia.

Assim, fé pode ser definida como *a certeza de que acompanha o conhecimento interior da Lei Natural*. Isto parece ser mais perto que Jesus estava a chegar.

(Se uma pessoa chega e diz, "Eu não tenho fé — ajude-me na minha descrença," o que se poderá fazer para lhe incrementar a fé, que não remover-lhe os obstáculos do caminho?)

João - Em primeiro lugar, sabendo que a própria fé sempre foi comparado a uma semente. Tem sido dito que a fé do tamanho de um grão de semente de mostarda pode realmente mover montanhas. O próprio facto de que o indivíduo se aproximou, e deseja que a sua fé cresça, constitui uma potência de que dentro deles existe a Palavra. Porque a Palavra pode ser o grão de mostarda em si.

É igualmente importante para o praticante saber quando pode dar um passo e ser eficaz. Isso não é contrário à chamada força da oração de São Francisco.

Mas o homem Jesus emitiu muitos [exemplos?] dos artigos que dizem respeito à fé. Ele disse que se deve semear sementes não muito diferente de um fazendeiro, e que algumas dessas sementes podem cair sobre solo fértil, outras em terreno pedregoso, outras ainda caírem em terra onde ervas daninhas e espinhos brotam e sufocam-nas. Mas ele salientou que com respeito àquelas que caem em solo fértil, a colheita é grande, mas os ceifeiros são poucos.

A chave também é encontrada no exemplo das noivas [bridal donzelas] e o noivo. Ele fala que houve sete noivas [donzelas] que cuidavam das lamparinas de óleo para que o noivo pudesse vir a elas à medida que o sábado se aproximava. E nesse afã tiveram que cuidar das suas lamparinas ao longo de toda a noite. Aquelas que cuidaram bem das lamparinas, o noivo pode realmente encontrar. Aquelas que cuidaram delas de uma maneira estouvada gastaram o seu azeite ao manter a chama das lamparinas demasiado intensa. Isso significa que a fé deve ser cuidada momento para momento, embora seja um estado contínuo de graça.

Até Jesus ficou surpreendido quando uma mulher, que era Gentia, pediu que a cura ocorresse para o seu filho. Jesus, ainda não entendendo os mistérios completos do Messias, disse-lhe: "A comida das crianças não é para os cães," porque o termo "cães" era termo preconceituoso popular empregue com relação aos gentios.

A mulher disse: "Mesmo assim, até os cães recebem sobras da mesa do Mestre."

Jesus ficou tão surpreendido com a percepção espiritual sobre a natureza universal de Deus que disse: "Eis que a cura ocorreu. Pois é pela tua *fé* que és curada," estabelecendo [afirmando?] o princípio da fé, não só na questão do potencial da humanidade, pois Jesus não se referia à *sua* divindade, mas ao espírito universal. Por isso, tinha cabimento na mente de Jesus que até mesmo os gentios podiam receber estes ensinamentos especiais.

Repare igualmente que o homem Jesus podia realizar muitas milagres onde havia fé, mas [não] onde as pessoas o conheciam muito bem, como na sua própria terra natal: "Ninguém é profeta na sua própria terra." Isso, então, torna-se o ponto-chave subjectivo para aqueles que desejam que a sua fé seja cultivada.

Pode-se dizer que a fé é o primeiro indício, ou o primeira capacidade, o precursor da crença. Em ciência, por exemplo, a intuição muitas vezes precede o saber. E o saber, quando posto em prática e comprovado, torna-se crença num determinado conjunto de factos e condições. Lembre-se que Jesus estava bem ciente do mundo Greco-romano ao seu redor, em que os *princípios* da ciência na sua forma elegante eram bem compreendidos.

Esta última afirmação pode ser tomada como um lembrete de que a fé e a crença alimentam-se um outro em níveis de percepção abaixo da verdadeira fé, ou conhecimento profundo.

** Para uma descrição mais completa da Cabala consultar o capítulo 13.*

† João parece estar a referir-me à Oração da Paz atribuída a São Francisco, que começa assim: "Senhor, fazei de mim um instrumento da Tua paz. . . " Mas o contexto sugere que em vez disso ele pode ter querido dizer a Oração da Serenidade de Reinhold Niebuhr, por vezes erroneamente atribuída a São Francisco: "Deus conceda-me serenidade para aceitar as coisas que não posso mudar, coragem para mudar as coisas que posso e sabedoria para distinguir a diferença."

Sofrimento

Todo o mundo sofre, seja na mente ou no corpo, mas quem realmente entende a causa do sofrimento, seu mecanismo, seu valor para a humanidade e seu propósito dentro da ordem maior das coisas? Incontáveis livros foram escritos sobre esse tema importante.

Os ensinamentos de Jesus sobre o sofrimento, por si só, são mais indiretos do que explícitos nos Evangelhos. Ele obviamente sofreu em certos momentos e demonstrou uma empatia e compaixão excecionais por aqueles que também sofriam. À luz de seus amplos ensinamentos, podemos concluir que ele compreendia profundamente a natureza e o papel do sofrimento na evolução espiritual da humanidade e na vida individual daqueles com quem interagia. Assim, ele sabia por que essas pessoas sofriam e entendia a aparente injustiça de ver alguns inocentes afligidos enquanto os culpados pareciam escapar ilesos.

Se olharmos para os mestres da sabedoria de todas as épocas e culturas, tanto antes como depois do tempo de Jesus, eles dizem (de forma mais simples) que o sofrimento surge (somente) da separação voluntária do homem em relação a Deus ou à ordem natural. Ou seja, o sofrimento vem de sua resistência em aceitar e viver a vida como lhe foi dada, em contraste com a forma como ele a molda a partir de sua noção limitada de quem pensa ser (o ego) e de seu papel na existência. Essa visão é consistente com os ensinamentos de Jesus, embora ele não a tenha expressado dessa forma para seus apóstolos ou discípulos, pelo que sabemos.

Essa visão ainda não abrange o sofrimento como uma experiência cumulativa e multivida. Jesus certamente compreendia essa causa mais profunda, que o Evangelho de João menciona apenas de maneira breve e não explícita. Jesus reconhece, ainda que de forma sutil, sua consciência sobre reencarnação e carma, mas esses conceitos provavelmente eram mais complexos do que seus seguidores podiam compreender na época, o que limitava suas ideias sobre a causa do sofrimento.

O sofrimento está fortemente relacionado à salvação (assunto a ser abordado em seguida). A humanidade sempre buscou ser "salva" de seus pecados, como se a causa de seu sofrimento fosse externa, fora daquele que pecou, implicando que apenas agentes externos poderiam interrompê-lo. No entanto, se o sofrimento for equivalente à resistência interna, a causa e a prevenção devem ser internas; ou

seja, o homem deve encontrar um caminho para abandonar sua resistência e "salvar a si mesmo".

Embora fatores externos positivos, como misericórdia, perdão e orientação amorosa de outras pessoas, possam servir como lembretes, apenas ele pode dar o passo crucial.

O sofrimento proporciona a principal sequência de experiências e a motivação para superar essa resistência. Mas será que o sofrimento é realmente necessário para o homem? Como encara João o sofrimento?

(É meu entendimento que o sofrimento nunca chega a ser realmente necessário a um indivíduo como parte inevitável da criação, mas é sim uma consequência directa dos obstáculos que ele continuamente lança à sua própria evolução contínua. Assim, se ele puder encontrar uma maneira de contornar ou atravessar esses obstáculos, ele não precisará sofrer. Estará esta imagem correta no geral?)

João - Achamos que é uma interpretação precisa. Pode ser melhor dizer que enquanto a alma cresce através da experiência da dimensão material, [há] a necessidade de que o indivíduo deva ter dor auto-infligida, o dito complexo de mártir.

Lembra-te que o diagnóstico de Buda. Jesus tinha de facto conhecimento dessas doutrinas particulares, tendo viajado para o Leste. Aqui está praticamente um diagnóstico do mundo que diz [que] toda a vida comporta sofrimento. Todo o sofrimento de facto brota do *eu*, e de facto a eliminação do sofrimento é a eliminação do *eu*.

Pode-se dizer que quando alguém tem uma experiência do Divino, transcende as dimensões materiais do eu e percebe o cósmico ou o celeste ou o êxtase. Pode então tornar-se o que é conhecido no Oriente como um *Bodhisattva*. Isso é como tornar-se um profeta ou messias nas tradições de Jesus: aquele que pode adiar a sua iluminação final para que outros seres possam ser levados à iluminação; por outras palavras, um acto de compaixão.

Por isso, é o reconhecimento e a consciência de que há de facto dor ou sofrimento, ou limitações ou separação do Divino, no mundo, de modo a não se permanecer cego para a condição que separa os outros do reino.

(Foi dito que o sofrimento é necessário a um indivíduo para alcançar a salvação. Será essa uma afirmação verdadeira?)

João - É ainda mais um reconhecimento da condição do mundo. Precisamos dizer que ele [o sofrimento] é a capacidade que a humanidade tem de, eventualmente, atingir o seu estado psíquico da restauração, ou equilíbrio. Isso pode até ter aspectos de origem histórica.

Os indivíduos históricos referidos [em outro lugar] não eram meras metáforas deste caminho em si próprios.

Há aqueles que procuram isolar-se. Para exemplo, quando Adão enquanto figura histórica foi alçado pelo Divino, ele encontrava-se deveras no estado perfeito do Éden. Historicamente, ele teria sido considerado um um xamane megalítico que foi capaz de restaurar a harmonia com a natureza. Ele pensou em trazer para junto de si uma companheira da sua própria afinidade, a sua própria união.

Eles deviam envolver-se no perfeito Tantra. Mas quando as energias kundalini foram despertadas, eles tornaram-se conscientes de sua própria vulnerabilidade, da sua própria nudez. Lançaram-se psiquicamente fora da ordem natural das coisas, dando lugar a emoções baixas: vergonha, culpa e outros esforços nessa actividade.

(Veja também a discussão sobre trabalho no Capítulo 11.)

O Espírito Santo

Os Evangelhos falam do Espírito Santo, também chamado o Espírito da Verdade, de forma muito positiva mas bastante vaga; isto é, com grande respeito e carácter, mas nunca dizendo exactamente o que é. A teologia cristã dá-lhe várias definições e propriedades. É descrito como o "Espírito de Deus," um membro da Trindade, um agente de conversão e uma presença espiritual ou energia divina que abençoa os fiéis. Diz-se que "recaiu" sobre pessoas, inspirando-as a falar em êxtase ou a comportar-se de uma forma extraordinária. É dito ter visitou Maria na concepção de Jesus, Jesus no seu batismo e, ocasionalmente, nas curas de Jesus. Jesus prometeu que o Espírito Santo, ou *Consolador*, haveria de surgir de forma vigorosa após a sua morte; é-nos dito que ele realmente isso aconteceu no Pentecostes seguinte. Não deve ser coisa pouca, a julgar pela alegada (mas duvidosa) declaração

de Jesus de que "todo pecado e blasfémia serão perdoados aos homens, mas a blasfémia contra o Espírito não será perdoada."

O conceito do Espírito Santo parece ser uma noção profunda, irresistível e inefável, que significa que não pode ser explicado em linguagem comum e por conceitos familiares, pelo menos a alguém que não o tenha directa e pessoalmente experimentado. Se isso for verdade, poderá alguém que *não* o tenha experimentado entender algo de significativo acerca dele?

Poderia não o fazer, literal e explicitamente, embora seja seguro dizer que todos nós podemos reconhecer a presença do Espírito Santo no estado elevado de espírito que praticamente todo mundo já experimentou em momentos especiais na sua vida, pelo menos na primeira infância. Poderão tê-lo reconhecido no nascimento de uma criança, num casamento, numa morte ou num momento inesperado de graça ou perdão.

Também pode ocorrer com um gesto de amor de um pai ou amante, ou uma apreciação súbita da impressionante grandiosidade da criação enquanto admiramos uma flor, um pássaro, um embrião humano ou as estrelas. Tais momentos muitas vezes trazem-nos lágrimas aos olhos sem causa aparente, mas não são apenas uma emoção excepcional. Muitas vezes as pessoas dizem que a sua experiência foi além de um impacto emocional momentâneo beleza e universalidade e espanto estendido até o indescritível.

Certamente, palavras ditas depois sobre essas experiências invariavelmente ficam aquém da experiência em si, a menos que ressoem com a própria experiência do ouvinte. Descrições do Espírito Santo de outros pode desencadear memórias pessoais das nossas próprias experiências anteriores. Podem lembrar-nos que estamos a viver na presença de algo único e poderoso, profundo, belo, cheio de amor e sempre presente, mesmo quando não possamos encontrar explicações satisfatórias para tanto. E podemos esquecê-lo facilmente na turbilhão da vida diária.

(Jesus prometeu aos seus apóstolos que o Espírito Santo viria depois da sua morte, e eu suponho que ele o fez no encontro do Pentecostes. Será que o Espírito Santo já existia para a humanidade, talvez para os Judeus, e Jesus simplesmente trouxe-o à frente e tornou os homens conscientes dele? Ou foi recém-criado, ou pelo menos tornado recentemente disponível para a humanidade, na sua época e nessa ocasião?)

João - Tinha sido experimentado antes em inúmeras e diferentes ocasiões. [À] medida que Moisés e os justos se aproximaram do Monte Sinai, foi dito: "Eis que todos eles conheceram o Senhor. E conheceram no seu coração toda espécie da lei." Isso foi antes de ele emitir os chamados Dez Mandamentos, quando Moisés partiu para a montanha e residiu na presença do próprio Divina. Quando ele voltou, eles tinham-se desviado de que eles tinham conhecido nos seus corações, e voltado para as formas familiares do Egipto e as manifestações do chamado Bezerro de Ouro. Por outras palavras, a capacidade de *sustentar* o espírito sagrado, o Ruach ha-Qadesh,* tornar-se o problema e as consequências para o avanço da humanidade.

Quando Moisés voltou lá foram enunciados os chamados Dez Mandamentos, e depois a vinculação [Reforma?] do bezerro à chamado Arca da Aliança; assim como as revelações sobre a lei da Torá, [criação] das bases e os conceitos que haveriam de ser estudadas pelo homem Jesus e muitos outros, os profetas.

Isto levou até aquele momento histórico do Pentecostes, quando Ruach ha-Qadesh, ou Espírito Santo, pode entrar na plano da terra e, em seguida, ser mantido e ampliado ao longo do curso [da história].

Lembra-te, houve falhas até mesmo entre os Hebreus e o povo Judeu, porquanto se haviam tornado mais seculares nos modos Greco-Romanas. Passaram-se longos períodos de tempo antes que viessem a ocorrer visitas do Espírito Santo*, a trazer o assombroso ou a renovar a sua memória do Divino. Isso é comparável, mesmo na tua própria época, por aqueles que experimentam o intuitivo serem por vezes surpreendidos pelos particularmente dotados.

**(NT: As ditas sessões espiritualistas, ou o chamado Consolador.)*

Mesmo aqueles que tiveram tais experiências têm lapsos de memória nos seus assuntos quotidianos. Quando se deparam com eles novamente eles interrogam-se ou maravilham-se, e suscitam a questão,

"Qual será o propósito e que tipo de ser será esse?" muito embora eles tenham tido muitas exposições anteriormente. Assim, o que estás a ver é menos confusão em torno das escrituras e mais a necessidade de recriar a continuidade e contexto para os ver como eventos de todos os dias.

No cumprimento de muitas das profecias chegaria um momento em que os indivíduos deixaram de ir ao monte e ao santuário, mas na verdade a presença divina poderia ser trazida à maior parte da humanidade. Outros profetas, é claro, buscaram a continuidade desse esclarecimento, seja em nome de Deus, como o Senhor, Alá, ou Buda, pelo qual ele foi dito "Até mesmo as gramíneas se tornariam iluminadas."

Todos os que experimentam o sagrado de todas as coisas buscam entrar, como disse antes, e todos poderão então começar a entrar no Reino.

** Para uma definição de Ruach ha-Qadesh ver a nota no início Capítulo 5.*

Por outras palavras, o Espírito Santo sempre existiu, mesmo antes da humanidade existir, mas a consciência que o homem tem da sua presença tem variado consideravelmente ao longo da história. Podemos reconhecer que ele vem e passa pela vida de cada pessoa, e pode ser sustentado como Jesus fez, pelo menos, parte da sua vida.

(Jesus supostamente disse: "Todo aquele que proferir uma palavra contra o Filho do Homem será perdoado, mas quem blasfemar contra o Espírito Santo não será perdoado." Isso parece muito duro, e para mim não faz sentido de todo. Jesus realmente dizer isso, e se assim for, o que realmente quis ele dizer?)

João - O que ele quis dizer foi que aqueles que falavam contra ele enquanto o Filho do Homem -- sabendo que poderia ser confuso considerar o Divino nele ou em qualquer outro -- [seria perdoado.] Porque lembra-te, quando ele disse: "Por se admiram, quando se diz que o Filho do Homem é o Filho de Deus, quando as vossas próprias escrituras dizem que sois Deus?" Assim, aquilo de que ele falou era [isso], que aqueles que falavam com aspereza contra ele na sua humanidade, essas ações eram perdoáveis. Contudo, se eles não pudessem ver o Espírito Santo dentro de si vincular-se-iam a uma outra encarnação.

(Será isso tudo? Parece muito pior do que isso, como se não fossem perdoados por toda a eternidade!)

João - Mais uma vez, aqui está a chave. Até que eles *recebam* o Espírito Santo, o Divino dentro de si, e não falem contra ele no seu íntimo, como poderão entrar na ordem do Reino? Porque todos procuram tornar o Divino *externo*, e [portanto] inalcançável.

As infra-estruturas políticas muitas vezes manipulam o conceito de uma salvação externa, a fim de manter o controle sobre forças políticas. Mas, se é *dentro*, e falarem, e cessarem de falar contra o Divino dentro, então atingem a vossa salvação.

SALVAÇÃO

Os Judeus do primeiro século, assim como muitas pessoas hoje, querem ser *salvas*. Mas do que e em que buscam elas a salvação? Os Evangelhos dizem que elas queriam acima de tudo ser perdoadas por seus pecados, pois elas estavam a julgar-se duramente tanto pelos mandamentos estritos* de Moisés (conforme então interpretados), a Mishná oral (igualmente rico em interpretação) como pelas leis secular dos seus sacerdotes e escribas. Elas, obviamente, procuraram a salvação do sofrimento, com o qual eles estavam muito familiarizadas, bem como da culpa resultante da condenação delas próprias. Finalmente, elas procuravam a salvação da morte, que elas viam quer como aniquilação total ou o dia do julgamento final com punição para todos os pecados cometidos. Ao perceberam a sua carga, ela pesava de facto.

** Mandamentos são para definir uma orientação correta, ajudar a estabelecer valores positivos e motivar a ação correta. Para fazer essas coisas é preciso usar de um ponto de partida válido e verdadeiro, pelo menos, saber o que as palavras significam. A Lei primordial de Jesus, o seu maior mandamento, era "amar o Senhor teu Deus de todo o teu coração, mente e alma e o teu irmão como a ti mesmo. "É potencialmente válido como um mandamento amplo para instrução de massas, que é como Jesus o empregou com as suas audiências Palestinas.*

No entanto, para se tornar um elemento de verdade pessoal ele precisa primeiro ser aceite e incorporado numa base de conhecimento e experiência. Esse passo requer compreensão. Por exemplo, o mandamento "Ama a Deus. . . "Requer um conceito válido de Deus antes que ele possa ter significado pessoal; uma visão incompleta ou distorcida de Deus pode torná-lo falso ou impossível de realizar. Se formos incapazes de nos amarmos a nós próprios, ou não soubermos que é o amor, como poderemos amar a Deus e aos outros?

E quem poderia prover essa salvação? Somente um Deus externo, é Claro que, como eles concebiam Deus naquela altura. Os meios específicos por que a salvação deveria ser obtida do seu Deus foram prescritos pelas suas crenças tradicionais e

cristalizados numa forma ritualística pelo seu sacerdócio: sacrifício, oração em grupo, penitência, mais regras e sofrimento, e talvez um toque de perdão.

João Batista propôs esperança através da purificação baptismal e um novo começo, mas deferiu para Jesus a coisa real. Jesus prometeu ainda mais: a possibilidade de entrada no reino dos céus de Deus, portanto, completo perdão, vida eterna (imortalidade) e a libertação de todas as cargas. Os pais da Igreja primitiva tomam parte nesse direito, embora eles não pareçam tê-lo entendido muito bem. Eles mantiveram a noção de amor como central, mas também a preocupação Judaica com o pecado, a culpa e a expiação. Tornaram a pessoa de Jesus num Salvador, identificando-o com o próprio Deus, noções que ele não poderia ter previsto. A genuína salvação de Jesus perdeu-se em grande parte na "tradução" e foi convertida numa doutrina relativamente rasa de crenças baseadas na autoridade.

Num sentido amplo, todos querem libertar-se do sofrimento, pois este causa dor, e desejam estar livres da morte, que parece contradizer a sobrevivência. Se o conselho de uma secção anterior puder ser tomado a peito, o sofrimento existe nas nossas vidas para nos impelir ao despertar interior e à aceitação da nossa divindade inata e da Lei Natural. Esta última exige que se aceite a vida tal como é oferecida, nos seus próprios termos. A morte acompanha-nos para estimular o reconhecimento de que não somos os nossos corpos e egos, mas sim seres não físicos semelhantes a Deus, imortais na nossa essência interior. Aqui reside a salvação que Jesus realmente ofereceu.

É irónico que séculos de devoção, oração e sacrifício por parte de monges e santos cristãos tenham sido moldados pela suposição de que o Deus a quem serviam e procuravam se encontrava fora de si mesmos. Esse erro deu-se apesar do ensinamento reiterado de Jesus de que Deus só pode ser encontrado no interior. Seguiram o exemplo de Jesus nas práticas disciplinadas de abnegação, pobreza e outro sofrimento autoimposto, que interpretaram como passos virtuosos no caminho da salvação. No entanto, não há registo, nem sequer sugestão, de que Jesus tenha alguma vez ensinado que tais meios dolorosos eram necessários para a salvação e que deveriam, por isso, ser procurados como parte essencial do processo. Ele disse que deveriam ser aceites caso surgissem, mas também que não se devia atribuí-los à sociedade ou aos outros, mas apenas a si próprio.

Isto ainda deixa em aberto a questão sobre quem irá realizar essa salvação—Deus, Jesus ou aquele que está a ser salvo?

(João, a tua afirmação de que Jesus morreu para salvar o homem do pecado implica que o seu martírio foi um fator crucial na salvação que prometeu. Mas isso parece significar que o homem está isento da responsabilidade de salvar-se a si próprio. Como devemos compreender corretamente esta ideia de ser "salvo do pecado" pelo sacrifício voluntário de Jesus?)

João: Pecar significa errar o alvo. O próprio mal constitui as ações que significam "aquilo que não é bom para ti", pelo que implica um modelo de cura. O próprio termo salvação significa estar completo consigo mesmo ou receber sustento. Assim, o significado é o seguinte.

O maior medo do homem era a questão da sua mortalidade: o vazio, o nada, a separação do Divino e/ou não estar completo com o Divino antes do momento da imortalidade, perdendo então a consciência. Aquilo que Jesus fez foi curar isso.

Por exemplo, a fé está incorporada nos processos científicos de forma paralela, quando o cientista heroico arriscou a vida através da auto-inoculação, numa altura em que a grande maioria da população desconhecia o funcionamento das vacinas e até sentia que a injeção de uma substância semelhante àquela que constituía a doença da qual se pretendia curar poderia ser fatal. Isso criou a necessidade da aparência de um grande sacrifício, de um grande risco de vida, para que se ganhasse a confiança das massas, de modo a que pudesse ocorrer uma grande cura, libertando o mundo das suas maldições.

Assim, nos verdadeiros estudos das escrituras, é a ressurreição, a cura da morte, que remete para a salvação.

Quanto àqueles que buscam o seu caminho, se puderem acreditar que ninguém tem maior amor pelo outro do que aquele que dá a sua vida por ele, então isso é o início desse tipo de fé que pode levar à salvação. Isso vem, portanto, da vontade própria, da crença, e pode então ser abertamente testemunhado pelas suas obras no mundo.

Então, não foi Jesus quem salvou diretamente alguém. Ele apenas indicou o caminho e demonstrou o que era possível. Ele informa, guia e inspira, mas cada indivíduo é o agente da sua própria salvação, se assim o pudermos dizer.

(A civilização humana teria caído em ruína se Jesus não tivesse vindo "salvar" o mundo da forma como o fez? Talvez a sua contribuição tenha sido apenas um atalho

para a evolução espiritual humana—uma redução do tempo e do sofrimento, digamos, relativamente ao que teria acontecido sem ele?)

João: Não há muitos indivíduos que usufruem de grandes liberdades civis? E não se pode dizer que, na era moderna, a escravatura no teu próprio país terminou graças àqueles que foram inspirados pelo homem Jesus? Não se pode dizer, por exemplo, que os direitos legais do homem estavam garantidos sob a decisão do Supremo Tribunal, mas que só se tornaram praticáveis pelos esforços do homem Martin Luther King? Não se pode também dizer que Gandhi foi inspirado por Buda e por Jesus?

Não se pode ainda dizer que a desobediência civil surgiu, por exemplo, a partir do ideal que Jesus representou como ser humano?

Por outras palavras, o homem tem os seus direitos segundo as leis humanas, mas apenas as paixões do Cristo, ao inspirarem os indivíduos, geração após geração, os tornam praticáveis dentro da ordem da humanidade. Assim, pode de facto dizer-se que as maiores ondas de consciência podem ter a sua origem no homem Jesus.

Mas o homem Jesus tem a sua origem no Divino. Assim, em última instância, tudo o que foi dito pelo homem Jesus é entregue ao Divino, que é universal para todos os seres humanos. Por isso, ele tornou-se uma luz para o mundo. E existem também outras luzes para o mundo, como se vê na vida de Siddhartha (o Buda), e estes são os seus irmãos que também se tornaram ungidos.

Assim, para que se esteja completo com a história como ela é—e essa é a única medida que podes tomar de ti mesmo—é necessário tornar-se completo com o mistério e, talvez, com a majestade que se encontra na humanidade do homem conhecido como Jesus. Pois não esteve ele presente num momento crucial da história, ao qual chamou a mudança da era, a chamada era de Peixes? Porque terá um indivíduo em particular conspirado para criar esses mistérios, quando tantos outros também sobreviveram e falaram com sabedoria?

CAPÍTULO 11
CRESCIMENTO DA ALMA E VIDAS PASSADAS

As noções de reencarnação, "vidas passadas" e carma representam um problema para quase todos. É necessário fazer aqui uma digressão para se chegar a uma melhor compreensão deste conceito fundamental.

A razão desse problema não é difícil de identificar. Não se trata do facto de a reencarnação não poder ser apreciada e até aceite como ideia intelectual e teoria. De facto, faz "bom sentido" como explicação racional para as diferenças humanas, para a aparente injustiça do sofrimento humano e para a transitoriedade e falta de sentido da vida na Terra. Mas aceitá-la como parte natural da própria vida, como fazem centenas de milhões de orientais, é algo completamente distinto. Com efeito, a menos que se tenha lembrado de uma ou mais existências anteriores, ou tenha experienciado o próprio nascimento neste mundo, ou tenha alcançado uma compreensão pessoal profunda da sua presença como visitante aqui na Terra, não se possui qualquer base substancial para aceitar a noção de reencarnação: trata-se apenas de uma ideia interessante. Seria então desonesto "acreditar" nela.

Por outro lado, também não se teria qualquer base substancial para a rejeitar como um disparate religioso ou uma superstição de povos primitivos, como muitos escolhem fazer, mesmo antes de saberem o que estão a rejeitar.

A maioria dos ensinamentos espirituais do mundo inclui o conceito de reencarnação sob uma forma ou outra. Era conhecido no judaísmo muito antes da época de Jesus, embora nunca tenha sido aceite como parte estabelecida da lei ou prática judaica. Embora a Igreja cristã tenha rejeitado a noção, a maioria dos gnósticos abraçou-a e considerou-a uma parte importante dos ensinamentos de Jesus. (É possível que a tenham recebido diretamente dele.) O próprio Jesus fez referência incidental a ela nos Evangelhos, certamente a compreendia e muito provavelmente a ensinou aos seus apóstolos (ver abaixo). Assim, o conceito de reencarnação faz parte do nosso património ocidental, embora tenha sido rejeitado como heresia pela Igreja primitiva antes do terceiro século.

O que é a Reencarnação?

Explicado de forma muito simples, a reencarnação é um princípio cósmico que afirma que o ser interior e duradouro de cada pessoa, a sua essência, o seu verdadeiro Eu ou alma—distinto do seu corpo, personalidade e cérebro—está em

constante crescimento rumo à perfeição divina através de uma longa sucessão de encarnações—vidas—em diferentes épocas e lugares. A verdadeira vida não é, portanto, a única existência que conhecemos melhor, mas sim a vida da própria essência, com a qual alguém pode ou não estar familiarizado.

Esse crescimento ocorre por meio de um processo de aprendizagem por tentativa e erro. A essência faz escolhas e age com base nelas (conscientemente ou não), experimenta as consequências (benéficas e dolorosas), aprende com elas (ou talvez não) e depois repete as escolhas e os resultados tantas vezes quantas forem necessárias até "acertar no padrão", por assim dizer. Dessa forma, cada essência individual cresce gradualmente em consonância com a Lei Natural, a forma como o universo funciona, também chamada de "vontade de Deus",* embora este termo não seja exato para uma divindade que não possui personalidade.

Deveria ser óbvio, a partir desta descrição, que não são o corpo, a personalidade e o eu inferior que possuem vidas passadas, mas sim a essência ou o Eu maior. Quando alguém diz: "Tive uma vida passada no Egito", quer dizer que acredita ou sabe que a sua essência teve uma encarnação passada no Egito. Geralmente, não há motivo para que a mente consciente recorde esse evento, e de facto pode não ser útil lembrá-lo, pois poderia distraí-lo ou assustá-lo. Pode compreender-se que não se desejaria, aos dez anos de idade, conhecer a descrição das provações, perdas e dores difíceis que se sofrerá ao longo da vida, nem ajudaria recordar uma morte lenta num campo de batalha ou sob tortura durante a Inquisição. Se não forem lembradas, estas memórias devem permanecer esquecidas.

- Um lembrete do Capítulo 1: As leis a que estamos habituados e sob as quais vivemos são de natureza social, incorporando muitas aproximações em prol da simplicidade e da aplicabilidade, e prevendo punições quando são violadas (se o infrator for apanhado). Em contraste, o que aqui chamamos de Lei Natural é precisa, universal, firme, inviolável, automaticamente aplicada e não inclui punição.

Toda a série de vidas termina, em última instância, num retorno aperfeiçoado à origem, "rumo a Deus", sem necessidade de novas encarnações. Provavelmente existem vários níveis entre a vida terrena e a Divindade, mas este modelo simples expõe a ideia essencial de que a aprendizagem através de múltiplas vidas é parte inerente do longo processo de crescimento da essência humana.

Carma

O carma é o princípio de causa e efeito que garante a continuidade, de uma vida para a seguinte, de tudo o que já foi aprendido e do que ainda não foi assimilado. As lições aprendidas são conservadas como património e fortalecem o indivíduo no seu percurso. As lições não aprendidas persistem, fragmento a fragmento, de vida em vida, até que a capacidade de transgredir a condição inerente do Universo, ou Lei Natural, seja completamente dissolvida, conduzindo assim a escolhas sábias e ações corretas. Nada se perde. A aprendizagem ocorre de forma natural, automática e sem punição, tanto ao longo do curso normal de cada vida como ao longo de toda a cadeia de vidas (centenas ou talvez milhares, dependendo do ponto de partida da contagem). Ou seja, a Lei Natural está embutida na existência: não há ninguém a definir o currículo, e cada um (ao nível da sua essência) tem liberdade para adiar, acelerar ou modificar o seu processo de aprendizagem conforme desejar.

Cada vida é geralmente vivida sem consciência das anteriores, para que as memórias dolorosas do passado não se tornem uma distração ou fonte de confusão, como foi referido anteriormente. Ao atingir um grau suficiente de consciência expandida, o indivíduo começa gradualmente a reconhecer e a identificar-se com a sua essência, podendo então tornar-se conscientemente consciente das suas vidas passadas e do seu carma remanescente. Assim se progride, ao nível da essência individual ou alma, rumo a um estado mais elevado de existência. A determinado ponto, a necessidade de vidas terrenas diminui ao ponto de permitir a transição para níveis superiores de aprendizagem e consciência.

Mesmo sem ter consciência das vidas anteriores da sua essência, pode-se encontrar valor em considerar, pelo menos intelectualmente ou através da imaginação, o conceito de reencarnação e o seu carma associado. Tal pode aumentar a recetividade à ideia e, num certo momento, através de insights ou epifanias, pode-se recordar uma ou duas memórias que confirmem essa realidade. Nenhuma leitura, argumento ou reflexão pode substituir essa iluminação, mas um pequeno evento pode desencadear o reconhecimento quando se estiver preparado para ele. Muitos já passaram por este caminho antes.
Com este contexto, vejamos o que João tem a acrescentar.

Jesus e a Reencarnação

(O que, se é que algo, Jesus ensinou sobre a reencarnação durante o seu ministério?)

João: Ele falou do conceito "Antes de Abraão, Eu Sou" e de João Batista ser Elias. Em outros evangelhos, disse: "Eis que te conheci antes de te admitir no ventre de tua mãe. Eu te criei com uma simetria feroz." Isso indica a preexistência da alma antes do nascimento, e não a sua criação no momento do nascimento. Além disso, entre os essénios e, mais tarde, entre muitos místicos hassídicos (que talvez tenham sido herdeiros diretos dos essénios) e praticantes da Cabala, a reencarnação não era considerada um fenómeno invulgar.

O debate entre os saduceus e os fariseus centrou-se na natureza da relação da alma com a vida após a morte. Até eles aceitavam o conceito da transmigração das almas, não no sentido de passagem de formas animais para humanas, mas dentro da filosofia da reencarnação. Havia também um debate generalizado entre os pitagóricos e os filósofos platónicos, dominantes entre os judeus helenísticos, para quem a reencarnação era um princípio bem compreendido.

Os essénios colocavam esse conceito numa base espiritual, isto é, no contexto do crescimento da alma, em vez de um simples sistema de recompensa e punição. Para eles, a evolução da alma ocorria em direção ao Divino. Isto era algo único nos ensinamentos hebraicos.

(Quanto ensinou Jesus aos seus discípulos, talvez em privado, sobre reencarnação, carma e o crescimento espiritual da alma ou do ser interior?)

João: Ele retirava-se para junto deles e ensinava-lhes muitas coisas em segredo, que não podia falar abertamente às multidões. Dizia-lhes: "Eis que venho a ti e me retiro contigo. E ainda que fale à multidão em parábolas, a ti falo claramente."

Acima de tudo, explicou que a alma não era nem masculina nem feminina: "Em verdade, em verdade te digo que em Cristo não há homem nem mulher." Ou ainda: "Eles tornam-se ambos um só." Referia-se à identidade sem género da alma, à sua natureza simultaneamente masculina e feminina. Ao falar abertamente com os discípulos, esclarecia pontos que hoje seriam considerados

metafísicos sobre o fenómeno da alma. No entanto, como registado nos Evangelhos, falava ao povo em parábolas, para que apenas aqueles que tivessem ouvidos para ouvir compreendessem a poesia, a metáfora e a alegoria.

(Jesus discutia vidas passadas com os seus discípulos?)

João: Sim. Mesmo nos exemplos acima, ele falou da natureza geral da alma e da reencarnação no Evangelho de Tomé. Também se expressou de forma direta ao dizer: "Eis que o que é carne é carne. O que nasce da água é água e pode desaparecer. Em verdade te digo, para entrares no Reino, vós desta geração deveis nascer de novo." Assim, ao mesmo tempo que falava da regeneração e renascimento da alma através do conhecimento, da sabedoria e do Espírito Santo, também falava claramente da reencarnação.

Jesus ensinou a reencarnação, pois, quando um cego foi levado até ele, os seus discípulos perguntaram: "Mestre, quem pecou, este homem ou os seus pais, para que ele nascesse cego?" Jesus respondeu: "Em verdade te digo, ninguém pecou. Este homem nasceu cego para que Deus fosse glorificado." Falou ao homem e ele passou a ver.

Esta última explicação parece evitar o assunto, mas foi provavelmente o máximo que Jesus pôde dizer em público.

- Num relato de outro perito intuitivo, Jesus explicou a lei do carma a Pedro: "Há uma lei de recompensa que nunca falha, e resume-se na verdadeira regra de vida: tudo o que o homem fizer a outro homem, algum outro homem fará a ele.")

Vidas Passadas de Jesus

(Quão consciente estava Jesus das suas próprias vidas passadas? Com que idade adquiriu essa consciência?)

João: O homem Jesus, como muitos outros, tinha uma consciência aguçada das suas vidas passadas. Ele disse: "Antes de Abraão, Eu Sou", um reconhecimento da continuidade das suas encarnações anteriores.

Ainda hoje existem métodos pelos quais as vidas passadas são identificadas. Por exemplo, há relatos de muitos lamas tibetanos que, mesmo na infância,

reconhecem brinquedos com os quais brincaram noutras existências. Não foi diferente para o homem Jesus, pois, desde a infância, teria sido exposto à leitura dos livros sagrados e reconheceria as suas identidades, fazendo comentários sobre elas ou tendo reações que apenas uma criança avançada poderia demonstrar.

(Podes resumir as vidas passadas de Jesus, e/ou da entidade Cristo, e como estas o prepararam para a sua missão tal como apresentada nos Evangelhos?)

João: Podemos comentar as suas vidas passadas em que ele procurou alcançar a perfeição, bem como aquelas com associação bíblica. Dessa forma, há a possibilidade de verificabilidade para aqueles que desejem explorar esses eventos, seja historicamente ou sob uma perspetiva bíblica.

A sua encarnação entre os essénios representou a culminação de outras vidas anteriores—um total de 33—sobre as quais podemos comentar mais detalhadamente noutra ocasião. Entre estas, há as que foram referidas pelo profeta Cayce, que afirmou: "Eis este homem! Noutra vida, foi um homem cruel e, de maneira igualmente cruel, destruiu os olhos de outro homem. Os pais deste homem, outrora, viraram-lhe as costas quando era um cego indefeso e expulsaram-no da sua porta."

O Estado Não Físico

João: Primeiramente, diríamos que, na identidade original, como no caso de toda a humanidade, Jesus existia num estado angélico—ou seja, criado como um ser de energia, com uma alma gémea no espírito. "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus." Isso refere-se ao Verbo como uma criação da mente divina, uma força cocriadora com o Divino.

Como alma, uma entidade consciente, ele deu origem a identidades individuais independentes da mente universal e das forças criativas que constituíam o Divino. Assim, as almas moveram-se de forma omnisciente e universal por toda a criação, absorvendo o todo. Mas houve uma onda de almas, semelhante às descritas no Livro de Enoque, que se encarnaram no plano terrestre, iniciando a cadeia de eventos conhecida como vidas passadas.

Para compreender verdadeiramente a entidade conhecida como Jesus, é necessário compreender a sua origem como um ser de energia. Ele existia num

estado vibratório que, devido às vibrações da alma e ao que se designa por átomos pré-permanentes—que funcionam como uma ressonância—é melhor descrito como um processo vibratório ou oscilatório que ultrapassa a velocidade da luz como a conhecemos atualmente.

Estes chamados *bindus*, mencionados na filosofia oriental, são momentos pré-permanentes, imutáveis. Eles permitem que uma alma tenha um foco holográfico através de toda a criação. Pois o universo é, essencialmente, uma criação, uma forma de pensamento. Algumas dessas formas de pensamento orientaram-se para a matéria, e estas singularidades na matéria, os *bindus*, tornaram-se ancoradas num momento de tempo-espaço e consciência, originando as primeiras ondas de encarnação.

Amelius e Adão

João: Essas primeiras ondas de encarnação configuraram as histórias esotéricas de Atlan, Lemúria e Atlântida. Em Lemúria, encontra-se a humanidade numa fase poeticamente descrita como o Éden, onde os chamados Adão e Eva, entendidos como seres andróginos, existiam. Historicamente, seriam descritos como hermafroditas: seres que incorporavam simultaneamente os géneros masculino e feminino.

A primeira encarnação de Jesus foi como Amelius, o primeiro dos hermafroditas a emergir em forma humana, e posteriormente como Adão (significando "feito de barro vermelho") nos últimos dias da civilização atlante. Primeiro foi Amelius, depois Adão.

Quando descrita em termos bíblicos, a ideia da remoção da mulher do homem constitui o seguinte: o crescimento da alma ocorre através dos atributos masculinos e femininos, tanto yin como yang. Nos tempos da Atlântida, a humanidade começou a dividir-se verdadeiramente em formas masculinas e femininas como uma espécie dominante. Há ainda hoje debate sobre se existiam, por exemplo, humanidades Cro-Magnon e Neandertal, e se, na verdade, a sociedade era composta por múltiplas espécies com ramos divergentes. Podemos afirmar que, de facto, existiram diferentes ramos da humanidade, particularmente no que diz respeito às almas.

Essas almas habitaram o plano terrestre desde aproximadamente 500.000 a.C. até aos tempos da Atlântida, civilização dramaticamente descrita por Platão e

também referida como os Sete Reinos existentes antes de Adão, tanto no contexto bíblico como cabalístico.

Nesse contexto, Jesus possuía atributos de ambos os géneros, embora, em aparência, tenha nascido e sido criado como homem. Caso desejasse gerar vida, uma descarga de atividade hormonal poderia ser desencadeada a partir de um estado profundo de meditação. É isso que se diz ter ocorrido com Adão: induziu atividades dentro do útero e os hermafroditas começaram a moldar os sexos de maneira singular. Foi assim que se deu a divisão dos géneros em masculino e feminino, deixando de ser hermafroditas e passando a utilizar as qualidades hormonais no útero para tornar um género dominante sobre o outro.

A Primeira Encarnação e a Separação dos Géneros

João: Mesmo em estudos fisiológicos modernos, observa-se que o zigoto, ao iniciar a sua formação no útero, apresenta inicialmente uma aparência sem género definido. Esses atributos hermafroditas ainda permanecem, em certo grau, na humanidade atual.

Na primeira encarnação como Adão, ao experimentar a forma primordial e ao escolher encarnar tanto como masculino quanto feminino, equilibrando as energias de yin e yang, não havia desequilíbrio. Não havia transgressão contra a identidade natural ou original, pois o estado edénico era um estado de perfeição. Aquilo que se passou a chamar de pecado constituiu, na realidade, um afastamento da identidade original, uma separação da unidade cósmica e uma imersão cada vez mais profunda na limitação dos sentidos terrenos.

Foi isto que significou a entrada da serpente no Éden. Representava duas forças em conflito. A humanidade estava a evoluir a um ritmo que não era do agrado de outras entidades angélicas. Estas voltaram os olhos para o plano terrestre e procuraram auxiliar a humanidade porque compreendiam que o ser humano não era apenas um corpo físico, mas também uma identidade energética e universal. Assim, as almas dessas entidades angélicas começaram também a encarnar na Terra. É isto que simbolicamente se designa como a entrada da serpente no Éden.

Neste contexto, os seres humanos começaram a elevar a sua energia vibracional.

No início, práticas específicas de yoga eram utilizadas para equilibrar essa nova identidade baseada no género, ligando a humanidade a ensinamentos tântricos e ao hatha yoga, para que conseguissem manter o seu nível vibratório andrógino e energético. Dessa forma, evitavam ser dominados pelas emoções emergentes ligadas à individualidade do género e da identidade. Novas almas, que anteriormente eram seres puramente energéticos ou anjos, procuraram acolher a humanidade e ensinar-lhe caminhos místicos.

Enoque e os Adversários

João: Posteriormente, Jesus encarnou como Enoque, o Construtor de Cidades.

Na tradição bíblica, Enoque (ou Hanach) é mencionado como filho de Caim e, mais tarde, como descendente de Adão e bisavô de Noé. Ele foi amplamente respeitado na literatura judaica e, no Islão, tornou-se o profeta Idris. No mormonismo e no cristianismo, recebeu outros títulos.

João: Nessas atividades, Jesus foi uma das almas que buscaram manter a verdade na forma e identidade da perfeição. Ele procurou criar e instruir a humanidade para que pudesse viver harmoniosamente dentro das estruturas das cidades-estado, ao mesmo tempo em que permanecia perfeitamente integrada com a atividade das estruturas do planeta. Alguns desses ideais ainda são levados adiante por grupos de almas nos tempos contemporâneos — indivíduos como os arquitetos Paolo Soleri e Frank Lloyd Wright, que também tiveram encarnações no Egito para continuar os ideais de Enoque.

A humanidade continuou a evoluir sua consciência na construção dessas estruturas. O indivíduo Frank Lloyd Wright, em sua identidade como Senemut, construtor do complexo do templo sob o reinado da faraó Hatshepsut, havia sido aprendiz do construtor da cidade, Enoque. Com esse conceito contemporâneo, ele trouxe um estado de perfeição semelhante ao Éden para algumas cidades.

A identidade de Jesus como Enoque foi uma tentativa de integrar parte do conhecimento que estava sendo trazido por seres angélicos superiores que começaram a entrar no plano terrestre. Eles descobriram que seus sentidos divinos estavam limitados pelo fato de estarem em corpos físicos. Esses seres então se tornaram uma força organizada, sempre tentando ordenar a humanidade de acordo com o que consideravam uma elite ou a Vontade divina, que era apresentada por longas linhagens humanas, as chamadas linhagens reais,

que deveriam governar a humanidade. Eles se tornaram a força conhecida como os Senhores do Karma. Essa era uma força criativa, um contraponto à identidade e missão de Jesus.

Jesus trabalhou, em vez disso, com o que é chamado de Lei do Um, a ideia de um único Deus. Para cada homem, haveria uma vida, e esse homem deveria manter seu olhar fixo e único no Divino. Mesmo que houvesse comunhões e diálogos abertos com seres angélicos, isso deveria ocorrer apenas com aqueles alinhados com o Altíssimo e o Divino.

A tentação de Jesus era decidir se permaneceria no caminho da humanidade que havia escolhido, um caminho de superação do karma pessoal através do alinhamento com o Divino, ou se se juntaria a essas forças governantes, com seu vasto poder na infraestrutura do plano terrestre, para conduzir a humanidade a um curso natural de eventos em busca de seu próprio conhecimento, salvação e união com o Divino.

Assim, encontramos nessa construção de cidades uma tentativa de reunir a humanidade em centros de atividade ao redor de pontos-chave e linhas de energia, como em Stonehenge, nas Pirâmides e em vários outros locais sagrados, para que a humanidade pudesse se alinhar com as energias naturais do planeta e restaurá-lo a um estado semelhante ao do Éden.

JOB

Job é o arquétipo do sofredor. O relato do Antigo Testamento, o livro mais antigo da Bíblia, descreve as duras provações que Job enfrentou como um teste à sua fidelidade a Deus. É uma leitura essencial para aqueles que perguntam: "Por que sofrem os justos?", embora alguns estudiosos considerem o desfecho inconclusivo e dececionante.

João: Jesus teve outra vida passada como Job, na qual enfrentou um grande teste. Job era de facto um indivíduo extremamente justo e estava voltado para o conceito eterno do Divino, para Deus, neste caso através da oração contemplativa profunda e da meditação, vendo a Divindade como uma força moral.

No entanto, existem forças no mundo que defendem que a humanidade deve ser submetida a julgamento e provação. Esta é a figura do adversário, que se

interpõe entre o eu superior, a unidade da alma com o Divino, e a mente consciente ou mortal. O adversário apresenta-se diante do trono e argumenta que a humanidade deve julgar-se a si própria, ou ser levada a julgamento, pelas ações cometidas em momentos individuais.

Nessas circunstâncias, Job perdeu todos os seus recursos humanos—família, descendência, riqueza adquirida, virtude e outros—e foi finalmente levado à miséria e à doença. Foi forçado a renunciar à centelha divina dentro de si, a renegar Deus, para que o seu ciclo de vida pudesse ser encerrado e ele talvez pudesse reencarnar e começar de novo. Mas Job permaneceu fiel ao conceito e à realidade da presença do Divino. Quando o seu ser foi testado nesses atos de fé, a Divindade manifestou-se dentro dele e foram-lhe feitas perguntas para que refletisse. A Divindade disse a Job: "Onde estavas tu quando estabeleci os fundamentos do mundo?"

A esta pergunta, Job só poderia dar uma resposta: Job esteve lá como o Verbo, e com o Verbo, sendo um com o Divino. Ele fazia parte das forças criativas que criaram os dramas que se desenrolaram e escolheu experienciar essas coisas. Assim, pode dizer-se que a ação do Divino como força moral no plano terrestre deixou de ser uma força externa, separada da humanidade. Job foi a origem do arquétipo do Cristo, no qual o Divino pode tornar-se um com a humanidade, em vez de permanecer uma força externa.

Foi isso que justificou as palavras de Jesus quando disse: "Ó, por que vos espantais quando se diz que o Filho do Homem é o Filho de Deus, se as vossas próprias Escrituras dizem que vós sois deuses? E as coisas que eu faço, vós as fareis também, e ainda maiores." Assim, pode dizer-se que a sua encarnação como Job, mais tarde registada por Melquisedeque, foi o primeiro arquétipo a dar origem à existência do Cristo, ao conceito do redentor, do salvador da humanidade. E que, se um único indivíduo pode sofrer todas essas coisas e ainda assim permanecer consciente da centelha divina dentro de si, então toda a humanidade não só se torna digna, como pode começar a trilhar um caminho que a conduz diretamente ao Divino.

MELCHIZEDECH

João: Avançamos agora rapidamente no tempo, onde encontramos Jesus, em busca da perfeição, encarnado nas atividades conhecidas e associadas a Melquisedeque. Melquisedeque é referido no Antigo Testamento como um

sacerdote-rei em Jerusalém que apoiou Abraão, mas há confusão no texto bíblico. Uma passagem do Novo Testamento refere que ele encarnou como um ser humano sem nascimento nem morte.

Num documento gnóstico da Biblioteca de Nag Hammadi, ele é identificado como sendo idêntico a Jesus, o que faria sentido no contexto da reencarnação aqui descrito.

João: Na ordem de Melquisedeque, Jesus procurou manifestar um grupo específico de pessoas que pudesse estabelecer a presença do Divino, o chamado Deus da história, para a unção de Abraão e das linhagens tribais que dele descendiam.

Embora Abraão tenha sido consagrado, era bem sabido que os povos tribais ainda teriam dificuldades em compreender as forças superiores, a natureza singular do Divino e o conceito de que Deus é amor. Por isso, tiveram de passar pelo processo descrito mais tarde na Torá. Estavam a viver a evolução natural da humanidade. Os seus comportamentos não devem ser imitados, mas compreendidos como lições. É dessa forma que a Divindade e Deus devem ser entendidos em cada época, para que a humanidade possa conhecer a totalidade da sua identidade ao voltar-se para as escrituras sagradas. Quanto ao papel de Jesus na sua vida como Melquisedeque, ele foi um sacerdote que ajudou a organizar os caminhos, os pensamentos e as formas que eventualmente se manifestariam e seriam consagradas na prática sacerdotal, posteriormente instituída na Torá.

A humanidade ainda precisava de superar a sua tendência para a guerra e outras ações destrutivas, mas acreditava-se que, pelo menos, esses atos conduziriam ao conhecimento das suas consequências e ao impacto que tinham na relação de cada indivíduo com o Divino. Pois, quando a humanidade não conseguiu superar a sua tendência quase viciante para a chamada guerra justificada, pelo menos essas atividades poderiam ser conduzidas da forma mais humana possível, dentro da consciência da humanidade daquela época.

ZOROASTRO

João: Depois encontramos Jesus encarnado como Zoroastro.

Zoroastro, originalmente Zarathustra, foi um profeta iraniano que viveu por volta do século IX a.C. Os seus escritos, contidos no Avesta, formam a base da religião que leva o seu nome. O Zoroastrismo trata da questão do bem contra o mal, entre muitas outras matérias. Zoroastro goza de uma lenda rica e variada fora da Pérsia. Na tradição ocidental, ele é visto como um sábio e um realizador de milagres.

João: Esta vida teve o propósito de explicar o conceito do dualismo e estabelecer uma base na qual Jesus poderia usar os escritos da influência zoroastriana para começar a integrar e traduzir o conceito de dualismo numa força mais unificada. Ou seja, a ideia de que o bem e o mal são entidades separadas não era uma verdade absoluta, mas sim um equívoco da compreensão humana do Divino. Pois a própria Divindade torna-se a fonte do conhecimento, uma origem única para todas as forças—tanto as chamadas boas quanto as chamadas más—que são percebidas no mundo.

ENOQUE

João: Enoque, ou Hanachi, foi uma encarnação na qual ele foi responsável pelo início da transmissão da Torá e de muitos outros livros judaicos que agora fazem parte dos escritos sagrados da Torá no alfabeto hebraico. Ele também iniciou a ordenação dos mistérios mais profundos conhecidos como a Cabala, apresentando os chamados dez nomes de Deus, em particular as doze dimensões e as letras hebraicas que são reconstruídas a partir dos modelos do universo, que atualmente se acredita estarem relacionadas com a chamada teoria das cordas.

As qualidades vibratórias das letras hebraicas, conforme foram recebidas na energia conhecida como Meged, significando santos, constituem um modelo de como a energia do Divino interior está presente na humanidade. A Cabala, com seus doze nomes de Deus e os chamados Sephirat, ressoa holisticamente como um holograma através de todo o universo.

CAPÍTULO 12
OS ÚLTIMOS DIAS DE JESUS: A PAIXÃO

Os últimos dias da vida de Jesus, a sua chamada paixão, compõem um dos maiores dramas da história. Ele foi julgado, torturado, morto, sepultado num túmulo e então—segundo nos é dito—reapareceu num corpo físico, interagiu com outros

durante várias semanas antes de desaparecer. No geral, um acontecimento verdadeiramente fenomenal.

Os romanos crucificaram milhares de judeus, mas a crucificação de Jesus foi especial porque (como testemunham os Evangelhos) ele aceitou o seu destino voluntariamente e com plena consciência, sem culpar ou julgar os seus captores e sem lamentar-se pela sua condição de vítima, mesmo sabendo que o seu julgamento e condenação foram obviamente manipulados. Embora haja poucas dúvidas históricas de que Jesus foi de facto crucificado, muitos questionam os relatos da ressurreição que se seguiu. Mais uma vez, tal evento foge completamente tanto da história comum quanto da experiência pessoal. Mas, novamente, a ausência de provas históricas não significa necessariamente que não tenha ocorrido.

Com base em que podemos ser levados a acreditar na ressurreição? Mesmo os seus apóstolos, a quem ele prometera isso previamente (três vezes!), mas que não testemunharam diretamente o evento, só puderam acreditar quando o confrontaram face a face. Como não temos esse privilégio, só nos resta manter esse evento incomum em suspensão, enquanto buscamos uma compreensão mais profunda e uma perspetiva mais ampla.

A ressurreição de Jesus merece especial atenção porque nos leva a questionar o que uma pessoa de consciência elevada pode alcançar no momento da sua morte. Independentemente de a ressurreição ter ocorrido exatamente como foi relatada ou não, a história levanta questões importantes sobre o potencial humano: se a morte física, o maior medo da humanidade, pode de alguma forma ser transcendida; se o reino dos céus ou um estado de consciência superior é alcançado após a morte; e como alguém deve viver plenamente à luz dessa visão da morte. Uma interpretação do significado da ressurreição é que Jesus respondeu e demonstrou respostas para essas três questões.

JUDAS

A paixão de Jesus começa com a sua chamada traição e prisão. Segundo os escritores dos Evangelhos e a tradição cristã, o apóstolo Judas é retratado como o maior vilão da história—o arquétipo do traidor, um agente do diabo e um homem com poucas ou nenhumas qualidades redentoras. Tudo porque se acredita que entregou um dos mais extraordinários seres humanos da história para a morte.

Mas será que Judas teve realmente essa intenção maliciosa? Talvez tenha sido escolhido pelos historiadores para desempenhar o papel de vilão, como tradicionalmente se exige nos grandes dramas.

Em contraste, algumas narrativas fictícias exploraram a possibilidade de que Judas tenha sido, na verdade, um apóstolo devoto e compassivo, muito amado por Jesus, mas que cometeu um erro que teve consequências graves que ele não previu. O recentemente descoberto Evangelho de Judas parece sugerir que Jesus pediu a Judas que o entregasse e que estava plenamente consciente das consequências tanto para si quanto para o próprio Judas. A questão das intenções de Judas e de Jesus permanece sem resposta definitiva.

Independentemente das várias interpretações dos poucos factos disponíveis, não faz sentido culpar Judas (ou qualquer outra pessoa) pela morte de Jesus, que sabia para onde caminhava e claramente aceitou que seria morto como o desfecho necessário da sua missão ousada e franca.

Pelo que sabemos das intenções de Jesus, ele sequer podia ser traído. Seria razoável que Judas o tivesse ajudado numa tarefa à qual os outros apóstolos não teriam consentido—ou que, se o tivessem feito, teriam carregado um grande peso de culpa depois. Afinal, Jesus queria que os seus evangelistas sobrevivessem para propagar a sua mensagem, e não que se precipitassem para a morte como Judas supostamente fez.

Tentemos expandir a nossa visão pessoal sobre o que aconteceu com Judas, recorrendo a uma abordagem intuitiva.

(Que tipo de relação Jesus tinha com Judas nos anos que antecederam a crucificação?)

João:

Judas representou um desafio particular para Jesus. Era um homem de grande intelecto e havia sido bem colocado entre os judeus helenistas de Jerusalém. Tinha estudado entre os essénios e aprendido mistérios profundos e profundos. No entanto, a sua família caiu na pobreza devido a uma série de infortúnios. Com certa amargura, viu-se forçado a aceitar a servidão por dívida tornando-se cobrador de impostos, um destino amargo para qualquer judeu.

Os cobradores de impostos eram particularmente desprezados, pois eram vistos como agentes do estado romano. Muitas vezes, o sistema tributário era considerado uma punição imposta por Deus. No entanto, até mesmo entre os cobradores de impostos existia um certo código de conduta, pois lucravam com a execução da suposta "vontade de Deus". Eram um grupo híbrido, e tornar-se cobrador de impostos era geralmente uma última opção para alguém que não encontrava outra saída. O pagamento era miserável e eram frequentemente desprezados e rejeitados pela comunidade.

Quando Jesus o reencontrou no início do seu ministério, Judas escondeu-se dele, pois tinham sido amigos de infância e estudado juntos entre os essénios. Ao tornar-se cobrador de impostos, evitava Jesus, chegando ao ponto de pagar do próprio bolso os impostos da casa de Jesus, em vez de enfrentá-lo e encarar a vergonha que sentia.

Jesus, no entanto, associava-se com todos e tentou elevar o espírito do seu amigo nomeando-o tesoureiro do grupo. Quando recebiam doações ou presentes destinados aos pobres, confiavam a Judas a administração dos recursos, pois era o mais confiável dos apóstolos. Ele tinha autoridade para distribuir os fundos com precisão, chegando ao último shekel. A sua habilidade extraordinária para cálculos, que originalmente havia aplicado à geometria sagrada, agora era usada para administrar os bens do grupo.

Infelizmente, Judas também se envolveu com os zelotes enquanto viajava e lidava com os mais pobres ao cobrar impostos. Ele conhecia bem o estado de miséria do povo e nutria uma raiva crescente. Aos poucos, foi sendo atraído para o radicalismo dos zelotes.

Jesus tentou dissuadi-lo com uma mensagem de paz.

Infelizmente, Jesus sabia que o coração de Judas havia sido endurecido pelos acontecimentos da sua vida, e isso entristecia-o, pois ao dar permissão ao seu amigo, sabia que este apenas sofreria ainda mais. Ele sabia que Judas faria o que sentia que era necessário fazer: declarar Jesus como o Messias, porque acreditava que os acontecimentos deveriam desenrolar-se no plano material e não apenas no espiritual. Assim, todas essas coisas eram conhecidas por Jesus no padrão da sua vida. Ele sabia que estava no destino de Judas realizar aquilo que acreditava ser essencial.

(Qual foi o verdadeiro papel de Judas na dita traição de Jesus?)

João: Judas, tomado pela dor após a prisão de Jesus e a sua consequente crucificação, acreditava que Jesus era o Messias que deveria erguer o povo numa rebelião. Jesus havia pregado entre os zelotes, e Judas identificava-se com as filosofias desse grupo, não muito diferente de Simão, o Zelote. Jesus disse-lhe: "Vai e faz o que deves fazer", pois sabia que Judas não era o traidor da lenda, mas sim alguém que acreditava que, ao entregá-lo, o Sinédrio lhe daria apoio político. Judas acreditava que poderia forçar a mão do Messias político, em oposição ao Messias espiritual, e há um certo fundamento histórico nessa ideia.

Sabe-se que Judas implorou para que Jesus não fosse submetido à crucificação e mencionou outros que tinham feito reivindicações messiânicas num sentido real, ao contrário de Jesus, que nunca o fizera. Os membros do Sinédrio, desejando esmagar o que consideravam uma rebelião política, perguntaram se Judas poderia citar nomes de outros possíveis Messias. Num momento de ingenuidade, Judas forneceu os nomes de vários zelotes que acreditavam ter encontrado o Messias.

Esses "Messias" foram então massivamente presos sob a acusação romana de conspiração contra o Estado e sofreram crucificação. Isso aumentou ainda mais o sofrimento de Judas, que tentou salvar o seu amigo—salvar Jesus, a quem amava—de um destino que nunca havia concebido.

Assim, sim, havia outros chamados Messias, ou aqueles que ambicionavam sê-lo, tal como os chamados Messias Hasmoneus que libertaram o povo do domínio grego alguns séculos antes. Essas tradições ainda estavam vivas entre os essénios.

(terá Judas reencarnado após a sua vida com Jesus? E em caso afirmativo, quando e onde ocorreu isso?)

João: Judas reencarnou como o indivíduo conhecido como Da Vinci. Mencionamos Da Vinci com um propósito, pois ele desejava trazer e restaurar à humanidade uma grande capacidade de progresso. Mas observemos que o fez através de modos puramente científicos—ou seja, pelo intelecto iluminado. Essas proto-ciências trouxeram grandes avanços à humanidade. Isso ocorreu através da

interligação de conhecimentos e da aproximação do mundo, criando um saber comum acessível conscientemente à humanidade.

Da Vinci conhecia muitas das coisas que os anjos acreditavam que permitiriam à humanidade progredir. De facto, foi bem-sucedido nessa missão. Criou também uma beleza que parecia não ser deste mundo. Mas o seu caminho foi tentar criar um mundo ou reino que pertencesse a este mundo. Como sinal de progresso, observe-se a androginia das formas que criou na sua arte. Esse é um sinal do avanço do intelecto espiritual, algo que Judas também possuía.

(De que forma lidou ele com o remorso que sentiu pela parte que teve na morte de Jesus?)

João: Judas lidou com o remorso pela sua participação na morte de Jesus dedicando-se incessantemente à tentativa de restaurar a humanidade, trazendo-a de volta a um estado de glória que acreditava ter existido no mundo da sua época. Procurou restaurar o mundo antigo e criar um reino que a humanidade pudesse realmente alcançar. Quem estudar a sua arte e o seu autorretrato verá a própria personificação da dor e do remorso.

A CRUCIFICAÇÃO

A questão mais persistente sobre a crucificação diz respeito ao seu significado: terá sido apenas uma consequência inevitável da pregação ousada de Jesus, como geralmente se afirma, ou serviu também um propósito mais profundo e específico para ele? Os argumentos mais comuns, como "ele morreu para salvar os homens do pecado" e "foi necessário um sacrifício, por isso ele o fez", não estão totalmente errados, mas, como causas, não se sustentam como uma explicação válida. Por que escolheu um caminho tão extremo e seguiu-o até à própria morte?

Em primeiro lugar, está claro nos Evangelhos (tais como os conhecemos) que Jesus não buscava o martírio, mas não via uma forma clara de evitar ser morto se quisesse falar e praticar a verdade conforme a entendia. Podemos, portanto, presumir que aceitou o sacrifício como necessário, e talvez tenha usado a ocasião para transmitir uma verdade maior: a natureza do homem é eterna, vai além do nascimento e da morte, e a vida continua após a morte física. Esse ponto precisaria de ser demonstrado pela ressurreição, mas, antes disso, ele precisava morrer, e morrer de uma forma que pudesse ser bem testemunhada e lembrada, não perdida em boatos.

Assim, a crucificação serviu esse propósito, talvez até para além da sua intenção inicial. A morte de Jesus na cruz tornou-se desde então um ícone para mais de um bilião de cristãos. No mínimo, é um lembrete sombrio do seu sofrimento e sacrifício, e para aqueles que o compreendem dessa maneira, um símbolo duradouro da natureza transitória da vida física.

Questões menores dizem respeito à extensão do seu sofrimento, à causa do alegado terramoto e do escurecimento do céu imediatamente após a sua morte, e às suas últimas palavras enigmáticas sobre ter sido abandonado por Deus.
No entanto, primeiro precisamos de saber se Jesus foi realmente crucificado.

(Existe um relato minoritário que afirma que a crucificação de Jesus nunca aconteceu, e que Judas, numa tentativa de proteger Jesus, teria arranjado um substituto—um autoproclamado Messias—para ser crucificado no seu lugar, permitindo que Jesus aparecesse mais tarde e escapasse para outras terras. Foi isto que realmente aconteceu?)

João: Houve muitos debates entre os discípulos, mesmo após a experiência do que é interpretado como a ressurreição. Os discípulos tinham opiniões diversas sobre o Messias. Por isso, Jesus costumava perguntar: "E vós, quem dizeis que eu sou?", deixando a questão aberta para que cada um a resolvesse no seu próprio processo de crescimento e revelação. Em certos momentos, até mesmo Jesus questionava se era de facto o Messias, no sentido de ser o ungido.

Alguns discípulos, em particular Tomé, tiveram dúvidas sobre a crucificação, pois não estavam presentes no momento da morte, ao contrário do narrador do relato. Haviam fugido e escondido, e não testemunharam diretamente a crucificação. Assim, era natural que duvidassem da ressurreição e questionassem a validade histórica dos acontecimentos descritos. No entanto, se a questão central é se Jesus foi realmente crucificado, afirmamos que ele de facto foi crucificado.

Ele foi sentenciado por Pôncio Pilatos, como descrito historicamente nos Evangelhos, morreu nas horas indicadas e foi sepultado na terra. Assim, o conceito de um Messias substituto para justificar a chamada ressurreição não encontra suporte neste relato. No entanto, esse tema foi debatido intensamente entre os Apóstolos antes de se estabelecer esta outra fase, ao

longo de um período de cerca de quarenta dias após a crucificação, especialmente por Tomé.

(Nós fomos levados a acreditar que, durante sua juventude, Jesus alcançou um controle excecional da mente sobre o corpo e poderia ter diminuído ou eliminado o sofrimento que acompanha dores tão intensas. Ele realmente fez isso durante a crucificação?)

João: Não. A capacidade foi o que tornou o sacrifício ainda maior.
Nos teus dias modernos, houve aqueles que enfrentaram um período de lepra contemporânea, o fenômeno chamado AIDS. Houve aqueles que tiveram grande medo de se associar com essas pessoas, sem ainda saber a condição transmissível ou não transmissível da doença.

A mulher conhecida como [Princesa] Diana foi, de fato, destinada a herdar um reino e a ser uma guardiã desse reino, uma mãe de futuros reis. Ela caminhou entre os povos, não muito diferente dos essénios e dos profetas da antiguidade, santificando-os com seu abraço, com seu toque. São atos de coragem como esse que realmente refletem as ações do Cristo e dos profetas antigos. Em outras palavras, sua empatia era tal que estava disposta a tomar sobre si o sofrimento dos outros.

Quanto mais então, da fonte de sua inspiração, que era o amor de Deus, foi o homem Jesus. Ele sabia que, nos dias das leis praticadas pelos homens, outros haviam sofrido. Lembra-te, ele estava profundamente ciente dessas leis, pois disse em oração: "Se há outro caminho, que este cálice amargo seja retirado. Mas, se for a Tua vontade, eu beberei do cálice amargo."

Porque ele tinha controle, assim como iogues e meditadores — como tem sido documentado — a capacidade de regular a dor ou até mesmo eliminá-la no corpo lhe era conhecida. Mas, ainda mais do que isso, ele tinha o poder de afastar seus algozes quando desejasse e deixar o lugar de sofrimento.

Jesus sabia que, se houvesse um único exemplo indelével e histórico de alguém que não tivesse maior amor por seu irmão ou irmã do que aquele que dá sua vida por eles, esse único exemplo criaria um contexto no qual talvez toda a humanidade pudesse reconhecer que ninguém mais precisaria sofrer.

Ele disse: "Eis que vim a ti para te dar vida, e para que a tenhas em abundância." Se uma pessoa sofresse dessa maneira, criaria o contexto para a libertação do restante da humanidade.

Gandhi, ao sofrer, libertou uma nação pelo exemplo do Cristo. O homem Martin Luther [King], ao sofrer, libertou um povo da escravidão. Ainda hoje, esse paradigma continua a mover a libertação da humanidade de seus antigos padrões de não ver no outro a centelha divina.

(Então, Jesus realmente sofreu durante a crucificação, e isso foi feito voluntariamente?)

João: Por escolha, por vontade, por empatia pela humanidade.

(E ele poderia tê-lo evitado?)

João: Correto. Assim como empatas até os dias de hoje muitas vezes assumem padrões de sofrimento para curar, ele também desejou criar uma cura universal. É uma força extremamente poderosa, mesmo até os dias de hoje.

O ESTÁGIO FINAL DA MORTE

(E quanto às palavras finais dele?)

João: Mesmo no seu momento final, quando disse: "Eli, Eli, lama sabachthani?" ou "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?", ele estava simplesmente a citar a primeira linha de um famoso salmo de lamentação (Salmo 22). Seria natural para qualquer um pronunciar essa frase no momento da morte, assim como noutras tradições se fazem orações para guiar a alma ao seu ponto mais elevado, reconhecendo o momento da sua passagem.

(Há relatos de que houve uma tempestade, um terramoto e possivelmente uma tempestade de poeira no momento da crucificação de Jesus, perto da hora da sua morte. Foi apenas coincidência? Teria Jesus sincronizado a sua morte com esses eventos?)

João: O conceito de psicocinese pode oferecer uma explicação. Jesus não estava sozinho; ele tinha milhares de seguidores. Afinal, não alimentou mais de cinco mil pessoas no milagre dos peixes e dos pães? Assim, no momento da sua

morte, à medida que a notícia se espalhava, uma onda coletiva de emoção, ligada aos princípios da psicocinese, pode ter causado grandes perturbações na terra. Tal energia poderia ter alterado o clima como uma expressão coletiva de luto, obscurecendo o sol e dando a impressão de que a noite havia caído.

SEPULTAMENTO E RESSURREIÇÃO

Os Evangelhos relatam que dois fariseus amigos de Jesus transportaram o seu corpo para um túmulo disponível, que depois foi selado e guardado. Três dias depois, a pedra do sepulcro foi misteriosamente removida, os guardas entraram em pânico e dispersaram-se, e Jesus, ou uma aparição sua, apareceu àqueles que foram verificar o túmulo.

As questões debatidas em torno da ressurreição são se de facto ocorreu como relatado, e, se aconteceu, como foi possível e qual era a natureza física da reaparição de Jesus. Mas, mais importante ainda, qual foi o significado deste evento dentro da sua missão de vida?

Podemos facilmente imaginar que Jesus pode não ter morrido completamente na cruz, mas ter sido temporariamente sepultado e depois retirado do túmulo pelos seus seguidores, reanimado e libertado para caminhar e aparecer àqueles que o reconheceriam. No entanto, há evidências nos próprios Evangelhos que contradizem essa possibilidade, se aceitarmos os seus relatos, pois dizem que ele estava realmente morto, que foi perfurado por uma lança e que, na manhã seguinte, estava de pé e conversava com Maria Madalena.

Nos Evangelhos, Jesus previu três vezes que seria morto e ressuscitaria ao terceiro dia. Embora essas declarações pudessem ter sido acrescentadas posteriormente, teria sido difícil para editores mais tardios criar todos os detalhes de forma convincente. Além disso, os Evangelhos relatam que, na sua primeira aparição após a morte a Maria Madalena, ele afirmou que ainda não podia ser tocado, mas mais tarde convidou Tomé a sentir as suas feridas e comeu com os apóstolos, sugerindo que poderia estar a passar por uma transformação física gradual. Relatos semelhantes de reaparições físicas de mestres espirituais falecidos também estão presentes na literatura religiosa hindu, o que reforça a possibilidade de um fenómeno semelhante com Jesus, ainda que não o prove.

(Lemos que houve uma tempestade, um terremoto e talvez uma tempestade de poeira na crucificação de Jesus, perto do momento de sua morte. Isso foi apenas

uma coincidência? Jesus deliberadamente sincronizou sua morte com esses eventos?)

> **João:** Mais uma vez, olhai mais para o conceito de psicocinese.* Jesus, é claro, não estava sem seus seguidores. De fato, ele não alimentou mais de cinco mil no milagre dos peixes e dos pães? Assim, em sua passagem, à medida que a notícia se espalhava, uma onda coletiva, novamente ligada aos princípios da psicocinese, teria causado uma grande comoção na Terra. Isso teria alterado o clima como um ato de grande pesar, bloqueando o sol e, para todos que observaram o evento, fazendo parecer como se fosse noite.

Esse tipo de influência mental sobre o clima tem sido especulado e reivindicado, mas ainda não há evidências científicas sólidas que o comprovem.

Psicocinese é um termo parapsicológico para o uso do poder mental sozinho para mover ou alterar a forma de objetos materiais. Esse fenômeno tem sido repetidamente demonstrado cientificamente como possível por certas pessoas sob condições controladas. As evidências mais fortes envolvem influenciar a queda de dados e o funcionamento de geradores eletrônicos de números aleatórios para que se comportem de maneira não aleatória. Recentemente, foi uma moda popular na forma de "dobra de colheres". O mecanismo da psicocinese e as condições necessárias para que ela ocorra ainda não são compreendidos cientificamente. [Braud 2003, Radin 1997]

Evidências contrárias a essa hipótese estão no relato do Evangelho, se pudermos aceitá-lo, pois ele diz que Jesus realmente morreu, foi perfurado por uma lança e, na manhã seguinte, estava de pé e conversando com Madalena.

Nos Evangelhos, Jesus previu três vezes que seria morto e depois ressuscitaria três dias depois. Embora essas afirmações possam ter sido fabricadas posteriormente, teria sido difícil para editores posteriores criar todos os detalhes de maneira convincente. Além disso, os Evangelhos dizem que, em sua primeira aparição após a morte para Maria Madalena, ele reconheceu que ainda não poderia ser tocado, mas mais tarde convidou Tomé a sentir suas feridas e comeu com seus apóstolos, como se uma transformação física gradual estivesse em andamento.

Relatos semelhantes de reaparições físicas por iogues falecidos ocorrem na literatura religiosa hindu.178 Esses relatos também falam a favor da reaparição de Jesus após sua morte, embora não provem sua possibilidade, é claro.

Quanto ao significado da ressurreição, suas palavras nos Evangelhos indicam (como já mencionado acima) que ele buscava, antes de tudo, mostrar que a morte física não é o fim da vida humana, mas que o homem sobrevive à morte, pelo menos em algum sentido. Em segundo lugar, podemos razoavelmente supor que ele desejava fornecer uma evidência dramática de que seu reino celestial é real, embora não físico, e que ele estava indo para lá. Finalmente, ele pode ter desejado mostrar a importância primordial de viver na verdade, custe o que custar, mesmo diante da morte.

Essas questões não estão resolvidas, mas, em qualquer caso, há também a questão prática de como a ressurreição pode ter sido realmente realizada.

(O que aconteceu ao corpo de Jesus após ter sido colocado na tumba?)

João: O corpo foi retirado da cruz e tratado pelas mulheres essénias, pois era necessário que repousasse no túmulo antes da chegada da Páscoa. Elas tentaram cumprir os preceitos mais flexíveis da lei judaica. O corpo foi então envolvido de acordo com as tradições essénias, num longo pano tratado com unguentos e flores para preservar o corpo até que pudesse ser devidamente embalsamado após o sábado, quando tais trabalhos podiam ser realizados. O corpo foi colocado num tecido longo, possivelmente semelhante àquilo que é retratado no Sudário de Turim, e envolto noutras camadas de pano. Depois de devidamente preparado, foi levado ao túmulo e ali depositado.

O Sudário de Turim pode, de facto, ter sido o pano mortuário de Jesus. As tentativas científicas de datá-lo pelo método do carbono-14 foram falhas, pois a contaminação por matéria orgânica acumulada ao longo dos séculos alterou os resultados. As fibras analisadas provinham de material medieval, o que distorceu a datação devido à acumulação de carbono. A imagem presente no sudário, com qualidade fotográfica e tridimensional, pode ter resultado da intensa energia vital, conhecida como prana, irradiada do corpo de Jesus.

SOBREVIVÊNCIA

Poderá Jesus ter sobrevivido à crucificação?

João: A capacidade de sobreviver à crucificação é bem documentada, e é surpreendente que não haja mais argumentos defendendo que Jesus pode

simplesmente ter sobrevivido ao processo, talvez usando estados profundos de meditação para reduzir o ritmo cardíaco ou até narcóticos poderosos que lhe possam ter sido administrados. Substâncias para aliviar a dor eram frequentemente oferecidas como ato de misericórdia, geralmente em forma de ervas amargas. Esse detalhe encontra-se descrito nos próprios Evangelhos. Além disso, os conhecimentos científicos da época podiam incluir substâncias com efeitos semelhantes a anestésicos, que não apenas reduziam a dor, mas podiam manter um homem consciente por várias horas na cruz.

Há casos conhecidos de pessoas que sobreviveram à crucificação depois de familiares terem implorado misericórdia e conseguido permissão para removê-las da cruz antes da morte. O corpo de Jesus foi retirado da cruz após a confirmação da sua morte pelos executores.

A perfuração do lado com a lança era um procedimento típico da crucificação. A passagem bíblica diz: "Eis que saiu sangue e água", pois a lança atingiu diretamente os pulmões e o coração, que estavam cheios de fluídos. A asfixia é a principal causa de morte na crucificação. Jesus, tendo sido brutalmente espancado e esgotado pelas provações da noite anterior, sucumbiu ao processo mais rapidamente do que o habitual. Estava também enfraquecido pela consciência do que estava prestes a acontecer.

Podemos afirmar que o corpo de Jesus pereceu na cruz, tendo ele conscientemente o entregado através do que hoje se conhece como uma experiência de quase-morte ou projeção astral. Ele deixou o corpo, assim como está relatado em várias fontes lendárias, incluindo tradições budistas, mestres meditativos, iogues e outros.

A RESSURREIÇÃO

(Em que sentido o corpo de Jesus foi ressuscitado?)

João: O corpo, após a morte física, passou por um processo de regeneração. Hoje a ciência já reconhece que a regeneração pode ocorrer em organismos superiores. O exemplo clássico associado à ressurreição, e historicamente ligado à sabedoria de Salomão, é o da salamandra, que pode perder membros inteiros e até dividir-se ao meio, gerando novos organismos completos.

A ciência já demonstrou que sob certas condições—como a aplicação de campos magnéticos e forças elétricas—é possível estimular a regeneração de membros em mamíferos superiores. Até mesmo os seres humanos possuem certas formas primitivas de regeneração, como se observa em crianças pequenas que, ao perderem uma articulação de um dedo antes dos oito anos, podem regenerá-la completamente, incluindo a estrutura neural, cardiovascular e meridiana.

No caso de Jesus, a regeneração ocorreu ao longo dos sistemas de chakras e meridianos neurais, reconstruindo a estrutura celular mesmo após a morte. Isso levou à recriação do chamado "corpo divino", um objetivo que há muito tempo era buscado pelos alquimistas e pelos iogues nas práticas de siddhi e nas lendas de longevidade extraordinária.

Enquanto o corpo jazia no túmulo, a ressurreição ocorreu pela reunificação de mente, corpo e espírito, apesar de o corpo ter passado pelo que seria considerado morte clínica. Se aceitarmos a ressurreição não apenas como uma reanimação, mas como uma renovação completa do corpo pela força vital, então devemos reconhecer a existência dessa força vital—chamada prana, chi ou simplesmente o campo biomagnético do corpo físico—capaz de regenerar tecidos celulares. Com essa premissa, tudo o resto se torna claro. Para aqueles que não se sentem confortáveis com a ideia de prana ou chi, talvez seja mais fácil conceber a ressurreição como uma forma de reanimação espontânea.

O TÚMULO VAZIO

(Por que então o túmulo foi encontrado vazio? Como a pedra foi removida da entrada?)

João: Os Evangelhos relatam que houve um grande tremor de terra e que os soldados enviados para guardar o túmulo fugiram aterrorizados. Esses soldados estavam lá para impedir que os discípulos roubassem o corpo e alegassem que Jesus havia ressuscitado. O Sinédrio e Roma, cientes das profecias messiânicas, pareciam ter tentado evitar qualquer possibilidade de conspiração.

De facto, ocorreu um terramoto, que pode ter rolado a pedra que selava o túmulo.

Além disso, o processo de ressurreição pode ter envolvido forças poderosas de psicocinese—isto é, a capacidade de energia mover a matéria—fazendo com que

a pedra fosse deslocada. Isso permitiu a libertação do corpo ressuscitado, que já não era apenas o corpo físico de Jesus, mas sim o Cristo ressuscitado. Neste ponto, podemos considerar que, enquanto o Jesus humano morreu, o seu corpo foi recriado e então ocupado pela entidade do Cristo.

AS APARIÇÕES PÓS-RESSURREIÇÃO

Para os apóstolos, discípulos e outros seguidores, a evidência mais convincente da ressurreição não foi o túmulo vazio, visto por poucos e que por si só não provava nada, mas sim as várias aparições de Jesus nos quarenta dias que se seguiram. Mesmo aceitando os relatos dos Evangelhos, podemos ter certeza de que aquele que apareceu era o "mesmo" Jesus que morreu? E, se era, a sua presença era fisicamente sólida ou apenas uma projeção nas mentes dos seus observadores?

(Os Evangelhos descrevem várias reaparições de Cristo após a ressurreição. Não está claro se essas foram observações reais do corpo físico, que qualquer pessoa poderia ter visto, ou se foram aparições privadas criadas unicamente nas mentes de seus observadores—algo que sabemos que pode acontecer. Como devemos entender essas aparições?)

João: Nos quarenta dias seguintes à crucificação, o efeito da ressurreição não foi apenas uma reanimação, mas sim um alinhamento total da matéria com o Divino. Afinal, o que é um ser humano senão a continuidade da energia e o seu alinhamento com o Divino? Dessa forma, ao atingir esse estado, torna-se o Cristo ou Messias, cuja salvação significa plenitude e realização.

Quando Maria Madalena foi ao túmulo para concluir os ritos de preparação do corpo—como era tradição entre as mulheres essénias—viu uma presença divina que inicialmente não reconheceu como Jesus ressuscitado. Isso deve-se ao facto de que, no processo de ressurreição, muitas vezes ocorre um rejuvenescimento extraordinário. Vários discípulos não reconheceram imediatamente o Jesus ressuscitado, o que deu origem a lendas que afirmam que a sua aparência às vezes era apenas semelhante à de antes. Além disso, no meio da dor e do luto, alguns podem ter tido visões devido ao seu estado emocional intenso.

O corpo que passou pela ressurreição sofreu uma transformação que representava a própria essência do Cristo ressuscitado. Aqui encontramos

pistas para compreender a fisiologia da união completa entre mente, corpo e espírito.

A capacidade de reconhecer alguém num estado regenerado, após a expectativa de um encontro físico com essa pessoa ter sido alterada, explica parte da perceção do Jesus ressuscitado. Por exemplo, naquela sociedade não seria incomum que uma pessoa doente, ao recuperar, parecesse mais rejuvenescida. Se alguém tivesse visto essa pessoa pela última vez num estado de sofrimento extremo e depois a encontrasse restaurada e revitalizada, poderia não reconhecê-la de imediato.
Assim, como a última imagem que tinham de Jesus era a de alguém espancado, humilhado e morto, a sua nova aparência regenerada e cheia de vitalidade fez com que muitos não o reconhecessem à primeira vista, pois o seu corpo ainda estava a passar pelo processo de regeneração divina.

(Então essas aparições não foram meras visões ou ilusões, mas observações reais e oculares, certo?)

João: Correto. Há muito tempo, por meio das alquimias humanas e agora através da ciência, busca-se o poder e a capacidade de regenerar o corpo físico. Muitos já não consideram isso um mito, mas uma capacidade [real] da fisiologia ou da biologia.

A busca pelo poder da regeneração do corpo físico tem sido um objetivo da alquimia e, mais recentemente, da ciência. Hoje, essa capacidade já não é vista apenas como um mito, mas como algo possível dentro da biologia e fisiologia.

No entanto, para Jesus, o objetivo não era a imortalidade física, pois sabia que o corpo físico pode ser transformado em energia ou puro espírito. O seu propósito final era curar a morte, ou melhor, curar o medo da morte, para que os grandes feitos da humanidade pudessem se concretizar sem a limitação imposta pelo temor do fim da vida.

Jesus pode ser visto como aquele que fez um sacrifício para curar a morte. A salvação acontece não pela crucificação, mas pela ressurreição, que representa a verdadeira vitória. Embora tenha assumido sobre si a dor do mundo, ele não fez julgamentos, tornando-se, assim, digno da vida e, consequentemente, da ressurreição.

Resumo

História

Judas era um amigo antigo de Jesus, de grande inteligência e formação essénia, mas as adversidades forçaram-no a tornar-se cobrador de impostos e a envolver-se com os zelotes. Ele amava profundamente Jesus e tentou protegê-lo, mas os seus esforços falharam devido às suas expectativas materialistas sobre o Messias. Jesus sabia o destino de Judas, mas não pôde impedi-lo.

Judas reencarnou cerca de 1400 anos depois como Leonardo da Vinci, vivendo uma vida criativa e bem-sucedida, mas carregando o remorso da sua vida passada. Usou o seu intelecto e dedicação para inspirar a humanidade através das artes e da ciência.

Jesus foi julgado por Pilatos e crucificado. Tinha a capacidade mental de neutralizar os seus tormentos e evitar a dor, mas escolheu não o fazer por compaixão pela humanidade. As suas últimas palavras sobre o abandono foram uma referência aos Salmos. Ele deixou o corpo conscientemente e morreu rapidamente devido à asfixia, sendo sepultado conforme descrito nos Evangelhos.

Antes de ser colocado no túmulo, o seu corpo foi envolvido num longo pano perfumado, posteriormente conhecido como o Sudário de Turim. Este tecido é autêntico, embora a datação moderna tenha sido imprecisa devido à contaminação da amostra testada.

A ressurreição de Jesus ocorreu através da regeneração do seu corpo físico (não apenas uma reanimação), num processo semelhante ao que certos animais usam para regenerar membros. Isso foi possível pela reunificação de corpo, mente e espírito, utilizando forças prânicas (ou chi), que reconstituíram a estrutura celular. A energia ou espírito do Cristo então entrou no corpo regenerado, que apareceu rejuvenescido para aqueles que o viram.

As aparições de Jesus após a ressurreição foram físicas e reais, não apenas visões.

Ensinamentos

- O maior amor é aquele que leva alguém a dar a vida pelos outros. Jesus deu um exemplo poderoso ao fazê-lo pela humanidade.

- A morte física não é o fim da existência, pois a consciência do homem sobrevive à morte. A ressurreição de Jesus demonstrou esse facto, mostrando que o homem pode libertar-se do medo da morte.
- Jesus mostrou que o estado elevado de consciência—o seu reino celestial—continua tanto na vida quanto na morte e pode ser alcançado por todos os seres humanos.
- A graça é um estado contínuo de consciência e prática, devendo tornar-se uma parte viva de cada indivíduo. A justiça e a misericórdia devem prevalecer.
- O plano original da identidade humana manifesta-se através da união entre mente, corpo e espírito, que constitui a realização do Cristo dentro de cada um.

CAPÍTULO 13
A CURA DE TODA A HUMANIDADE

A literatura esotérica afirma que, de tempos em tempos, a Terra é visitada por avatares, mestres ascendidos ou, na terminologia budista, bodhisattvas—seres altamente evoluídos que manifestam uma forte energia espiritual e assumem vidas humanas para ajudar a humanidade na sua evolução. Nos Evangelhos, Jesus não é explicitamente designado como um avatar, mas, ao compará-lo com outros, como Krishna e Buda, que receberam esse título, parece justo considerar que ele também se enquadra nessa categoria, assim como algumas das suas encarnações anteriores.

Seria interessante identificar outros avatares e compreender as suas contribuições para a humanidade. Jesus foi realmente um deles? Com que tipo de energias trabalham e como as ativam nos seres humanos? Como o seu trabalho se encaixa no destino a longo prazo da humanidade?

Cristo e Buda

(Qual é a relação entre a entidade Cristo e outras grandes almas, como Buda, Maomé, Lao-Tsé, Krishna e outros? Existe uma conexão próxima entre o Cristo manifestado em Jesus e as manifestações em outros como Buda, Maomé, etc?)

João: Os mestres ascensionados vieram aqui ensinar-nos que somos da mesma essência do Divino. Pode-se dizer que a natureza búdica e a natureza crística são uma e a mesma. Ambas as tradições falam da realização da identidade

original como um ponto culminante da jornada espiritual. Tanto Buda como Cristo organizaram princípios que ajudaram a civilizar a humanidade.

Tanto Cristo como Buda trouxeram bênçãos para curar elementos da humanidade. No sistema bíblico, o trabalho é considerado uma bênção, um dom do Divino, uma expressão dos talentos individuais. Da mesma forma, no sistema budista, o trabalho correto é visto como um dom que pode levar à iluminação. Assim, em vez de simplesmente comparar os dois sistemas religiosos, o que realmente importa é compreender como a centelha divina ou a natureza original inspira cada indivíduo dentro do seu contexto social e civilizacional.

Por exemplo, alguém dotado de capacidades científicas e observacionais segue um caminho de consciência específico. Cristo, portanto, ajuda a espiritualizar a ciência, para que o conhecimento não seja apenas acumulado, mas aplicado de forma aberta e benéfica. Jesus disse: "Entra no teu quarto, fecha a porta e ora em segredo, e serás recompensado publicamente." Ou seja, abre-te ao Cristo interior e, assim, o ambiente externo e a sociedade serão transformados. Da mesma forma, no budismo, a natureza búdica viva dentro do artesão faz com que ele transcenda o funcional e transforme o seu trabalho em algo espiritual e belo. Aqueles que falam com amor tornam-se inspirados, não para acusar, mas para arbitrar e mediar conflitos.

Dessa forma, Buda e Cristo representam a centelha divina, a identidade original que guia cada ser humano na sua singularidade, conduzindo todos à iluminação e estabelecendo um reino natural de harmonia. Cristo, o ungido, e Buda, aquele que despertou, compartilham um significado comum: ambos representam o estado primordial de união com o Divino.

(E Maomé?)

João: Os profetas manifestaram a sua iluminação de formas diferentes. No caso de Maomé, é importante lembrar que o seu povo ainda estava numa estrutura tribal, semelhante aos primeiros tempos dos hebreus. Ao comparar as ações de Maomé e seus descendentes, percebe-se uma afinidade com Moisés e Josué. Assim, há diferentes estágios na iluminação.

Além disso, Maomé e os seus seguidores são descendentes de Ismael, e sabe-se que Egito e Israel possuem uma bênção especial. A aliança entre esses povos

está profetizada, e a reconciliação entre Ismael e Israel é vista como um paralelo à cura da rivalidade entre Caim e Abel.

Lao-Tsé também atingiu a iluminação, trazendo ensinamentos que refletem essa unidade com o Divino.

AS ÁRVORES DO CONHECIMENTO E DA VIDA

João: Dentro da tradição do Éden, há duas árvores que se erguem no centro [e] que representam "a ordem natural das coisas". São a Árvore da Vida e a Árvore do Conhecimento. A Árvore do Conhecimento é o sushumna central da kundalini, os sete chakras, os sete castiçais do Apocalipse e os sete anjos ou energias das velas—em outras palavras, referências metafóricas aos centros psíquicos da kundalini. Esta é a Árvore do Conhecimento.

Podeis conhecer vossa identidade em relação ao Divino pela abertura desses centros psíquicos. A Árvore do Conhecimento é o meio para acabar com o dualismo no mundo, para compreender que tanto o que é bom quanto o que é mau derivam da mesma energia divina. Aquilo que é mau no mundo é o que se entende por mal: doença, enfermidade e aberração.
Mesmo agora sabeis que febres e sofrimento podem ser parte da cura—ou seja, parte de um paradigma natural que deve alcançar o equilíbrio dentro dos sistemas orgânicos e energéticos.

A Árvore da Vida refere-se a outros centros psíquicos, que muitos não conhecem, [mas que estão] latentes dentro do sistema. Estes são os centros cabalísticos ou sefiróticos. Quando a kundalini está totalmente aberta, então os portais sefiróticos, a capacidade de restaurar a identidade original, também se abrem.
Isso então se refere ao keter, ou coroa, dentro do sistema cabalístico, quando o terceiro olho está tão aberto e luminoso que o transpessoal [se manifesta], liberando todas as energias sutis do corpo [incluindo] a aura, a luz frequentemente vista brilhando ao redor dos santos. A luz ao redor de Jesus na transfiguração mostrou que ele estava então participando da Árvore da Vida. Essa foi a sua unção.
Assim, [o título] Cristo significa "escolhido" ou "ungido". Significa que o keter, a coroa de todos os centros psíquicos e a kundalini, estavam completamente

abertos em sua realização, para que ele pudesse ser elevado e conhecer a comunhão com os santos.
Se quiserdes, este é o estado psíquico natural da humanidade no mundo. Quando [alcançado], então já não estais mais sob a lei, mas tornastes-vos a lei. Se outros pudessem receber esta comunhão, então essas bênçãos se espalhariam como ondas em um lago para toda a humanidade. Mas quando alguém não pode recebê-las, então primeiro deve completar outras formas de serviço.
Assim, o reino de que Jesus falou era a ordem das chamadas energias sefiróticas, até a chamada Malkhud, o reino.

JESUS NUM CONTEXTO UNIVERSAL

(Alguns dizem que a contribuição de Jesus para a humanidade não foi apenas para os homens na Terra, mas para todo o universo criado, incluindo domínios celestiais. Isso é verdade? Se sim, que benefícios ele trouxe para esses outros níveis de existência?)

João: Há muitas almas espalhadas pela diversidade da criação, aquilo a que chamais o universo, que entraram em vários estados psíquicos. A atividade dos seres celestiais foi observada ao longo da história humana, dando origem a evidências da existência em outros planos.

Os Dogon, por exemplo, tinham conhecimento sobre certas origens genéticas que remontam aos tempos da Atlântida, quando os extraterrestres faziam parte da sua ancestralidade celestial. Outras culturas também sabiam que seres celestiais contribuíram para sua linhagem. Nos tempos da Atlântida, falava-se de sete reinos anteriores a Adão, e que a humanidade, naquela época, encontrava-se em um estado de perfeição ou graça, quando a "estrela da manhã" brilhava como uma só. Naquele período, a humanidade tinha plena consciência de outras dimensões, outras esferas de existência e de seres celestiais, mantendo um intercâmbio aberto com aqueles que viajavam entre os universos—o que hoje chamais de consciência extraterrestre.

Essas não são mistérios para aqueles que leem as tradições místicas. Se uma alma, vivendo no plano terrestre, e que já teve esses intercâmbios abertos com outros seres, atingisse esse nível de iluminação, isso marcaria um ponto histórico em que a humanidade poderia, eventualmente, restaurar-se espiritualmente—e, talvez, até tecnologicamente—mas, acima de tudo, espiritualmente, e reassumir o seu devido lugar num universo em crescimento.

Assim como as almas não estão isoladas por continentes ou oceanos, mas formam uma substância unificada, do mesmo modo a Terra não está isolada dentro do universo maior, que contém outros seres conscientes. Assim, se um indivíduo atira uma pedra num oceano, as ondulações afetam toda a superfície. Jesus ensinou: "Se um pardal cai, e o Pai-Mãe Deus cuida dele, quanto mais cuidará de vós?" Da mesma forma, se uma alma cai em algum lugar do universo, todas as almas são de certo modo afetadas até que essa consciência pródiga retorne ao lar.

Se uma alma alcança a cura da morte e se torna uma com o Divino, deixando de sofrer a segunda morte, então todas as "estrelas da manhã" podem novamente brilhar juntas. Assim, o universo se torna inteiro mais uma vez.

O impacto universal de Jesus

(Então, o impacto de Jesus não se restringiu apenas à Terra. Ele abriu o caminho para superar a morte e alcançar a salvação em todos os níveis da existência, assim como fez no plano terrestre?)

João: Correto. Há muitos seres celestiais espalhados pelo universo que questionavam se a Terra, com a sua longa história e todas as suas falhas, poderia algum dia restaurar a sua natureza original. Perguntavam-se se a humanidade, na forma que escolheu para si—o ser humano—poderia algum dia elevar-se novamente a um nível celestial de consciência. Aqueles que duvidavam disso estavam, na verdade, limitados pela sua própria incapacidade de acreditar que o universo poderia ser restaurado.

Se a humanidade conseguir recuperar sua identidade entre os seres celestiais, isso contribuirá para a unificação de todos os seres conscientes no universo.

Jesus pode ter estado ciente desse aspeto universal da sua missão na Terra?

Embora ele não tenha deixado uma declaração clara sobre isso, agora podemos imaginar que ele sabia.

JESUS E A CABALA

(Terás alguma coisa mais a acrescentar a esta longa inquirição, João?)

João: Podemos acrescentar ainda as dimensões da Cabala para compreender os mistérios que Jesus praticava.

Jesus, pode-se dizer, era um cabalista. Ele retirava todo o seu conhecimento e sabedoria da Torá, do Talmude, da Mishná e do Pentateuco, que eram as tradições orais preservadas pelos rabinos.

Antes de mais nada, Jesus era Rabboni, ou **Rabino**, um Mestre. Ele era o profeta que disse: "Eis que vos farei uma nação de sacerdotes." Isso significava que a lei e a aliança seriam gravadas nas mentes e nos corações de todos, para que cada indivíduo pudesse praticar sua própria revelação de maneira única.

Assim, poderiam participar da Árvore do Conhecimento, alcançando o entendimento. E poderiam também tomar parte na Árvore da Vida, que representa os mistérios da Cabala. Com isso, as bênçãos seriam passadas de geração em geração, até que todas as coisas fossem cumpridas e todos fossem curados. Essa era a verdadeira cura da morte e o dom da vida abundante. Isso significava tornar-se a própria lei, em vez de estar sob a lei. Também significava tornar-se filho e filha de Deus, reconhecendo que Deus é Amor.

Dessa forma, o maior mandamento se resumia a dois princípios:
Amar a Deus de todo o coração, mente e alma. Amar o próximo como a si mesmo. Isso resume toda a lei. Assim, cada um deve procurar estar em paz com as revelações que recebe do Espírito. Devemos caminhar na Luz do Pai-Mãe Deus.

Deus vos abençoe. Amém.

CAPÍTULO 14
INTEGRAÇÃO PESSOAL DOS ENSINAMENTOS DE JESUS

"Dentro de vós existem planos estruturais. Sabeis o que estais destinados a realizar, como indivíduos e como povo, como raça, como espécie. Tendes livre-arbítrio. Podeis escolher ignorar esses planos. [...] Transformastes a realidade física em algo diferente do que foi originalmente concebido. Fizestes isso através do uso do vosso próprio livre-arbítrio. [...] A intenção era que

enfrentásseis desafios e superásseis dificuldades, mas sem nunca perder a consciência da vossa realidade interior e do vosso verdadeiro lar. Em grande parte, perdestes essa conexão. Concentrastes-vos tanto na realidade física que ela se tornou, de facto, a única realidade que conheceis." — *Jane Roberts*

Os capítulos anteriores forneceram uma ampla quantidade de informações intuitivas sobre a vida e os ensinamentos de Jesus. Podeis escolher reter esse conhecimento apenas intelectualmente, como um conjunto de ideias interessantes e envolventes. No entanto, isso, por si só, não vos ajudará a expandir a compreensão sobre vós mesmos, sobre o vosso caminho pessoal e sobre a vida humana como um todo, que é o verdadeiro propósito desse conhecimento.

Para aplicardes verdadeiramente esse novo entendimento na vossa própria vida, precisais encontrar maneiras de assimilá-lo e integrá-lo aos vossos valores, princípios e perceções atuais. Esse é agora o nosso objetivo: auxiliar-vos na aplicação e integração pessoal dessas ideias.

No Capítulo 2, recordamos que o propósito principal da informação intuitiva não é meramente informar, mas inspirar. Naturalmente, novos conhecimentos podem ser um precursor da inspiração, assim como podem ser o resultado dela. Sois convidados a ser tanto informados quanto inspirados ao ler este capítulo final. Mais uma vez, lembrai-vos de que as explicações intuitivas apresentadas aqui não são dogmas ou verdades absolutas, mas opções e possibilidades que podeis utilizar para aprofundar a vossa compreensão e desenvolver o vosso próprio sistema de crenças e crescimento pessoal.

Agora, procuraremos reunir os diversos fragmentos de sabedoria intuitiva sobre Jesus e seus ensinamentos, organizando-os em um sistema de pensamento coerente, por vezes chamado de filosofia espiritual. Essa síntese não é apenas uma construção teórica, mas um tipo de perspetiva ampla que já tendes, conscientemente ou não, para organizar vossas experiências pessoais.

Todos possuímos uma visão de mundo que nos permite encontrar nosso lugar dentro da complexidade das possibilidades humanas. Essa visão pode ter sido formada intencionalmente ou de maneira incidental, explícita ou implícita, verbalizada ou apenas sentida interiormente.

A filosofia espiritual aqui proposta não difere fundamentalmente desse processo, mas é construída de forma deliberada. Podeis usá-la como um quadro de referência

para organizar vossas perceções e reflexões sobre as informações intuitivas que recebemos acerca dos ensinamentos de Jesus. Isso permitirá que atribuais significado pessoal a essas ideias e as incorporeis harmoniosamente ao vosso conhecimento já existente.

No mínimo, essa estrutura ajudará a clarificar o propósito pelo qual viveis e o caminho que escolhestes seguir. Isso possibilitará que persigais vossa jornada com mais intencionalidade e menos incerteza ou distração.

O QUE É UMA FILOSOFIA ESPIRITUAL?

Chamamos essa síntese de filosofia espiritual com alguma hesitação, pois ambos os termos são amplos e sujeitos a interpretações variadas.

- Espiritualidade, neste contexto, refere-se à essência do ser humano que transcende a existência física, abordando questões fundamentais como:
    - *De onde vim?*
    - *O que estou fazendo aqui?*
    - *Para onde estou indo?*
    - *Qual é o propósito de tudo isso?*
    - *Quem sou eu?*
    - *Por que coisas ruins acontecem a pessoas boas?*
    - *Por que Deus permite tanto sofrimento no mundo?*
    - *Por que atos maus frequentemente ficam impunes?*

Todos os seres humanos têm o direito de encontrar respostas para essas perguntas.

No entanto, essa síntese não se enquadra na ideia de espiritualidade associada ao misticismo superficial, à superstição, ao espiritismo ou à "magia" da Nova Era. Tampouco se trata de uma visão religiosa convencional, que associa espiritualidade à devoção, ao cumprimento de regras morais e à prática de boas ações—embora essas qualidades sejam valiosas, não constituem, por si mesmas, o cerne da espiritualidade.

- Filosofia, no contexto desta síntese, refere-se a um posicionamento pessoal sobre a vida—uma "filosofia de vida". Não se trata de um estudo acadêmico da filosofia tradicional, que lida com lógica, ética e questões teóricas. Em vez disso, a abordagem aqui adotada busca ser prática e aplicável ao dia a

dia, ajudando a orientar decisões e comportamentos, em vez de permanecer num campo de reflexões abstratas.

-

A IMPORTÂNCIA DE UMA VISÃO ESPIRITUAL INTEGRADA

Cada um de nós já tem uma forma de organizar o mundo dentro da própria mente, seja consciente disso ou não. Esta filosofia espiritual pretende oferecer uma estrutura clara e deliberada, permitindo que cada indivíduo compreenda melhor seu caminho e propósito na vida.

Uma visão integrada e consciente possibilita:

- Maior clareza sobre a própria existência
- Compreensão sobre desafios e sofrimentos como parte do crescimento espiritual
- Tomada de decisões mais alinhadas com o propósito de vida
- Menos reatividade ao acaso e mais proatividade na jornada pessoal

O objetivo final dessa abordagem não é impor verdades absolutas, mas incentivar cada um a explorar sua própria espiritualidade de forma consciente e autêntica.

PRINCIPAIS ELEMENTOS PARA A INTEGRAÇÃO PESSOAL

Para integrar os ensinamentos de Jesus à vida prática, alguns princípios fundamentais podem ser considerados:

1. Reconhecer a centelha divina dentro de si e nos outros
    - Jesus ensinou que o Reino de Deus está dentro de cada um. Assim, nossa verdadeira essência não está separada do Divino.
2. Viver com consciência e intenção
    - Em vez de reagirmos mecanicamente aos acontecimentos da vida, devemos agir com sabedoria, alinhando nossas escolhas ao nosso propósito mais elevado.
3. Compreender o sofrimento como parte da evolução espiritual
    - Os desafios não são punições, mas oportunidades de crescimento e aprendizado.
4. Praticar o amor incondicional e o perdão
    - O amor e o perdão são forças transformadoras que libertam tanto quem perdoa quanto quem é perdoado.
5. Expandir a própria consciência através da busca do autoconhecimento

- O caminho espiritual é um processo contínuo de descoberta e crescimento.

6. Servir ao mundo de maneira alinhada com seus dons e talentos

OS EVENTOS NA VIDA DE JESUS

Primeiramente, é necessário contextualizar a narrativa histórica da vida de Jesus, cujos aspetos específicos foram descritos nos capítulos anteriores. As descrições fornecidas por João estão amplamente alinhadas com os relatos encontrados nos Evangelhos do Novo Testamento, nos textos apócrifos e em algumas escrituras cristãs posteriores. No entanto, apresentam menor concordância com as versões de alguns intuitivos modernos que contestam mais fortemente a tradição cristã, bem como com as interpretações de historiadores religiosos, que tendem a rejeitar o que não pode ser comprovado documentalmente.

João esclareceu diversos pontos e reinterpretou outros de maneira nova e, por vezes, não tradicional, para que pudessem fazer mais sentido para o pensamento contemporâneo. Além disso, trouxe um contexto mais amplo e incluiu eventos adicionais não registrados nos textos escritos, lançando assim uma nova luz sobre a relevância desses acontecimentos em relação aos ensinamentos de Jesus.

Para dar mais profundidade aos ensinamentos, João também incorporou informações de diversas tradições espirituais e filosóficas, como a história judaica, a filosofia védica, o budismo, outras culturas e religiões, e até mesmo princípios da ciência moderna.

O valor essencial desses eventos reside na sua função demonstrativa, servindo como exemplos ilustrativos das ideias centrais que Jesus transmitia. Muito provavelmente, essa foi a intenção original de Jesus ao realizar essas ações— expressar, por meio delas, a essência de seus ensinamentos. Ao vê-los como representações simbólicas, em vez de comportamentos que devem ser necessariamente imitados, é possível compreendê-los no contexto da sua missão sem se perder na questão da sua veracidade factual, a qual permanecerá sempre incerta do ponto de vista objetivo.

Como já mencionado no Capítulo 2, as explicações intuitivas sobre os atos e palavras de Jesus oferecem uma oportunidade para cada um examinar suas crenças atuais sobre os eventos da vida de Jesus e ajustá-las, se necessário, com base em

sua própria intuição e discernimento. João não apresenta suas descrições como mandamentos, nem como verdades absolutas que devam ser aceitas de maneira dogmática. Antes, elas devem servir como ponto de partida para que cada um descubra sua própria verdade interior a respeito delas.

Se desejardes, podeis considerar essa reavaliação dos eventos narrados na vida de Jesus como um exercício preparatório para a compreensão dos seus ensinamentos mais profundos, que serão abordados a seguir.

OS ENSINAMENTOS DE JESUS

A seguinte síntese dos ensinamentos de Jesus é baseada nas descrições apresentadas nos capítulos 7 a 13, complementadas por material retirado do livro anterior de Ryerson, *Spirit Communication*, bem como de algumas passagens não doutrinárias dos Evangelhos do Novo Testamento e de escritos gnósticos, na medida em que estes são relevantes.

Os conceitos e explicações centrais presentes nessas fontes estão alinhados com o melhor da literatura espiritual contemporânea, incluindo os escritos de diversos intuitivos experientes, cujas obras são aqui utilizadas mais pelas suas explicações claras do que pelas ideias em si, uma vez que estas já estão bem representadas nos relatos de Ryerson.

A FILOSOFIA PERENE E JESUS

A Filosofia Perene, apresentada no Capítulo 1, oferece uma base sólida e um ponto de partida adequado para a construção de um arcabouço espiritual. Pode ser considerada um "conhecimento universal", pois é tão atemporal e válido quanto qualquer outra descoberta humana sobre a natureza essencial do ser, a relação do homem com o cosmos e o propósito da existência. Além disso, como já observado, está plenamente de acordo com os ensinamentos mais profundos de Jesus, na medida em que conseguimos compreendê-los.

Vamos revisitar os princípios da Filosofia Perene, agora sob a perspetiva dos ensinamentos de Jesus:

1. Realidade Primordial

- Existem dois planos da realidade: o mundo material, composto por objetos físicos e seres vivos (primeiro plano), e um reino mais sutil e profundo de consciência, mente e espírito (segundo plano).
- O segundo plano não é um oposto do primeiro, mas sua origem, incluindo e transcendendo a realidade física.
- Ele é atemporal, imaterial e não pode ser diretamente percebido pelos sentidos humanos ou por instrumentos físicos.
-

2. Participação
    - Os seres humanos pertencem a ambos os planos da realidade.
    - Somos seres espirituais vivendo uma experiência física, e não o contrário.
    - No centro de cada indivíduo existe uma essência transcendente, um núcleo de consciência que o conecta diretamente à realidade maior da qual faz parte.
    -
3. Acessibilidade
    - Todo ser humano tem a capacidade inata de reconhecer essa essência divina dentro de si.
    - O acesso a essa dimensão ocorre quando a mente está tranquila, aberta e livre de distrações.
    - Esse é o propósito das práticas espirituais autênticas: reconectar a consciência individual à sua fonte divina.
    -
4. Prioridade
    - O maior propósito da existência humana é o reconhecimento da própria natureza espiritual.
    - Atingir essa realização significa descobrir a verdadeira identidade do ser e compreender a sua relação com o Todo.

O primeiro princípio convida-nos a reconhecer a existência do segundo plano da realidade. O segundo princípio afirma que esta realidade não é apenas um conceito distante, mas uma parte integrante da vida humana e da nossa própria existência. Jesus referiu-se a esse segundo plano como o Reino dos Céus, uma metáfora apropriada para o seu público do primeiro século, pois este já compreendia tanto a autoridade dos reis e reinos quanto a noção judaica do Céu como um destino divino.

O terceiro princípio confirma que cada pessoa pode alcançar essa realidade maior. Jesus enfatizou essa capacidade e demonstrou-a em sua própria vida, vivendo em

plena sintonia com essa dimensão espiritual. Ele encorajou seus seguidores a reconhecerem essa verdade dentro de si mesmos.

O desafio está em não ver essa ideia apenas como um conceito abstrato, mas como algo real e significativo para o próprio crescimento pessoal.
O ensinamento central de Jesus pode ser resumido nesta afirmação:
"O Reino de Deus está dentro de vós."

Ou seja, a iluminação, a plenitude e a verdade última não estão fora, mas dentro de cada um.

Se não for possível, no momento, atualizar deliberadamente a sua capacidade de alcançar o segundo plano, esteja certo de que terá muitas oportunidades de fazê-lo ao longo da sua vida. Essa conexão está inerente ao seu próprio ser, nutrindo-o e atraindo-o—não há como evitá-la! Práticas para facilitar o reconhecimento desse impulso serão discutidas mais adiante neste capítulo.

O quarto princípio expressa o significado e o propósito que surgem dessa necessidade interior. Ele é uma consequência quase automática dos três primeiros princípios quando são aceitos e priorizados em seus valores. Suas escolhas de vida, então, se moldarão de acordo com eles. Jesus pediu o mesmo aos seus seguidores: "Buscai primeiro o seu reino", etc.

Se for capaz de aceitar genuína e plenamente esses quatro princípios, então já estabeleceu a base mais sólida possível para a sua filosofia espiritual pessoal. Se ainda não o fez, pelo menos agora sabe para onde deve direcionar sua atenção e energia.

Criação e Crescimento do Ser Humano

"Passo o dia todo pensando nisso, e à noite eu digo. De onde vim e o que devo estar fazendo? A alma vem de outro lugar, tenho certeza disso, e pretendo acabar voltando para lá. [...] Não vim para cá por vontade própria, e não posso partir dessa forma. Quem me trouxe aqui terá de me levar para casa." — *Rumi*

O próximo passo para incorporar os ensinamentos de Jesus à sua vida é compreender quando, onde e como sua existência começou, como o seu crescimento enquanto ser consciente ocorre dentro do Universo maior (ou Realidade), e as leis

fundamentais que regem esse processo de desenvolvimento. Precisamos refletir sobre essas questões para obter clareza.

De Onde Viemos?

João explicou no Capítulo 11 que a existência de cada indivíduo no grande Universo teve início no "reino angélico", que podemos entender como o segundo plano da realidade. A sua origem se deu como uma essência ou Eu Superior, ou ainda como uma alma, no sentido mais profundo dessa palavra frequentemente mal utilizada.

A essência de cada ser pode ser compreendida como uma semente, faísca, fragmento ou emanação da Fonte Criadora de tudo—a qual podemos chamar de Deus, embora devamos, por ora, manter esse conceito abstrato e evitar personificá-lo.

O ponto essencial é que essa Fonte Criadora tem a capacidade de se reproduzir sem se diminuir. Cada semente contém todos os atributos essenciais da Fonte, mas apenas em um estado potencial e não desenvolvido, similar ao que o DNA representa para um organismo vivo. Em todos os outros aspetos, essa essência é livre e independente, tanto da Fonte quanto de todas as outras essências criadas. Podemos nos perguntar quais são esses atributos essenciais, mas três deles são certos:

1. Essa essência é a sua verdadeira identidade, quem você realmente é, distinta do seu corpo, cérebro e personalidade.
2. Ela possui um vínculo intrínseco e indissolúvel com a Fonte e uma necessidade natural de retornar a ela.
3. Ela possui um imenso livre-arbítrio para decidir como percorrer esse caminho de retorno.

A sua essência evolui ao longo de uma vasta sequência de experiências até atingir um nível de onisciência, onipotência e perfeição semelhante ao da sua Fonte. Eventualmente, funde-se novamente com essa Fonte, embora o significado e a natureza desse processo ainda permaneçam um mistério.
Esse é o padrão e o processo fundamental de toda a vida humana, incluindo a sua.

Sua essência está parcialmente consciente desses atributos e desse caminho evolutivo, mas a personalidade correspondente, ou seja, o seu "eu" consciente,

normalmente não está. No entanto, essa consciência se expande à medida que a essência evolui.

A Lei Natural

O crescimento da sua essência ocorre dentro de um grande ambiente cósmico, que chamamos de Realidade—a totalidade da criação da Fonte, incluindo a matéria, energia, espaço, tempo, suas combinações e manifestações, bem como todas as demais essências em evolução. Se essa criação se estende além do universo físico como o conhecemos, não temos consciência disso. Mas sabemos que essa Realidade é imensa, onipresente, onisciente, permanente, imutável e inevitável. O segundo plano mencionado anteriormente é a parte dessa Realidade que conseguimos perceber e alcançar.

Todas as mudanças e evoluções ocorrem de acordo com os princípios fundamentais dessa Realidade, que chamamos de Lei Natural—"a ordem cósmica das coisas", "o modo como tudo funciona", também referido, ainda que de forma imprecisa, como a "vontade de Deus".

A existência da Lei Natural decorre do primeiro princípio da Filosofia Perene, mas seus detalhes são descobertos ao longo do tempo. Ela inclui as leis físicas que regem o mundo material: atração e repulsão, movimento e mudança, interação contínua, troca de energia, causa e efeito. Também se manifesta no princípio universal segundo o qual as mesmas leis se aplicam a todos os níveis da existência, apenas em formas diferentes—"Assim na terra como no céu".

No centro dessa Lei Natural está o funcionamento do amor como força universal de atração e conexão entre todos os seres—uma força comparável à gravidade no universo material. É por isso que se diz: "Deus é Amor".

Conforme evoluímos, aprendemos gradualmente a compreender e a viver de acordo com essa Lei Natural.

Estamos Separados ou Unidos?

Como cada essência possui um vínculo intrínseco com a Fonte Criadora, e compartilha os mesmos atributos básicos de todas as demais essências, estamos profundamente conectados com toda a Realidade e com todos os outros seres criados.

Aqui se resolve a aparente dualidade entre Deus e o ser humano: não estamos separados da Fonte, mas unidos a ela por essa conexão essencial. Somos Todos Um, mesmo que ainda não tenhamos plena consciência dessa unidade e pareçamos distintos. Cada essência cresce de maneira única, pois cada caminho evolutivo é singular.

Mais importante ainda: Deus e a Realidade Natural não são externos a nós, mas estão dentro de cada um de nós. Jesus compreendia isso plenamente e ensinou essa verdade de diversas formas.

Isso significa que a nossa essência é, em seu potencial, ilimitada. Possuímos o mesmo poder de expansão da Fonte da qual viemos. Isso inclui, acima de tudo, o livre-arbítrio para tomar decisões sem interferência externa—um grande presente, mas também uma grande responsabilidade.

Livre-Arbítrio e Sofrimento

Aqui se encontra a resposta para o antigo mistério: por que Deus "permite" tanto sofrimento no mundo?

A Fonte Criadora permite tudo no processo evolutivo. O sofrimento surge quando o ser humano, em sua consciência limitada, escolhe agir sem considerar a Lei Natural.

Ao decidir conduzir sua vida e interferir na vida alheia sem respeitar essa ordem cósmica, gera para si e para os outros as consequências de suas ações. Esse é o verdadeiro significado do conceito de karma—não uma punição externa, mas a simples consequência natural das escolhas feitas.

O sofrimento, portanto, não é uma condenação divina, mas um mecanismo de aprendizado. Ele existe para ensinar o ser humano a alinhar-se com a Lei Natural e, assim, transcender suas próprias limitações.

Essa é a grande jornada da essência: reconhecer sua verdadeira identidade, harmonizar-se com a Lei Natural e, gradualmente, retornar à sua Fonte.

O sofrimento humano nada mais é do que o resultado de sua resistência inconsciente, mas "escolhida", em seguir a Lei Natural. O sofrimento não tem outra causa. Além disso, cada passo dado no aprendizado de viver de acordo com a Lei

Natural reduz o sofrimento. O sofrimento nunca é imposto externamente como punição, mas é sempre autogerado, ainda que normalmente apenas nos níveis profundos da consciência. Mesmo suscetibilidades, acidentes e o "destino" são inadvertidamente escolhidos pela essência como experiências de aprendizado necessárias.

Então, como sua existência material é organizada?

Sua essência (e toda essência) evolui por meio de muitos passos, estágios e níveis. Essa longa sequência inclui uma série de incorporações físicas no que conhecemos como a vida terrena, o primeiro plano da realidade. O propósito dessas incorporações é permitir que a essência passe por um crescimento e aprendizado para os quais o ambiente terrestre, incluindo outros humanos encarnados, é mais adequado. As mudanças ocorridas no nível da Terra refletem-se para cima em mudanças correspondentes no nível da essência.

Antes de cada uma de suas vidas físicas, sua essência (no segundo plano) escolhe um propósito de vida e um conjunto de circunstâncias terrenas apropriadas ao que deseja aprender em seu estágio específico de crescimento—como planejar um próximo semestre na faculdade. Ela se alinha com um veículo físico adequado, gênero e família; escolhe uma localidade, cultura, período de tempo e conjunto de circunstâncias terrenas consistentes com sua missão; e organiza oportunidades e desafios a serem vivenciados. Esses elementos formam uma espécie de plano-base, que pode ou não ser seguido por sua consciência encarnada. Sua essência também molda um ego (identidade temporária, autoconceito, eu inferior) para permitir que funcione no mundo mais restrito do espaço, do tempo e da matéria.

Vivendo uma vida na Terra

Depois de nascer no primeiro plano da realidade, você vive sua vida mais ou menos de acordo com seu plano-base para a missão escolhida, as condições terrenas e a personalidade baseada no ego. Você aumenta sua consciência da Lei Natural ao fazer escolhas, colocá-las em prática, experimentar as consequências—agradáveis ou dolorosas—e então refazer suas escolhas quando possível. A cada pequeno passo, você corrige seus erros por meio de um processo de tentativa e erro, expande sua consciência um pouco mais e, assim, reduz seu desconforto ou sofrimento e fortalece sua essência.

Quando sua vida terrena chega ao fim, seu corpo e cérebro se dissolvem (morte) e sua consciência terrena retorna à sua essência no segundo plano. Lá, ela se recupera, revisa sua experiência na Terra e se prepara para a próxima encarnação. Esse ciclo se repete em todas as vidas subsequentes, permitindo que você cresça gradualmente e entre em maior harmonia com a Lei Natural.

A espécie humana

Em qualquer momento da história, a população da Terra é composta por uma ampla diversidade de bilhões (!) de essências encarnadas em diferentes níveis de evolução, desde "almas infantis" recém-criadas até almas antigas quase concluindo seu ciclo de aprendizado terrestre. A maioria das pessoas encontra-se entre esses dois extremos. Mesmo dentro de um único nível de evolução, há enormes diferenças entre os indivíduos e seus comportamentos, devido à variedade de lições que estão sendo aprendidas. A vida na Terra é, de fato, como uma "escola de sala única". No entanto, graças ao planejamento prévio, as complexas interações entre os indivíduos funcionam de maneira surpreendentemente eficaz, pelo menos para o crescimento, se não sempre para o conforto.

A maioria dos seres humanos encara a morte com medo e tragédia porque acredita que ela é o fim de sua existência. A vida física de fato termina, mas a essência continua existindo indefinidamente. Jesus sabia disso quando prometeu a imortalidade às pessoas, embora poucas tenham compreendido o significado mais profundo de suas palavras.

O assassinato não é errado apenas porque destrói o corpo de outra pessoa, mas porque viola a liberdade de escolha da vítima de viver como deseja. Muitas vezes, ele ocorre como uma opção por meio de um acordo no nível da essência, e tanto o assassino quanto a vítima aprendem com a experiência. Essa visão oferece uma nova perspectiva sobre o que realmente é prejudicial aos outros, especialmente para aqueles que dependem de nós, como crianças, doentes e idosos: devemos conceder-lhes o máximo de liberdade de escolha possível, desde que compatível com o cuidado amoroso.

O que se mantém de uma vida para outra?

Todas as lições, tanto as já aprendidas quanto as que ainda precisam ser aprendidas, são retidas pela sua essência de uma vida para outra através do

princípio do karma, que é a lei inviolável da continuidade, do retorno ou da causa e efeito: "O que o homem semear, isso também colherá."

As lições aprendidas por meio do alinhamento com a Lei Natural são mantidas como ativos e fortalezas. Aquelas ainda não aprendidas, devido à ignorância ou transgressões contra a Lei Natural, permanecem como "dívidas kármicas", incentivando novos aprendizados. O princípio do karma não é mais complicado do que isso.

A maioria das dívidas kármicas envolve relacionamentos com outras pessoas. Muitas relações entre essências são frequentemente renovadas de vidas anteriores para facilitar o processo de aprendizado, de forma recíproca. No período de planejamento antes do nascimento, essências intimamente ligadas podem se reunir e concordar com os tipos de interações que beneficiarão ambas na próxima encarnação.

O agressor e a vítima podem inverter os papéis, assim como outras polaridades complementares: masculino-feminino, pai-filho, mestre-escravo, sábio-ignorante, rei-camponês e assim por diante. Inteligência, beleza física, criatividade, liderança e posição social são escolhidas de acordo com as lições que precisam ser aprendidas e não são, por si só, indicadores de crescimento da essência. Sofrimento, morte precoce e até mesmo deficiências físicas e mentais podem ser escolhidos conscientemente, especialmente por almas mais antigas, para preencher as últimas lições restantes.

O princípio do karma explica por que não se pode julgar a justiça ou injustiça da riqueza, da fama, da desgraça, da longevidade ou da morte prematura com base apenas em uma única vida. A evolução global da essência precisa ser considerada. Todas as ofensas são equilibradas à medida que os ofensores experimentam por si mesmos as consequências do que fizeram aos outros no passado, sempre de acordo com a Lei Natural. Não existem consequências "ruins" ou karma "ruim". Tudo faz parte do processo.

Em cada encarnação, os detalhes das vidas anteriores costumam ser ocultados da mente consciente para que a pessoa possa se concentrar em sua missão atual sem distração ou medo. (Você consegue imaginar viver sua vida atual com a culpa por ter torturado alguém ou com a memória ativa de ter sido torturado?) Ainda assim, essas memórias estão sempre acessíveis se houver um desejo profundo de

recordá-las e se a pessoa estiver preparada para lidar com elas e aprender com elas. Eventualmente, todas serão conhecidas; a essência não guarda segredos.

Nenhuma experiência é perdida até muito tempo depois de se tornar irrelevante—e talvez nem mesmo então.

Ferramentas para aprender as lições da vida

O principal elo com a sua essência verdadeira é a sua mente, que é o instrumento fundamental para o crescimento. Ela é sua principal ferramenta, pois determina até que ponto sua essência (Eu Superior) em vez do ego (eu inferior) governa suas escolhas de vida e aprendizado. No entanto, ao mesmo tempo, a mente pode ser a principal barreira ao crescimento, devido à sua tendência de resistir às experiências necessárias, colocando crenças e preconceitos acima do verdadeiro conhecimento.

A mente regula sua fala e comportamento por meio do cérebro, da memória, do intelecto, dos sentidos e de outros instrumentos do corpo físico. Mais importante ainda, ela determina como sua consciência, impulsionada pela essência, se expressa através de seus pensamentos, emoções, desejos e intenções, que são os impulsos fundamentais para suas ações.

Essas escolhas essenciais, por sua vez, são governadas pela maneira e pelo grau em que o amor, em seu sentido mais amplo, é dado e recebido. Pois o amor é a energia ilimitada e sempre presente que possibilita todo o crescimento. Você não o cria, mas decide, por meio de sua mente, como ele será expresso e aplicado.

O tempo e o espaço são qualidades do ambiente terrestre. A essência os transcende e percebe todas as interações e eventos como adjacentes (onipresentes) e imediatos (eternos). Eles são dirigidos pela consciência da essência no segundo plano. São experimentados na Terra por meio da maneira como você escolhe usar sua intenção e atenção. É essa dualidade que torna a vida um desafio contínuo e verdadeiramente "interessante."

Conectando-se com a Essência

As conexões mentais mais fortes disponíveis entre você e sua essência são: a oração, para autoexpressão e devoção; a intuição, para comunicação e recetividade; e a prática da atenção plena, para sintonia e resolução.

Para que sejam eficazes na construção de uma ponte entre os dois planos, todas essas práticas exigem uma atitude de abertura pessoal, intenção e entrega. Elas contrastam com rituais, busca por aprovação, expectativa de intervenção divina, ganho egoísta e necessidades e recompensas baseadas no ego.

A oração é mais benéfica quando é exclusivamente pessoal e realizada com uma intenção totalmente recetiva (não movida pela cobiça). Jesus disse: "Quando orares, entra no teu quarto, fecha a porta e ora a teu Pai que está em secreto."
A intuição é mais eficaz quando a mente está treinada para perguntar e receber conhecimento com inocência, serviço e ausência de julgamento. Jesus funcionava intuitivamente quando "comungava com Deus."

A atenção plena é aprendida melhor por meio do silêncio mental e de um senso desenvolvido de paz, mais facilmente encontrado na natureza e na solidão, mas que pode ser incorporado à vida cotidiana para um grande benefício pessoal.
Para onde essa série de vidas está te levando?

À medida que você se aproxima do estágio final da ampliação da sua consciência, começa a reconhecer sua essência conscientemente como seu verdadeiro Eu e tudo o que isso implica. Sua crescente consciência do segundo plano dissolve a dualidade, a separação ilusória entre mente e essência. Sua história essencial (vidas passadas) torna-se relevante e trechos dela podem ser lembrados.
Uma primeira perceção da eternidade (atemporalidade) surge, e sua continuidade após a morte (imortalidade) torna-se conhecida com certeza interior.

À medida que seu crescimento progride, seu alinhamento com a Lei Natural permite que você se entregue cada vez mais a ela, inserindo-se profundamente dentro dela. Você experimenta diretamente a divindade dentro de si e nos outros seres. Você ganha acesso ao vasto reservatório de conhecimento da mente supraconsciente (onisciência), que antes estava oculto. O amor incondicional é vivenciado, junto com uma profunda alegria e união de corpo, mente e espírito.

Eventualmente, sua essência não precisará mais de vidas terrestres, e você poderá passar para um nível mais elevado de experiências de aprendizado, um passo mais próximo da Fonte de onde veio. É isso que sabemos. O que está além do estado de consciência do segundo plano não pode ser facilmente descrito.
Esse estágio final de expansão da consciência tem sido reconhecido há muito tempo em todas as grandes culturas do mundo.

Ele é chamado por muitos nomes: despertar, iluminação, iluminação divina, autorrealização, samadhi, nirvana, unio mystica, entrada no Reino dos Céus, entre outros. Embora geralmente seja descrito como um evento súbito e um destino a ser alcançado, há indícios de que seja, na verdade, um processo contínuo e gradual de criação, e não necessariamente repentino. Dependendo das definições, também pode ser infinito, simplesmente porque a Fonte misteriosa com a qual a essência finalmente se funde é, em si, o maior dos processos criativos, indescritível em detalhes a partir do nosso nível de compreensão.

Temos bons motivos para acreditar que Jesus experimentou essa profunda transcendência, provavelmente em seu batismo, mas pelo menos em algum momento antes de sua morte. Se entendermos corretamente suas palavras, ele não precisa mais de vidas na Terra, e ele "retorna" como a energia do Cristo para aqueles que o convidam.

Execução Prática

"Que seres estranhos somos nós! Sentados no inferno, no fundo da escuridão, temos medo de nossa própria imortalidade... Você senta aqui por dias dizendo: Isso é um negócio estranho. Mas você é o negócio estranho. Você tem a energia do sol dentro de você, mas continua a bloqueá-la na base da sua coluna vertebral." – Rumi
Armado com a Filosofia Perene e com essa base de entendimento sobre sua origem, seu ambiente de crescimento, seus meios de crescimento e a Lei Natural, você agora está pronto para o aspeto prático da integração desses ensinamentos à sua vida cotidiana—não apenas como pensamentos vagando dentro da sua cabeça, mas realmente vivendo-os!

Os princípios fundamentais não precisam parecer estranhos. Eles se assemelham ao mesmo processo pelo qual você (e todas as pessoas) cresceram até a idade adulta. Desde a infância, você aprendeu, passo a passo, a reconhecer, aceitar, identificar-se e submeter-se a valores e propósitos superiores aos quais antes não estava acostumado. Você fez isso automaticamente e, pode-se dizer, em grande parte de forma inconsciente.

A única diferença agora é que você fará isso conscientemente e com maior consciência do que está fazendo. Você estará intencionalmente dando um passo em direção à consciência superior do segundo plano e à sua verdadeira identidade.

Os princípios centrais que orientam essa integração foram apresentados anteriormente:

- Livre arbítrio e responsabilidade
- Causa e efeito (karma)
- O amor como a grande força unificadora
- Dar e receber
- Perdão e ser perdoado
- Continuidade entre os planos ("assim como acima, abaixo")
- Continuidade através do espaço e do tempo

O processo funciona basicamente assim: à medida que você tenta aplicar cada princípio na sua vida, perceberá como sua aceitação está sendo retardada ou bloqueada por atitudes ou crenças que você mantém sem perceber. Isso dá início ao trabalho de eliminar esse bloqueio.

Ao mesmo tempo, seu impulso interno contínuo de crescimento e expansão mantém sua motivação e o ajuda a reconhecer, gradualmente, seu lugar na ordem cósmica:

- Como você veio a existir
- O caminho que está seguindo
- Como se encaixa no ambiente cósmico
- Como pode se alinhar melhor com a Lei Natural

Esse reconhecimento culmina em uma maior compreensão do seu propósito de vida, o que, por sua vez, o liberta para seguir um novo curso para seu crescimento contínuo, tanto no dia a dia quanto a longo prazo.

Você pode já estar sutilmente ciente desse propósito na sua vida, mesmo que não o veja claramente ou não consiga verbalizá-lo bem. No entanto, quanto mais consciente ele se tornar, melhor você poderá confiar nele como algo pessoalmente válido, tomar decisões firmes baseadas nele e avançar em seu crescimento sem dúvida ou hesitação.

Essa é a clareza buscada, que acompanha a aplicação da estrutura espiritual apresentada acima.

Se tudo o que você fizer for dar esse primeiro passo intencional, já estará muito à frente da maioria das pessoas, que escolhem não pensar sobre essas questões.

Elas vivem na ignorância, sem perceber como essas leis estão moldando seus pensamentos, decisões e, consequentemente, toda a sua vida.
O crescimento delas é reacionário e esporádico, com muitos desvios desnecessários—e, geralmente, bastante doloroso.

Anseios, Valores e Ideais

Ao longo da longa jornada de múltiplas vidas rumo ao despertar, sua essência segue seu próprio caminho único. Ela se mantém nesse caminho ao se alinhar, de cada vez, a um ou alguns atributos específicos de crescimento, razão pela qual empreende sucessivas encarnações físicas. Durante a maioria de suas vidas, há muitas opções para escolher; não há uma ordem fixa para o aprendizado das lições. As qualidades selecionadas antes do nascimento normalmente se expressam apenas de forma parcial e consciente, como impulsos ou anseios sentidos, uma versão atenuada da plena consciência da essência.

Toda a sua orientação em relação às experiências de vida é governada por esses anseios. Eles são ativos e conscientes em maior ou menor grau, dependendo de como e se você escolhe reconhecê-los, se relacionar com eles e aceitá-los. Você provavelmente pode identificar, neste momento, um ou mais anseios de longo prazo que persistiram ao longo de sua vida.

Sua mente traduz esses anseios em um conjunto de valores superiores, ideais ou uma visão com os quais você pode se identificar e para os quais pode crescer. Embora possam ser sutis e sublimes, são, no entanto, irresistíveis. Uma vez aceitos a partir de sua essência, não é fácil fugir deles.

Você pode, a qualquer momento, formular conscientemente seus ideais e valores pessoais—primeiro aqueles pelos quais você já vive e, depois, aqueles que gostaria de revisar e elevar a um nível mais alto, mais condizente com o propósito de sua vida e com sua compreensão atual da Lei Natural. Você não precisa criá-los, pois eles já residem em sua essência. Sua tarefa é apenas refleti-los para sua consciência presente e traduzi-los em atividades contínuas. Observe que eles servem apenas como guias; ou seja, eles estabelecem direção, estimulam motivação e ajudam a definir prioridades. Eles não são metas a serem alcançadas de fato. Nem precisam ser completamente compreendidos por sua mente pensante, mas apenas reconhecidos e utilizados.

Objetivos e Tarefas

Uma vez que esses valores e ideais estejam conscientemente estabelecidos, eles impulsionam quase automaticamente uma reação em cadeia de expressão específica, começando por um conjunto de objetivos de longo prazo. Eles permitem que você concentre conscientemente suas energias vitais, atividades e decisões, sem desvios ou concessões. Podem ser vistos como os papéis que você desempenha com sua personalidade e no drama de sua vida atual.

Papéis típicos incluem: servir aos outros, seja indivíduos necessitados ou a humanidade como um todo; ser criativo e expressivo na comunicação ou na ação; atuar como líder ou seguidor; ser um explorador ou buscador de conhecimento; e buscar, com devoção, uma conexão mais forte com sua Fonte. Esses papéis geralmente perduram ao longo da vida, mas podem mudar na meia-idade, caso você cresça além deles ou se as intenções de sua essência se modificarem.

Esses objetivos de longo prazo se traduzem, por sua vez, em metas e tarefas de curto prazo que você escolhe realizar de fato—não apenas trabalhar em direção a elas. Metas exigem compromisso e esforço conscientemente gerenciado, além de implicarem mudanças de curto prazo em seus interesses e comportamentos diários (ao longo de meses ou anos). Elas podem incluir práticas regulares para manter um vínculo contínuo com o segundo plano e lidar com obstáculos intelectuais e emocionais.

O resultado final da aceitação desses objetivos e da realização dessas tarefas é o enraizamento de sua vida em um modo de existência significativo, amoroso, alegre e gratificante, com uma consciência mais ampliada e controle maior do progresso rumo a um nível superior de consciência—eventualmente, ao estado de despertar mencionado anteriormente.

Atitudes e Comportamentos

As metas que você seleciona consistem, principalmente, em esforços para mudar atitudes, crenças e comportamentos que você adquiriu ou adotou ao longo da infância e dos anos seguintes. A maioria dessas mudanças ocorre por meio de interações com outras pessoas, e o restante, de forma mais independente. Se você não fizer nenhum esforço, essas mudanças acontecerão de qualquer forma, automaticamente e com o tempo, mas esse processo pode ser lento e doloroso

tanto para você quanto para os outros. É melhor saber o que você está tentando fazer e seguir adiante com intenção.

A maioria dessas tentativas deliberadas de mudança está incluída nas diretrizes específicas que Jesus deu a seus apóstolos e seguidores para viver uma vida justa. Algumas outras, mais adequadas ao mundo moderno, derivam delas.

Os esforços para lidar com atitudes e comportamentos que impactam outras pessoas incluem:

- Esforçar-se para amar a Deus e a todos os seus semelhantes
- Servir aos outros com sinceridade e generosidade
- Tratar os outros como você gostaria de ser tratado
- Perdoar os outros por seus erros, sem condições
- Praticar a não-violência, a não-culpabilização, a não-vingança e a paz pessoal
- Ser compassivo, misericordioso e curador para todos
- Ser honesto, justo e responsável em seus relacionamentos
- Ser tolerante (não julgador) e paciente com os outros
- Ensinar a retidão pelo exemplo
- Comportar-se de maneira inofensiva, respeitando o livre arbítrio dos outros

Os esforços para lidar com atitudes e comportamentos que impactam você mesmo incluem:

- Buscar apenas o Reino de Deus/consciência superior
- Cultivar fé, confiança e alinhamento com Deus
- Nutrir o amor por si mesmo, por Deus e por toda a vida
- Permanecer aberto e recetivo a novos conhecimentos e experiências
- Buscar a verdade e sempre viver de acordo com ela (Lei Natural)
- Focar a consciência no presente (não no passado ou no futuro)
- Ser grato, humilde e paciente consigo mesmo
- Permanecer simples, calmo, sereno e em paz
- Praticar devoção e oração
- Almejar valores e "recompensas" celestiais, não materiais
- Assumir responsabilidade por suas intenções e escolhas
- Perdoar a si mesmo por seus erros
- Aceitar sem resistência aquilo que não pode mudar

Se você é alguém que prefere focar deliberadamente seus esforços no desenvolvimento de características específicas, pode usar essas duas listas como referências para identificar onde colocar sua atenção em seguida.

Uma opção é formular, por conta própria, os argumentos e razões por trás das tarefas às quais se compromete, para que possa sempre ter certeza de que são corretas para você e dignas de seu esforço.

Outra alternativa é escolher algumas dessas virtudes aleatoriamente, assumindo que não há erro possível, pois todas são valiosas. Em qualquer caso, pode ser útil recorrer a recursos externos indicados no Apêndice A.

Se você não deseja se prender a essa análise detalhada das possibilidades de crescimento, pode preferir simplesmente viver plenamente e amorosamente, aceitando suas lições à medida que surgem na vida diária—mesmo que, às vezes, elas sejam dolorosas. Esse caminho também é válido, embora mais lento e descontrolado.

Obstáculos

Uma abordagem alternativa é focar-se intencionalmente nos obstáculos pessoais ao crescimento e superá-los um a um. Essa estratégia pode ser útil para aqueles que preferem enfrentar os desafios diretamente, em vez de simplesmente cultivar qualidades positivas.

Os obstáculos geralmente se revelam indiretamente, por meio de seus efeitos

perturbadores na vida diária:

- Conflitos nos relacionamentos mais próximos (cônjuges, pais, filhos, amigos, figuras de autoridade, etc.)
- Atividades que não estão funcionando conforme o esperado
- Solidão, depressão ou desesperança
- Condições mentais ou físicas mais graves

Como sua natureza é separadora, os obstáculos sempre induzem algum grau de sofrimento, tanto em você quanto nas pessoas ao seu redor. Esse sofrimento é um sinal claro de onde sua atenção precisa ser focada.

Se escolher trabalhar em seus obstáculos, aqui está outra lista de verificação que pode ajudá-lo a identificar alguns deles em si mesmo:

egoísmo
ressentimento
culpa/vergonha
raiva
arrogância
sentimento de superioridade
luto/perda
dúvida
impaciência
autopunição
julgamento
ódio
intolerância
ciúme/inveja
vingança
ganância
hipocrisia
autodepreciação
solidão
negatividade
desonestidade
idolatria ... e outros.

Jesus indicou que os obstáculos surgem de uma separação voluntária da pessoa em relação a Deus—ou seja, do afastamento da ordem natural das coisas, da própria essência, do segundo plano ou da Lei Natural. Cada obstáculo é uma única faceta dessa separação escolhida. Ele é normalmente reforçado à medida que a pessoa se acomoda a ele e encontra justificativas aparentes para sua existência, de modo que, com o tempo, a separação parece natural.

Isso é semelhante a se tornar viciado, ganhar peso ou ceder a maus hábitos; logo, a pessoa se adapta à sua condição e esquece que rejeitou outras opções. Você provavelmente está consciente de alguns de seus obstáculos, embora os mais sérios normalmente residam fora da consciência cotidiana. Para lidar com eles, você deve primeiro encontrar uma maneira de identificá-los e aceitar (não negar) sua

presença. Em seguida, deve assumi-los como algo autogerado e iniciar o esforço para removê-los.

Os obstáculos são normais e profundamente humanos, é claro. Eles são simplesmente os aspectos mais incômodos do processo constante de aprendizado. Você nunca precisa sentir culpa ou se julgar por eles, e ninguém mais tem o direito de julgá-lo. Na verdade, culpa e autopunição são apenas outros obstáculos.
Um livro inteiro poderia ser escrito sobre os muitos possíveis obstáculos humanos ao crescimento e as várias maneiras de removê-los da vida. Mas existe um caminho melhor...

Um Obstáculo Principal

"Todas as dificuldades surgem do medo, consciente ou inconsciente. O medo é o oposto do amor, no sentido de que, onde há medo, a capacidade de amar é bloqueada. O medo é, na verdade, uma ilusão, mas o amor é real. Nossa principal tarefa como humanos é superar o medo. Podemos começar pelos medos conscientes." [ACIM195]

Se há um obstáculo fundamental que induz todos os outros, é o medo. Cada obstáculo tem sua raiz em algum medo. Se esse medo puder ser enfrentado e dissolvido, o obstáculo desaparece. Uma liberação mais ampla do medo pode remover vários obstáculos ao mesmo tempo. Dissolver os medos do seu caráter é a ação mais eficaz que você pode tomar para eliminar seus obstáculos pessoais.

A névoa de medo por trás de seus obstáculos pode ser difícil de reconhecer à primeira vista. Normalmente, ela se encontra logo abaixo do nível da consciência comum, onde a mente consciente não a percebe, tornando-a oculta e negada. No entanto, uma vez plenamente reconhecido, o medo não é um conceito difícil de aceitar e lidar, pois não "faz sentido" para a mente consciente.

Os medos são perturbadores porque tendem a se cristalizar na personalidade, induzindo um apego excessivo ao ego (uma visão limitada de quem você pensa que é), uma mente desregulada (ruído mental) e vários apegos (necessidades e desejos desnecessários). Essas características podem ser vistas como indicadores gerais dos medos que você carrega.

Os medos específicos podem ser detetados em si mesmo porque emitem sinais de confusão, angústia ou contradição. Inicialmente, esses sinais costumam ser

considerados externamente causados; você pode sentir a tentação de atribuí-los a outras pessoas ou ao seu ambiente imediato, em vez de a si mesmo, negando, assim, a responsabilidade por eles. No entanto, as atitudes e crenças geradas por essa negação são mais fáceis de detetar do que os próprios medos, tornando-se os melhores indicativos de que os obstáculos estão pedindo atenção. Ao examinar esses avisos, você pode identificar os obstáculos subjacentes e ver quais medos estão por trás deles.

As consequências de dissolver os medos são sempre positivas. Cada medo removido da sua vida permite que mais amor se manifeste de diversas maneiras, e o amor adicional dissolve outros medos com mais eficácia do que qualquer outra coisa. Esse amor não é algo que você cria diretamente, é claro; você não pode forçar-se a amar alguém ou algo. O amor já existe dentro de você e apenas aguarda ser despertado e liberado. No entanto, você pode escolher remover qualquer obstáculo que esteja bloqueando a manifestação desse amor.

Esse é um trabalho que está sob o seu controle consciente e que pode ser realizado da maneira descrita anteriormente.

Fontes de Apoio

Enquanto você segue seus valores e ideais escolhidos, se esforça para reconhecer seus objetivos, trabalha em direção às suas metas e busca melhorar constantemente suas atitudes e comportamentos, a ajuda está sempre disponível. Ninguém está verdadeiramente separado do suporte interno e externo ao longo de seu caminho pessoal de crescimento.

Dizemos que cada pessoa deve "caminhar sozinha" em sua longa jornada rumo ao despertar e à perfeição última, mas isso não significa que você não possa recorrer a orientação e apoio ao longo do caminho. Você está sozinho apenas no ato de escolher seguir esse caminho.

A sociedade ocidental moderna é abundantemente rica em recursos para auxiliar o buscador e o aprendiz. Entre as formas de apoio disponíveis estão relacionamentos humanos íntimos e confiáveis, uma grande variedade de livros, cursos e programas de mídia, e diferentes tipos de aconselhamento e psicoterapia, para citar apenas alguns. No entanto, todas essas são secundárias em relação à confiança pessoal na oração, na intuição e na prática da atenção plena (mindfulness)—contanto que

sejam feitas com abertura, entrega e confiança suficientes para que possam realmente funcionar.

Aqui estão alguns tipos específicos de apoio aos quais você pode recorrer:

- Apoio inspiracional: O suporte mais forte vem diretamente do segundo plano, sob a forma da presença interna chamada de Cristo, Espírito Santo ou simplesmente Deus. Você pode reconhecê-lo como uma onda de puro amor ou luz, um surto de energia inspiradora, um estado de ser perdoado ou profundamente amado. Se souber como, pode invocá-lo a qualquer momento, em qualquer lugar, em qualquer estado emocional e em qualquer estágio de crescimento pessoal e essencial.

Essa ajuda é garantida sempre que for solicitada: "Pedi, e recebereis; batei, e abrir-se-vos-á" [196] foi a forma como Jesus colocou essa promessa, assim como sua garantia: "Eis que estou convosco todos os dias" [197].

No entanto, essa oferta não se limita a Jesus—ela pode ser encontrada em todas as tradições espirituais. Funciona através da presença refinada do amor dentro de você, não por meio de algo externo. Você se conecta a ela simplesmente abrindo-se para recebê-la.

- Apoio social e religioso: O apoio externo pode ser encontrado nas instituições humanas. Centros de aconselhamento e agências similares oferecem terapia e diferentes formas de aconselhamento, desde técnicas práticas para lidar com obstáculos até mudanças profundas na personalidade e na cura emocional, para aqueles que estão recetivos a esse tipo de ajuda.

As religiões, incluindo o cristianismo, oferecem uma variedade de prescrições éticas e morais, além de vários conceitos de Deus, permitindo que as pessoas escolham aquilo que mais se alinha com suas crenças e necessidades. Cada tradição envolve diferentes sistemas de crenças, doutrinas, mandamentos e formas de intermediação entre o indivíduo e o divino.

Todas essas abordagens são válidas e úteis à sua maneira, dependendo do momento, da pessoa e da situação.

Os mestres da sabedoria: Se você for mais inclinado ao misticismo, os aspetos esotéricos das tradições religiosas e filosóficas oferecem sistemas de pensamento

mais ou menos estruturados, mais abertos e menos comprometidos, bem como formas refinadas de ensinamentos inspiradores e meditativos. Um valioso suporte pode ser encontrado em conselheiros individuais e mestres de sabedoria nas tradições do cristianismo esotérico, budismo, taoísmo, sufismo e vedanta, por exemplo. Muitos mestres espirituais modernos dessas tradições estão disponíveis hoje, tanto pessoalmente quanto por meio de seus escritos. (Você pode explorar algumas dessas opções nas referências listadas na seção de Leitura Recomendada no Apêndice.) A Bíblia cristã ou outra pode ser uma fonte válida, embora a maioria das pessoas as ache difíceis de interpretar sem um professor qualificado. O benefício pode estar mais no professor do que no livro sagrado em si.

Práticas regulares: Para realizar as tarefas mencionadas, práticas pessoais regulares, como oração, meditação, devoção, trabalho com os sonhos, prática da atenção plena, certas disciplinas físicas e vários exercícios espirituais relacionados, podem ser muito úteis. Jesus enfatizou a oração solitária e a contemplação silenciosa. Todas essas práticas se fortalecem mutuamente, assim como outros esforços de crescimento. Seguir qualquer prática de aprimoramento pessoal diariamente certamente terá efeitos positivos, pois leva a uma maior autoconsciência.

Revisão

"A única coisa exigida no caminho espiritual é o seu compromisso com a verdade, seu anseio por encontrar o amor por si mesmo e pelo amor de Deus. Esse único compromisso o levará para casa, independentemente de quantas coisas descuidadas você faça." [Emmanuel198]

Essa visão ampla do desenvolvimento humano, descrita acima, é oferecida como uma estrutura dentro da qual você pode se situar e contra a qual pode testar suas crenças e sua consciência sobre seu estado atual de evolução interior: o que você já aprendeu, o que ainda está trabalhando e o que surgirá em seguida para sua atenção. O longo processo de expansão da consciência é universal, a jornada de todos e a única possibilidade neste nível terrestre. Todos nós faremos bem em realizá-lo da melhor maneira possível.

Esse processo de crescimento pode parecer complexo e pesado, mas, novamente, não é muito mais do que uma versão adulta de como as crianças pequenas amadurecem na adolescência e depois envelhecem. Elas aprendem sobre seu mundo experimentando-o, com um pouco de orientação e ajuda protetora de pais, amigos e

outros com quem se relacionam. Gradualmente, tornam-se mais conscientes e responsáveis por seus pensamentos, escolhas e comportamentos, mesmo que façam isso em grande parte inconscientemente.

Raramente escolhemos crescer rumo à sabedoria com plena consciência e intenção. Em vez disso, normalmente tomamos decisões imperfeitas, reagimos à dor e geralmente atribuímos nosso sofrimento a circunstâncias externas em vez de a nós mesmos. No entanto, quando assumimos o controle pessoal de nosso processo de aprendizado, alcançamos nosso crescimento de forma mais direta, consciente, responsável e alegre, reduzindo assim o sofrimento.

Os princípios e explicações apresentados acima são declarados de forma objetiva e dogmática como pontos de informação, dando a impressão de que você deve aceitá-los como verdade e agir com base neles com algum tipo de fé. Essa interpretação é um aspeto infeliz do modo de apresentação escrito, pois nossa intenção é outra. As informações aqui oferecidas são principalmente ideias, possibilidades e gatilhos para sua própria evolução da autoconsciência.

Instamos fortemente que você as reconsidere dessa maneira e avalie sua validade por si mesmo. Aceite-as como crenças, se desejar, reconhecendo que todas as crenças são apenas etapas intermediárias para o conhecimento. Você nunca é obrigado a seguir qualquer sistema proposto de aprendizado ou qualquer conjunto específico de etapas. Você escolhe seu próprio caminho.

A estrutura espiritual delineada aqui, juntamente com suas várias implicações, é simplesmente uma declaração de como o mundo—seu mundo—está funcionando, de maneira ampla e de acordo com as mais altas autoridades disponíveis. Você é convidado a contemplá-la, adaptá-la à sua própria visão interior e cooperar com ela na medida em que achar adequado. Ou pode optar por rejeitá-la inteiramente e elaborar sua própria abordagem.

Estabelecer-se no seu caminho único não é tanto uma questão de pensamento, deliberação, crença, persuasão e argumento, mas sim um simples reconhecimento do que é verdadeiramente real em seu mundo e, então, escolher como você se relacionará com esse reconhecimento. Você não questiona ou delibera se deve respirar o ar ao seu redor, e não serve de nada ressentir-se ou lutar contra o ambiente maior—físico, familiar, social—em que você se encontra, tentando mudá-lo para se encaixar em você. Uma opção mais sábia é reconhecê-lo, aceitá-lo como é e aprender as muitas maneiras pelas quais ele pode servi-lo. Para orientação nessa

tarefa, ouça atentamente sua essência—um ato maioritariamente intuitivo—e então avance sob sua sutil orientação. Afinal, sua essência está focada inteiramente em seu próprio crescimento, e, portanto, no seu crescimento. Ela não se preocupa com as várias condições terrenas, que são apenas meios e auxílios temporários para esse crescimento.

Jesus e o Crescimento Pessoal

"E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará." 199

Jesus foi um ser humano grandioso, não apenas por sua pregação, seu confronto com a ordem estabelecida, seu sacrifício excecional, suas muitas curas e feitos incomuns, ou pelos inúmeros ensinamentos sábios atribuídos a ele. Ele foi grandioso por causa da profunda compreensão que possuía e trouxe à humanidade sobre o que significa ser verdadeiramente humano. Suas palavras e os acontecimentos de sua vida, incluindo sua morte e ressurreição, atestam essa mensagem central, que pode ser resumida assim:

No âmago de nossos seres, todos nós somos manifestações de Deus, iguais em potencial e livres para fazer escolhas sobre nosso próprio destino e o caminho que trilhamos para alcançá-lo. Nossa maior realização está em reconhecer e aceitar esse estado de ser e tudo o que ele implica. Esse é o nosso chamado, como indivíduos, como sociedades e como espécie. Em essência, somos convidados a recuperar nossa divindade original. Ao fazer isso, herdamos todos os benefícios e a plenitude que acompanham esse reconhecimento.

A vasta lenda religiosa inspirada por Jesus emergiu de forma tangencial a essa compreensão profunda. Ainda hoje carregamos seu resquício, de várias formas, e ele continua a inspirar aqueles que escolhem se conectar a ele. Aqueles que o fazem têm a liberdade de transcender as limitações do pacote religioso herdado e criar para si mesmos uma espiritualidade renovada.

Um *NOVO JESUS*? Sim, certamente. Mas não é Jesus quem é novo, pois ele não mudou. O que pode ser novo é a maneira como você o percebe e como compreende as lições que ele ensinou — isto é, novo para você. Você pode ouvir sua mensagem central e permitir que ela o transforme e renove?

Essa mensagem fundamental soa clara e poderosa para aqueles que escolhem ouvi-la: a sua tarefa como ser humano na Terra é aprender a amar a todos e a todas as

experiências, priorizando isso acima de todas as alternativas possíveis e sem impor nenhuma condição. É uma jornada longa, mas ao final dela você terá aprendido a amar não apenas seu cônjuge, seus pais e filhos, seus amigos, colegas e vizinhos, Deus e sua pátria — incluindo aqueles que você não gosta ou odeia, e até aqueles que lhe causam dor —, mas também seus inimigos (como Jesus exigiu) e qualquer outro ser humano, objeto, lugar, animal, aflição ou situação que você possa agora desprezar. Você aprenderá a amar a si mesmo, pois esse amor já está dentro de você e apenas espera ser libertado.

Se você não tem clareza sobre o que é o amor, pratique suas qualidades derivadas: compaixão, bondade, gratidão, perdão, misericórdia, serviço, não violência, aceitação e outras virtudes discutidas anteriormente. O amor mais profundo e genuíno se tornará conhecido para você.

O que está despertando em você, na verdade, é sua capacidade de amar. Esse amor já existe dentro de você, apenas esperando ser reconhecido. Ele pouco tem a ver com o que você encontra digno de ser amado — as coisas que ama são apenas veículos temporários de aprendizado, destinados a ensiná-lo a amar cada vez mais da totalidade da Realidade em que você se encontra. Esta é sua tarefa primordial nesta vida — e em todas as suas outras vidas terrenas também. Tudo o mais que você possa escolher fazer é secundário a esse objetivo transcendente.
Aqui reside a verdadeira salvação.